



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E TERRITÓRIO

ANA ROSA CARVALHO DE OLIVEIRA

**DO OUTRO LADO DA TELA: DO CONSUMO DE TELENVELAS À
SUBJETIVIDADE PERIFÉRICA DAS MULHERES EM ARAGUAÍNA – TO.
UMA DISCUSSÃO SOBRE RECEPÇÃO E INTERSECCIONALIDADE.**

ARAGUAÍNA-TO
2019

ANA ROSA CARVALHO DE OLIVEIRA

**DO OUTRO LADO DA TELA: DO CONSUMO DE TELENVELAS À
SUBJETIVIDADE PERIFÉRICA DAS MULHERES EM ARAGUAÍNA – TO.
UMA DISCUSSÃO SOBRE RECEPÇÃO E INTERSECCIONALIDADE.**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Estudos de Cultura e Território sobre a orientação do professor Drº Plábio Marcos Martins Desidério.

ARAGUAÍNA-TO
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- O48d Oliveira, Ana Rosa Carvalho de .
DO OUTRO LADO DA TELA: DO CONSUMO DE TELENOVELAS À
SUBJETIVIDADE PERIFÉRICA DAS MULHERES EM ARAGUAÍNA – TO.:
UMA DISCUSSÃO SOBRE RECEPÇÃO E INTERSECCIONALIDADE. / Ana
Rosa Carvalho de Oliveira. – Araguaína, TO, 2019.
135 f.
Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
em Estudo de Cultum e Território, 2019.
Orientador: Plábio Marcos Martins Desidério
I. Mediação. 2. subjetividade. 3. interseccionalidade. 4. Mulher. I. Título

CDD 306

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

ANA ROSA CARVALHO DE OLIVEIRA

DO OUTRO LADO DA TELA: DO CONSUMO DE TELENOVELAS À
SUBJETIVIDADE PERIFÉRICA DAS MULHERES EM ARAGUAÍNA – TO. UMA
DISCUSSÃO SOBRE RECEPÇÃO E INTERSECCIONALIDADE.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território foi avaliada para obtenção do título de Mestra em Estudos de Cultura e Território e aprovada em sua versão final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data da aprovação 25 / 09 / 2019

Banca Examinadora



Dr Plábio Marcos Martins Desidério
(Orientador, UFT)



Dra Gleys Iaily Ramos dos Santos
(Membro Interno, UFT)



Dra Josefina de Fátima Tranquilin Silva
(Membro Externo, UNISO)

Dra Kênia Gonçalves Costa
(Membro Suplente, UFT)

Dedico este trabalho para as mulheres, que dentro de nossas pluralidades possamos ser respeitadas a partir de nossas singularidades. Dedico as mulheres negras que são resistência às forças de opressão que tanto reviram suas vidas. E desejo a nós, mulheres brancas que possamos estar em constantes reflexões sobre nossos privilégios e a nossa branquitude. Até que todas sejamos livres!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente as forças do universo, que a tanto me acompanha, me ajuda, me abençoa. Que esteja sempre conosco!

Agradeço a Méa Lima que tanto me ajudou na escrita do projeto, de diários de campo e desse trabalho e, com amor me mostra que a trajetória, em muitas vezes, é mais importante que o final, que sem ela não conseguiria atravessar a linha. Enquanto antropóloga, amiga e amor foi essencial no meu trabalho, sem você não aconteceria, desde o começo. Que o amor sempre nos presenteie com bons momentos, boas risadas e boas reflexões, que assim seja, por que assim é.

Agradeço a amorinha Renata Petarly, que tanto gasta seu tempo, e vice-versa, por que somos recíprocas, falando, explicando e trocando ideias sobre gênero, mulheres, feminismos e a vida em experiências, escolhas e trabalhos. Acreditamos juntas em um mundo mais feminista e mais igualitário.

Ainda aos amigos de amor que conquistei nesse Estado, que hoje é minha casa, gratidão por fazer esse lugar mais aconchegante, Maiza Lobo e Rodrigo Gomes.

Agradeço aos meus amigos que conquistados nesse processo de mestrado, em que estamos sempre presentes em cuidado e tornando esse processo mais leve e amoroso, ao meio de tantos percalços descobrimos que as conquistas chegam. Cassio Cipriano, Ghiovana Rosa, Wenas Silva, e Kerlly Regina desejo sucesso para a caminhada que procederá. Por que gentileza gera gentileza.

À Santiago Abel, gratidão por aprendizado, pelo intercâmbio cultural, que por vezes me fez crescer e entender o mundo além desse visto e vivido. Por reflexões e crescimentos pessoais e emocionais. Por dividir as dores e as felicidades de uma casa com gatos, namoros, confusões e por fim, a vida de mestrandos.

Às amigas que tiveram presente em conversas, amores, planejamentos e força, meus profundos sentimentos de gratidão, pois nessa caminhada da vida vocês são fundamentais. São elas Mirela Borges, Fernanda Oliveira, Marina Salgado, Paulo Coutinho.

Às amigas de infância que trocamos amor e carinho sobre a vida, obrigada por estarem e permanecerem fortes na vida, Anna Carolina Lima Chaves e Andréa Souza.

A minha família que sempre esteve comigo, vibrando em todos os momentos, e me abraçando quando precisava, nas dores e nas alegrias. Amo tanto, meu coração vibra, sem vocês tudo seria mais difícil. Eterna gratidão por sempre acreditarem em mim enquanto pessoa, filha, irmã e tia. Sem vocês minhas conexões mentais não seriam as mesmas, sobre como cuidar, como entender e a amar. Vocês são necessários e fundamentais nessa existência

terrestre. À Isabel e Nereu meu casal de amor. À Ialy, João Luiz e José Luiz seres de luz que transmutam sempre minha energia com tanto amor, risadas e as besteiras que gostamos em comum.

Ao meu orientador que teve tanta paciência, sempre pronto e disposto a me ajudar, me organizar e entender entre conceitos e reflexões sobre a vida, bem como “tudo é passageiro e relativo”. E com carinho, desejo sempre que se questione sobre a masculinidade e os privilégios que nos rodeia.

Ainda agradeço a Gleys Ially Santos, por ser referência e mesmo sem saber, me inspira muito em suas posições na universidade enquanto mulher negra e feminista, elevando as discussões na comunidade científica mostrando que lugar de mulher é na educação, na ciência, na política e onde quisermos. É uma honra suas contribuições ao meu trabalho.

Ainda o prazer de conhecer e mesmo de longe Josefina Tranquilin, Fina, como suas contribuições foram diretas e reflexivas ao meu trabalho, gratidão por aceitar o convite. E reitero que uma banca composta por mulheres traz uma suavidade nas considerações e apontamentos, de uma forma direta e compreensiva, que impulsiona e rememora o sentimento de capacidade, compreendendo a relevância das discussões. Um trabalho sobre mulheres, feito para as mulheres, com contribuições de mulheres, e essa era a ideia. Que possamos ressignificar os espaços e deixar mais feminista, mais plural e mais negro.

RESUMO

O processo de recepção envolve quem e como se assiste televisão, a compreensão do conteúdo televisivo será mediado a partir do lugar social em que se está. Nesse sentido as trajetórias e vivências sociais são construídas a partir deste complexo componente, que dará lugar a constituição da subjetividade. À luz da etnografia feminista acompanhamos o processo de recepção de telenovelas com as mulheres, interlocutoras dessa pesquisa, enquanto sujeitas periféricas, evidenciando as construções de gênero e de raça que as atravessam. A construção da subjetividade se dá através das especificidades que nos tornam sujeitas de nossas trajetórias e experiências, então podemos dizer que a periferia são constituintes das subjetividades as quais perpassam as identidades das nossas sujeitas de pesquisa principalmente quando levamos em consideração a interseccionalidade. Assim, construímos nossa narrativa a partir do cotidiano observando os processos discursivos, e como ele é percebido e recebido tendo a mediação como atravessamento no processo de linguagem até adquirir sentido e significado.

Palavras-chaves: mediação, subjetividade, interseccionalidade, mulher.

ABSTRACT

The reception process involves who and how television are watched, the understanding of television content will be mediated from the social place in which one is. In this sense, the trajectories and social experiences are building from this complex component, which will give rise to the constitution of subjectivity. In the light of feminist ethnography, we follow the process of receiving soap operas with women, collaborators of this research, as peripheral subjects, highlighting the gender and race constructions that cross them. Understanding that the subjectivities built from the periphery permeate their identities, the intersectionality of gender and race mark these subjects, in their subjectivities and in the formation of inequalities present in society. Thus, we build our narrative from everyday observing the discursive processes, and how it is perceived and received having mediation as a crossing in the language process until acquiring meaning and meaning.

Keywords: mediation, subjectivity, intersectionality, woman.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO | 15 |
| INTRODUÇÃO | 24 |
| CAPÍTULO 1- EXPERIÊNCIAS E SIGNIFICADOS: DISCUTINDO AS SUBJETIVIDADES E TRAJETÓRIAS A PARTIR DA TERRITORIALIDADE | 36 |
| 1.1. Mulheres construindo e negociando as culturas populares | 41 |
| 1.2 A vivência do território: mulheres protagonistas | 50 |
| 1.3 O caminho | 59 |
| 1.3.1 Percurso da pesquisa – ninguém solta a mão de ninguém | 61 |
| CAPÍTULO 2 – PERIFERIA e SUJEITOS PERIFÉRICOS? | 64 |
| 2.1. O retrato da periferia: como foi construída? | 64 |
| 2.2 “Periferia é periferia em qualquer lugar?” | 72 |
| 2.3. Processo da recepção e territorialidade: o que significa? | 84 |
| 2.4 As mulheres da periferia (r)existe! | 88 |
| CAPÍTULO 3 - SOBRE A TELENOVELA: CONSUMO E SENTIDOS NA RECEPÇÃO. | 97 |
| 3.1. Da televisão à telenovela, o sentido construído. | 100 |
| 3.2 Cuidam-se: elas por elas | 112 |
| 3.3 Recepção e processos televisivos | 122 |
| 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 129 |
| REFERÊNCIAS | 132 |
| APÊNDICE - RESUMO DAS NOVELAS ACOMPANHADAS | 137 |

APRESENTAÇÃO

Eu, Ana Rosa Carvalho de Oliveira, filha de pai branco e mãe negra, migrantes do nordeste brasileiro e moradora de periferia desde a infância, sou consciente de todos os meus privilégios enquanto mulher fenotipicamente branca. Ao escolher falar sobre mulheres moradoras da periferia escolho também falar de mim, do lugar de onde nasci e vivi a maior parte da minha vida, no entanto compreendo que as mulheres que compõem as histórias que contaremos aqui tem especificidades de raça e classe que não me atingem.

Nascida na década de 90 e vinda de uma família de classe média, morar na periferia era a “escolha” que cabia no orçamento. Cinco anos após meu nascimento, meu pai e a minha mãe adquiriram um imóvel numa quadra chamada 38 (vulgarmente chamada três oitão), no Guará 2, uma cidade-satélite do Distrito Federal. Aquele momento, financeiramente, representava a nossa maior conquista, um lugar espaçoso, sinal claro de mobilidade social e uma demonstração de ascensão econômica para minha família. A formação da quadra onde morávamos se deu a partir da ocupação ilegal ocorrida anos antes e mesmo passado todo processo de regularização, não era mais que um conjunto de casas desalinhadas e pouco padronizadas, incomum em relação a outras quadras da cidade.

Diferente do que se apresenta enquanto característica das periferias em outras grandes cidades, a organização da periferia nesta cidade-satélite, se deu de forma particular, as ruas estão situadas no entorno da quadra central, possui linhas de ônibus e outros serviços essenciais próximos ou com fácil acesso. Com o passar dos anos, sua população foi aumentando e foram sendo construídas outras quadras com as mesmas características estruturais.

Os anos 1995 a 2000, foram marcados por muitas brincadeiras na rua como futebol, pique-esconde, pique-pega, bete e andar de bicicleta. Éramos uma quantidade significativa e ficávamos na rua até tarde, entre brincadeiras e conversas. Os primeiros sinais de diferença, tanto de classe quanto de raça apareceram ainda na adolescência, os primeiros impostos pelos meus pais e a regra incidia sobre com quem eu poderia ou não andar, diante das diferenças de comportamentos e das sexualidades, ainda que eu não entendesse naquela época, o que isso significava. Dessa forma o tempo foi passando e as distâncias sociais e também físicas foram aumentando. Um dos colegas que brincava com a gente, o Bruno, perdeu o pai, ele era um menino negro com de treze anos de idade, filho mais velho, dividia uma casa de poucos cômodos com a mãe e mais seis irmãs, foi quando se viu obrigado pela necessidade a trazer

uma renda para sua casa, acabou se envolvendo com o tráfico de drogas e sendo preso anos mais tarde. Bruno é o mais próximo caso que vi, mas é resultado direto de uma sucessão de falhas no campo das políticas públicas, resultado do racismo institucional¹ e do abandono do Estado.

Como realidade vivida, Bruno, e outros meninos e meninas moradores da comunidade já entendiam o significado de estar na periferia e se posicionavam enquanto sujeitos periféricos, a discussão acerca desse lugar era feita a partir do repertório que eles tinham acesso, pois muitos desses elementos marcavam suas trajetórias pessoais, eram meninos e meninas negros e negras, que estudavam na escola pública, e moravam em casas pouco confortáveis, viam na música um refúgio para tudo que viviam, escutavam e discutiam a partir dos Racionais MC's² as suas condições sociais.

Enquanto isso eu estudava na escola particular do bairro, resultado do grande privilégio que “tinha”, pois os meus amigos de infância, agora adolescentes, muitos nem mais estudavam, nosso contato havia diminuído, agora nossas relações diziam respeito apenas cumprimentos. Dentro do espaço que minha família circulava e a vivência familiar construída o ambiente periférico era tido enquanto violento, suas ruas não eram bons lugares principalmente para as meninas, na escola o discurso girava em torno de ser bom o suficiente para alcançar o “sucesso” fora da periferia. Um espaço, que nos moldes destes discursos não poderiam oferecer nada que fosse bom. Houve um episódio marcante quando a mãe de uma colega da escola não a deixou ir em minha casa, pelo lugar em que eu morava.

Presenciei alguns momentos de violência como tiroteios, a polícia com intervenções nas casas daqueles que eram considerados suspeitos. E os indivíduos que estavam em suspeição eram os meninos/homens e mulheres/meninas negras e negros, para este grupo era comum a parada para revista e questionamento da polícia, mesmo que sobre eles não

¹ O racismo institucional está ligado a estrutura social, entranhado culturalmente sobre a diferenciação fenotípica e cromática, como aponta Guimarães (1995). Essa diferenciação gera distanciamento social e chancela as possibilidades e impossibilidades econômicas.

² Considerado o grupo de rap mais importante do país tem mais de duas décadas de história. Os Racionais MC's estão na ativa desde 1988, acumulam seis discos lançados entre estúdio e ao vivo, e figuram entre os principais responsáveis por colocar o rap nacional numa posição de honra diante de toda a variedade da música brasileira. A inspiração para o nome veio do disco “Racional”, de Tim Maia. Assim batizado, o grupo sempre deu a liga brasileira à black music gringa ao abordar a realidade das periferias urbanas de São Paulo com um teor político calibrado, tratando de temas como a violência policial, preconceito racial, criminalidade e miséria. Formado desde o início por Mano Brown, Ice Blue, Edy Rock e KL Jay, os Racionais MC's tiveram seu primeiro registro lançado na coletânea 'Consciência Black', do selo Zimbabwe Records. Disponível em <<https://ceert.org.br/noticias/historia-cultura-arte/2714/de-1988-a-2012-conheca-a-historia-do-rationais-mcs>> Acesso em: 13.07.2019.

houvesse nenhuma denúncia ou suspeita formal. Por sua cor de pele meus colegas e vizinhos tornavam-se o principal alvo da polícia.

Essa é a minha trajetória pessoal, sou marcada pela vivência dentro e fora da periferia, compreendo que detenho privilégios de raça e classe que me possibilitaram sair da periferia e perceber as questões que me marcaram naquela época, não que moradores da periferia não sejam capazes de analisar suas questões, o fato que é que esse privilégio por mim apresentado, me possibilitou vivências que muitos dos meus amigos de infância não tiveram acesso. Jovens, moradores de periferia, em sua maioria negros e pobres, só muito recentemente começaram a ocupar as cadeiras da universidade,³ espaço esse, que sempre foi ocupado principalmente por homens brancos, ricos e heterossexuais.

Ao buscar compreender a posição da mulher nestes espaços sociais nossa preocupação é também refletir como estas relações se constroem com e através delas, pensando desde as particularidades que estão presentes nesse processo. E como estas mulheres compartilham ideias e sentimentos dentro de realidades parecidas e práticas comuns às da minha mãe, e as mães de meus colegas que ali moravam e compartilharam a infância comigo. Dentro do meu privilégio, reconheço que é de onde posso contribuir.

Com isso, é importante apontarmos que nosso objetivo de pesquisa é compreender como as mulheres, moradoras de bairros periféricos e consumidoras assíduas de telenovelas, se percebem dentro de suas formações identitárias, trajetórias pessoais, suas experiências e práticas, bem como suas rotinas de consumo desse modelo de produto midiático televisivo, de modo a observar as representações e como diferenciam em suas realidades.

Para que haja uma pesquisa científica é necessária uma escolha teórico-metodológica, e uma linha de atuação que conduza o trabalho junto dos seus sujeitos/colaboradores/interlocutores de pesquisa. Deste modo, escolhemos as mulheres participantes desta pesquisa a partir daquelas que fazem parte do meu círculo social e que compunham os pontos de análise, como: gostar de assistir telenovelas diariamente, que estivessem ocupando vagas de trabalho considerados subalternizados e fossem moradoras da periferia.

No nosso primeiro contato eu fiz o convite para uma conversa sobre a pesquisa, para as mulheres que aceitaram expliquei como desenvolveria o trabalho de campo, a relevância

³ Guimarães (2003) faz um levantamento das desigualdades sociais que suprimem a população negra da educação. Dessa forma ele apresenta como as ações afirmativas, diante da luta do movimento negro, possibilitou uma entrada que ele aponta como “pequena absorção” dos jovens negros na educação superior.

deste e o tempo de observação com elas. Foi discutido a metodologia do campo, como quantos dias e quais os horários, deixando marcado toda essa parte técnica e uma conversa sobre a história de vida delas, esse foi o encontro considerado dia zero. Inicialmente discutiríamos a periferia enquanto lugar socialmente determinado, entretanto o campo requereu uma articulação e discussões a partir das vivências destas mulheres, optamos por seguir a construção das suas subjetividades uma vez que estávamos querendo investigar como elas significam as representações que assistem nas telenovelas a partir de suas rotinas, experiências e vivências nesse lugar.

Desta forma, ao compreender suas particularidades e ser informada sobre suas rotinas, escolhemos a etnografia como método mais apropriado, razão pela qual, em uma pesquisa de recepção é necessário que se observe o cotidiano e as mediações que lhes apresentam, considerando o caráter multidimensional para que sejam compreendidas as relações de poder estruturadas e históricas, como afirma Maria Immacolata Vassallo de Lopes (1996)⁴. A etnografia possibilita um olhar mais cauteloso com as categorias de análise como representação, interseccionalidade (gênero, classe e raça) e cotidiano, principalmente quando falamos de uma etnografia feminista.

O estudo das telenovelas, uma análise do cotidiano a partir da esfera doméstica, deixa escapar como e onde acontece, em sua maioria, a recepção do consumo midiático, disputando com outros meios de consumo de mídia hoje tão comuns, tais quais, celulares e computadores. Segundo Lopes (1996, p. 44) a mediação assume um lugar de meio em que a transmissão da telenovela, ou da comunicação em geral, inicia o processo e o cotidiano assume uma relação estreita para a compreensão do que se está passando na televisão, pois os sentidos serão entendidos e apreendidos. Desta forma, “[...] os diferentes modos de ler estão muito ligados às tradições, preocupações e expectativas da vida prática, incorporando-se, muitas vezes, a ela nas discussões familiares, alterando valores e comportamentos [...]”.

Esses comportamentos são construídos a partir das práticas no cotidiano, a pesquisa de recepção entende que o sentido construído vai além de como e com que intencionalidade é produzido, bem como a relevância de como se recebe esse sentido. Dessa forma as práticas sociais produzem o sentido, não apenas a cultura hegemônica, que a partir dessa articulação compõe a significação e o processo de recepção como um todo. Michel de Certeau (2009)

⁴ Nesse trabalho, por questão metodológica, colocaremos os nomes das autoras completos na primeira citação, na qual entendemos a necessidade dessa representação e identificação das mulheres para os trabalhos no campo científico, evidenciando as autoras.

ressalta que o cotidiano é construído a partir de um conjunto de práticas significantes na qual o comportamento social é moldado a partir de elementos que permeiam a leitura e a linguagem.

Pensando a partir disto trataremos aqui das mulheres que comporão nossa pesquisa. Dentre as mulheres colaboradoras/interlocutoras, Maria não conseguimos dar continuidade, pois ela tinha que acompanhar a mãe que estava em um estado de saúde debilitado, entre idas e vindas ao hospital, mas estivemos juntas em uma roda de conversa sobre telenovelas, meses depois. Nessa roda de conversa estivemos reunidas para falar sobre as preferências de novela, um grupo composto por sete mulheres que gostam e assistem novelas e trabalham na Universidade Federal do Tocantins – UFT. Dentre elas houve as que assistiam novelas quando chegavam em casa, que acompanham pela internet e as que assistiam quando tinham tempo após a realização das tarefas domésticas. Isso nos trouxe a dimensão de como a telenovela compõe o cotidiano dessas mulheres organizadas em seus horários e gostos.

Em nossa roda de conversa, fizemos uma tarde de diálogos com sete mulheres que trabalham nos serviços gerais da universidade, são elas: Maria Félix, Carmelinda, Ezilda, Isabela, Camila, Francisca e Juscilene. Nessa tarde foi possível saber quais novelas elas assistem, quais elas gostam, em quais horários assistem, perceber suas rotinas para esse momento, entendendo quando assistem ou não, e ainda o que as fazem gostar ou não das telenovelas. Foi possível ainda observar as relações delas com as configurações familiares, de raça e de classe dentre as associações feitas a partir da novela.

A abertura do diálogo com outras mulheres nos permitiu conhecer melhor a Maria, a participante que não conseguimos acompanhar enquanto interlocutora fixa. Maria Félix é uma mulher negra, é animada, porém calada. Ela é casada, tem dois filhos e mora com o marido e a filha no setor Raizal. A mãe dela mora ao lado de sua casa, o que facilita o acesso dela quanto ao cuidado e atenção.

As demais mulheres são: Carmelinda, que mora no setor Itaipu com o esposo, três filhos e quatro netos. Carmelinda é branca, com cabelos cacheado, tímida e sorridente. Ezilda é negra, calada e sorridente, sempre solícita, mora com os cinco filhos no Lago Azul 4, um bairro fruto do Programa Minha Casa Minha Vida, do Governo Federal. Já Isabela é uma mulher branca, mora na rua dois de julho, centro, com esposo e com a filha de dois anos. Camila é uma mulher negra e mora no Jardim Boa Vista, com o pai que se mudou a pouco tempo e lembra como era bom morar sozinha. Francisca, mulher negra, é tímida e só fala

quando solicitado, mora no Lago Azul 1, com dois filhos e o seu pai, que vai a sua casa de mês em mês. Juscilene é jovem, negra e mora sozinha no setor Raizal. São essas, portanto, as colaboradoras a partir da roda de conversa.

Já a pesquisa de campo, realizada com as outras interlocutoras, se deu durante seis (6) meses, com encontros uma vez por semana. Com Mariza Gomes de Souza acompanhei a novela das nove, “Do outro lado do Paraíso”⁵, que para ela essa novela era a mais legal de trama e enredo de todas que estavam no ar. A novela apresentava um recorte regional, pois se passava no Tocantins e Mariza deixava claro que para ela aquele Tocantins não representava o da sua vivência. Acompanhamos também a primeira semana de “Segundo o Sol”⁶. Com Francinete Maria Barbosa Alves a rotina era diferente, a novela das seis “Orgulho e Paixão”⁷ era o melhor horário, pois era o intervalo entre o lanche das suas filhas e a janta. Izaete Pereira Alves, por preferência de novela, iniciamos com a novela das seis, “Espelhos da Vida”⁸, que assistimos o último capítulo, então assistimos de modo regular a novela das sete, “Verão 90”⁹, era a que ela mais gostava, achava animada e com boa história. De acordo com gostos e rotinas, essa foi nossa a escolha, passando por várias novelas compomos a trajetória de pesquisa em sua abordagem e análise.

Quadro 1- Quadro Síntese das Interlocutoras

| NOME | BAIRRO | PERÍODO DA PESQUISA |
|-------------|------------------|-----------------------------|
| Camila | Jardim Boa Vista | Roda de Conversa |
| Carmelinda | Setor Itaipu | Roda de Conversa |
| Ezilda | Lago Azul 4 | Roda de Conversa |
| Francinete | Costa Esmeralda | Abril, maio e junho de 2018 |
| Francisca | Lago Azul 1 | Roda de Conversa |
| Isabela | Centro | Roda de Conversa |
| Izaete | Bairro Eldorado | Março, abril e maio de 2019 |

⁵ A descrição da novela está no APÊNDICE.

⁶ Supra.

⁷ Supra.

⁸ Supra.

⁹ Supra.

| | | |
|-----------|--------------|-----------------------------|
| Juscilene | Setor Raizal | Roda de Conversa |
| Maria | Setor Raizal | Roda de Conversa |
| Mariza | Alto Bonito | Abril, maio e junho de 2018 |

FONTE: Dados da pesquisa.

Importante apontar que nossa investigação e atuação no campo de pesquisa foi durante seis meses, sendo dividida em duas partes. A primeira parte teve início no ano de 2018 e transcorreu nos meses de abril, maio e junho, com Mariza e Francinete as primeiras interlocutoras e de quem falarei mais detidamente nos próximos capítulos. A segunda parte com Izaete no ano de 2019, nos meses de março, abril e maio. Os relatos estão descritos a partir de diários de campo construídos em todos os encontros. Pensando nos lugares que as interlocutoras da pesquisa assumem, nos lugares em que elas foram socialmente submetidas, é de extrema importância apresentá-las de modo a compreender que quando elas confiaram a pesquisadora parte de suas experiências não buscavam a dó ou a piedade, mas a dignidade de serem vistas e ouvidas com o respeito com que poucas vezes foram tratadas.

Mariza, nossa primeira interlocutora, é uma mulher negra, autodeclarada parda, de quarenta anos de idade, estatura média e cabelos longos cacheados. Nascida em Babaçulândia ela se casou em 1993 e mudou-se para Araguaína neste período. Bem-humorada me recebeu em sua casa na noite do dia nove de abril de dois mil e dezoito e abriu sua história de vida para mim. Filha de pais com pouca instrução técnica, sua mãe estudou até o quinto ano do ensino fundamental e seu pai era analfabeto, mesmo com uma trajetória familiar de acesso restrito a educação, ela conseguiu cursar o ensino superior e hoje é formada em pedagogia, professora em escola pública municipal, tem uma filha adolescente e certo faro para política, em 2016 foi candidata a vereadora, mas acabou não se elegendo. Mariza mora no Setor Alto Bonito, um bairro fundado a partir de uma ocupação, nesse lugar ela e seu falecido marido compraram um terreno, e a partir disso começaram a se organizar com outros moradores junto aos órgãos públicos responsáveis de modo que a área seja legalizada e os moradores recebam a posse.

Com o marido falecido e morando na periferia da cidade, Mariza sabe e demonstra em suas falas as dificuldades de acesso a itens básicos de sobrevivência como saúde e esgotamento sanitário. E sente as diferenciações de acesso ao mercado de trabalho mesmo tendo curso superior. Os efeitos que atingem a vida da Mariza e outras tantas mulheres

negras, é resultado direto do racismo institucional aliado as diferenciações de gênero, discussões que travaremos nos próximos capítulos.

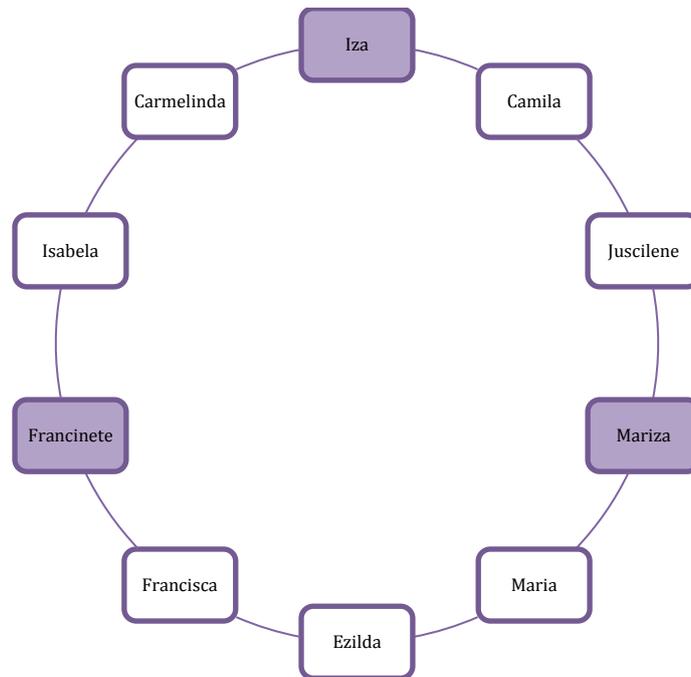
Nossa segunda interlocutora é a Francinete, uma mulher negra, que é chamada de Morena, e esse virou seu nome social. Nascida no Piauí, na cidade de Floriano, mudou-se para Oeiras, no mesmo Estado, e depois ainda criança, chegou em Araguaína. Com 35 anos de idade, Morena gosta de confraternizar com as suas amigas e sempre as encontra. É alegre e gosta de manter contatos próximos, gosta de festas e casa cheia. Parou de estudar, devido às dificuldades com que se esbarrou ao longo da vida, tendo que trabalhar ainda muito jovem, mas voltou os estudos com o incentivo do marido Abdias. Hoje ela estuda Biologia na UFT, pensando em um futuro melhor. Seu pai só sabia assinar o próprio nome, e não conseguia ler nada, já a mãe fez até a 3ª série, hoje segundo ano do ensino fundamental. Ela tem três filhos: Jhonatan, Thayla e Lara, moram no Setor Costa Esmeralda, um bairro que foi construído a partir do Programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida. Sua atividade econômica consiste em vendas, de doces e panelas, em associação com os vendedores que passam e deixam a mercadoria e depois buscam a prestação de contas.

Nossa terceira interlocutora é a Izalete, uma mulher negra de cinquenta anos de idade que tem três filhos. Iza afirma que descobriu seu corpo e suas potencialidades de raciocínio emocional e mental depois dos quarenta. Mora no setor Eldorado numa casa que adquiriu quando ainda era casada. Iza gosta de se divertir e está sempre animada, pensando em sua felicidade. Ela nasceu em Grajaú, uma cidade no Estado do Maranhão, em um vilarejo chamado Guariba, e aos seus doze anos seus pais se mudaram para Porto Novo, um vilarejo no Estado do Pará. Seus pais não tiveram acesso amplo a educação, sua mãe cursou até a quarta série, quinto ano do ensino fundamental e seu pai é analfabeto. Izalete, no entanto, têm cursos técnicos de Radiologia, Secretariado e Recursos Humanos. Sua atividade econômica é revendedora de produtos de beleza, cabeleireira e se declara “rei do fazer”, em referência a sua atividade artesanal de fabricação de sabão, xampu, extração de óleo.

A partir dessas mulheres e suas trajetórias, vamos investigar as subjetividades construídas por elas, em suas vivências e compartilhamentos feitos dos momentos de conversa que tivemos e da recepção das telenovelas. Nossa análise é qualitativa e a percepção acontece a partir da sensibilidade da pesquisadora para com as interlocutoras, analisando suas rotinas de modo a compreender suas realidades sociais desde a perspectiva de gênero, classe

e raça. A figura abaixo apresenta como os diálogos dessas mulheres se complementam, diante de suas trajetórias, vivências e experiências.

Figura 1 – Interlocutoras que entrelaçam os contextos.



Fonte: Dados da pesquisa.

Este trabalho, portanto, foi com base nas discussões abordadas por elas durante os encontros semanais e que tanto nos interessa nesta investigação, de modo a entender como as categorias de análise perpassam pela vida dessas mulheres, tendo a interseccionalidade de gênero, classe e raça como um norteador de todo esse processo. É importante salientar que essa dissertação, por ser fruto de um trabalho etnográfico e por todas as nuances por mim apresentadas anteriormente, está socialmente comprometida e tem uma escrita positivamente contaminada por experiências tanto minhas como das colaboradoras deste trabalho.

INTRODUÇÃO

Mulheres negras, em parte migrantes, moradoras da periferia de Araguaína, uma cidade localizada no norte do Estado do Tocantins, são elegidas segundo o critério de raça/classe/gênero como interlocutoras no processo de pesquisa. Nossas preocupações científicas nos levam a questionar como as mulheres sempre tiveram suas vidas, histórias e sociabilidades agenciadas por uma “política” de controle exercidos pelo machismo e patriarcado que dominam as sociedades acima e abaixo do globo terrestre há milênios. O posicionamento, fala e ação das mulheres no mundo ocidental, e por que não no oriental, esteve sempre controlado e agenciado pelas figuras masculinas tanto do pai, quanto do marido, acrescenta-se a isso as questões raciais e de classe social. Essa tríade exerce sobre a vida da mulher, mas principalmente a mulher negra moradora da periferia, uma perversa equação. Ao buscar compreender o consumo de telenovelas por essas mulheres é importante nos atentarmos a como vem sendo construídas suas subjetividades e como o conjunto de marcadores que pesam socialmente sobre seus ombros e marcam suas relações sociais.

A construção das subjetividades se dá através de especificidades que nos tornam sujeitos, em nossas trajetórias e experiências, que podem ser assimiladas por diferentes canais como mídia e cotidiano, segundo Stuart Hall (2003) as identidades são descentradas no mundo moderno, possibilitando várias identificações, isso só seria possível através do inconsciente e de como este assimila as várias informações que circulam com rapidez. Deste modo, é possível afirmar, que as mulheres são diversas em suas construções identitárias, garantindo desta forma, a diferença.

Neste sentido é importante apresentar como os feminismos têm contribuído para as mulheres na construção de suas subjetividades, o feminismo é uma ferramenta de luta por espaço nessa sociedade controladora e machista, mais que isso, busca igualdade de direitos, causando profundas fissuras na estrutura social, apontando reflexões a serem analisadas e organizadas sobre as relações de gênero. A perspectiva teórica do feminismo negro que usaremos preocupa-se retratar também as diferentes mulheres, partindo de suas peculiaridades e a diversidade dos feminismos que existem. Destacando como a política institucional e social quando orquestradas mudam a vida das mulheres, em suas estruturas básicas. O foco, é então, suas diversidades, subjetividades e outras questões que se interseccionam como ser negra, ser transexuais, lésbicas, bissexuais, pobres e outros.

Segundo Deepika Bahri (2013) os estudos feministas pós-coloniais apontam a possibilidade das mulheres do Sul poderem escrever suas próprias histórias. Desse modo ao analisar estas realidades percebemos as representações e as construções de suas próprias identidades. Ao falar desse lugar subalternizado imputado às mulheres, é importante apresentar as correntes pós-coloniais, que entende como indissociáveis as questões de gênero e raça das questões econômicas. Longas trajetórias de lutas foram travadas com discussões acerca de classe e subjetividades. Para compreender as mulheres desde suas particularidades, é preciso apresentar o papel das lutas trabalhistas ainda na década de 70, bem como a segunda onda do feminismo, que é marcada pela busca das mulheres brancas ao direito de trabalhar fora de casa. Uma vez que, para as mulheres negras isso já era regra, estas, no entanto apresentavam outras demandas, como racismo, direito ao corpo e reprodutivo, direitos trabalhistas, acesso à educação entre outros.

Ora, é preciso entender que, para as mulheres moradoras da periferia e principalmente as mulheres negras, a organização social imposta pelo Estado não funciona de forma incisiva, significa dizer que a elas faltam políticas públicas, incentivo e investimento, considerando que dentro da estrutura maior de organização social estas mulheres ainda estão na base da pirâmide. Ao analisar o cotidiano das mulheres que compõem a base piramidal sabemos que são as mais sofrem com as desigualdades, têm suas trajetórias marcadas pelo racismo e todas as violências já atribuídas ao gênero que impossibilita sua formação para compor os espaços retirando-as direitos que a muitos são garantidos.

A busca pela compreensão de como as mulheres se organizam e a partir de quais elementos, nos leva a pensar como o coletivo pode influenciar e marcar atitudes e comportamentos. Partindo da premissa que as mulheres tiveram um arcabouço cultural no qual desempenhavam tarefas que eram consideradas importantes, é possível pensar, segundo Miriam Aldeman (2004) que na modernidade foi construído um público de privilégios masculinizados, enquanto no privado não poderia surgir e foram a cada vez mais secundarizadas e subalternizadas. A dicotomia das esferas pública e privada é construída culturalmente dentro da lógica patriarcal, dessa forma o público é destinado aos homens e privado para as mulheres. Entendemos, nesse sentido, que o Estado é um gestor de “populações” e nesse lugar “tudo é político”, um termo cunhado pelo movimento feminista no final da década de 60 como aponta Diane Lamoureux (2009) que evidencia a relação de

poder, dominação e opressão em âmbito político, legitimando que a esfera privada age tal qual a política.

Portanto, o espaço privado assumido pelas mulheres é um espaço político e as questões que perpassam esse lugar são pessoais, nos faz afirmar que o “pessoal é político” estabelecendo a necessidade dos direitos sociais para as mulheres. Assim usaremos o termo “pessoal” e não “privado”. Dado que as mulheres negras em maioria exercem essas atividades subalternizadas sem um reconhecimento econômico e de direitos, em um ciclo violento do racismo e desigualdade.

Escolher apresentar o cotidiano das mulheres, suas histórias de vida e trajetórias sociais é um posicionamento político que visa proporcionar visibilidade a suas vivências, falas e posicionamentos que geralmente são negligenciados, compreendendo quem são essas mulheres que compõem esses espaços, considerando e discutindo classe e raça como variáveis preponderantes para compreendermos a formação da subjetividade na periferia.

Para estudarmos o cotidiano, no entanto, é preciso reconhecê-lo enquanto produtor não só de variáveis interessantes, bem como um espaço complexo onde as relações sociais emergem. Peter Kevin Spink (2008), questiona o cotidiano e como este se estabelece. Sua principal questão é: será que a expressão se refere a algo simplesmente mundano, uma parte corriqueira e irrelevante da vida, separada e distinta dos acontecimentos importantes ou, ao contrário, o cotidiano é tudo que temos? Acreditamos, que o cotidiano é fundamental na construção das narrativas que aqui apresentaremos e nos possibilitará empreender discussões para além da teoria, observando, entrando e saindo do dia a dia dessas mulheres, por sua vez a partir do cotidiano a mediação será analisada.

Trabalhar a partir da periferia é se deslocar dentro de um termo amplo, com diversos sentidos e aplicações nas mais variadas discussões. Para esse trabalho destaco como tem se dado a construção do sujeito periférico, suas características, atribuições sociais e como as mulheres estão ligadas a ele. O termo periférico está associado às atividades econômicas subalternizadas, que são historicamente atribuídas aos sujeitos moradores da periferia. Jessé Souza (2003) diz que essa formação da subalternidade é histórica e tem base colonizadora, ao questionar sobre a formação dessas subjetividades construídas a partir da periferia e o (des)amparo do Estado na corrida do desenvolvimento econômico.

Entender as diferenças na construção das identidades culturais faz com que haja uma compreensão da diversidade nesse campo. O interesse pela cultura ou manifestações culturais

de grupos ou sociedades é campo de atuação da Antropologia Cultural, Antropologia do Consumo/Recepção e dentro das vertentes deste campo de atuação estão os Estudos Culturais, que de modo geral buscam abordar a sociedade considerando o contexto em que elas estão inseridas e como os comportamentos dos grupos culturais, quando em movimentação, orientam e marcam o campo político que são antes de tudo espaço de disputas políticas. Ana Carolina Escosteguy (2018) aponta que foi nos Estudos Culturais britânicos que as tensões entre demandas políticas e teóricas ganharam maior força. É preciso entender como a discussão política sobre as demandas populares diante da organização social às reflexões teóricas da cultura se intersecciona com as relações políticas e sociais.

Os Estudos Culturais demonstram como se dá a relação entre cultura e a dimensão política apontando questões como identidade e representação, dando ênfase ao simbólico, mas sem se afastar das lutas políticas. A organização social e as relações, que são levantadas para essa discussão, têm encadeamentos interculturais como a hierarquização nas disputas sobre as mulheres, sejam nas relações familiares como nas relações sociais em geral, que se faz a partir da perspectiva sensível, desde a rotina até os espaços deliberativos, nas quais as mulheres se organizam.

Foi em Birmingham na década de 60 que os Estudos Culturais iniciaram-se institucionalmente com discussões sobre a vida prática dos trabalhadores, a fim de entender os processos sociais e políticos dessa classe, que no debate cultural eram nomeados “sociedade de massa”. Dessa maneira eles incorporam a discussão de mudanças na vida social, econômica e política, propondo uma leitura da classe trabalhadora a partir de valores e significados incorporados como padrão. As dimensões sociais, econômicas e políticas constituem as diferenças culturais na qual elas se articulam entre si, referendando as assertivas culturais, estabelecendo a hierarquia cultural, valorizando ou não componentes culturais que constitui a estrutura da cultura. (ESCOSTEGUY, 2018)

A cultura aparece enquanto local de convergência para esses estudos, contudo as especificidades eram encaradas de uma forma homogeneizadora, os centros das discussões giravam em torno dos valores morais, econômicos e sociais desse processo cultural. Nosso desafio é, neste contexto, entender e trazer o papel social das mulheres dentro das relações, compreendendo que são papéis subalternizados nas esferas sociais.

Os Estudos Culturais vão mostrar como politicamente as relações sociais se articulam com as práticas sociais, trazemos a análise da recepção e como ela acontece a partir dos meios

de comunicação, mas especificamente com as mulheres que assistem telenovelas. É na construção de sentido e através da recepção, que dependendo do lugar e das próprias experiências, essa linguagem midiática será interpelada e o entretenimento dialogará com a experiência cultural, já que na experiência midiática a telenovela é uma produção com uma linguagem específica, que constrói sentidos a partir de quem a assiste.

Sentidos estes que são compartilhados contribuindo para uma formação comum das pessoas enquanto coletividade e uma articulação de significados. O compartilhamento de classe que perpassa as subjetividades marcadas com a questão racial, faz com que ocorra uma produção de significado principalmente para quem vive em condições comuns. O entendimento dessas condições comuns e suas especificidades facilita a discussão acerca dessas experiências dos sentidos e como são articulados dentro da cultura, dialogando e entendendo o processo político econômico na construção comum da classe trabalhadora, que é a massa com quem esse diálogo é feito, dentro de uma linguagem hegemônica.

Jesús Martín-Barbero (2008, p.140) observa que “A ideia de cultura vai permitir à burguesia *cindir* a história e as práticas sociais – moderno/atrasado, nobre/vulgar – e ao mesmo tempo reconciliar as diferenças, incluídas as de classe, no credo liberal e progressista de uma só cultura para todos”. No entanto, as manifestações culturais são construídas através de linguagens e associações, uma vez que existe uma negociação de sentido a ser estabelecida, tendo em vista o processo de conformação normativa onde a mídia contribui para uma linguagem que tende a hegemônica as consciências e ideias num processo centrípeto.

Nesse sentido, entendemos que o consumo é construído enquanto processo midiático, dessa forma há uma análise a partir dos Estudos Culturais e da recepção. A recepção entende que o processo de consumo televisivo se dá na forma como é feita a significação desse processo no cotidiano e na formação das pessoas. A representação parte da realidade ficcional para a não ficcional, de como é o diálogo dentro do cotidiano e na construção de comportamentos, sendo produzida em cima de um capital que direciona para os interesses liberais de consumo. A representação é construída através dos discursos onde segundo Hall (2016) a linguagem é utilizada para expressar o mundo e para as pessoas representadas. Perceber a representação no discurso e como as colaboradoras e interlocutoras dessa pesquisa entendem isso no processo da recepção, direcionam ou não as informações ao seu modo de vida, como o acesso a serviços básicos, tais como a alimentação, onde há diferença da comida

que aparece na telenovela para o que se come diariamente em casa, entre outras perspectivas como o pensamento para o futuro das filhas.

Deste modo podemos observar que o processo de recepção não se dá apenas pela produção, ele envolve a subjetividade dos sujeitos, no processo de sentido a partir da vivência do campo coletivo, pensando na cultura que flui naquele ambiente familiar, mas também está presente em sua comunidade. Sobretudo para construir o trajeto de pesquisa, foi escolhido metodologicamente o conceito de recepção que é multidimensional, articulando as práticas sociais desde o cotidiano até a estrutura que escapa o controle delas. Uma vez que diante do cotidiano das mulheres há uma rotina de trabalho doméstico e tem a estrutura macro que se constitui com as relações de que as formam nesse lugar, uma questão patriarcal. Essa representação é observada nas telenovelas, uma vez que ainda há uma naturalização perante a mulher executando jornadas triplas entre trabalhos e tarefas.

No processo de recepção é relevante a linguagem televisiva observando os processos culturais e a circulação da informação enquanto linguagens significantes. Observando as possibilidades de recepção dessas mulheres, no interior de suas casas, em suas rotinas, considerando os dias que esse processo não acontece que elas estão em compromissos sociais. Como Mariza e o futebol, que ela adora, e por algumas vezes assiste a novela ouvindo o futebol pelo celular, Francinete que vai para a igreja com as filhas, e Izalete que tem eventos como sair com o namorado e qualquer atividade que a faça sair da rotina. Importante ressaltar a importância desses espaços de socialização que marcam suas identidades, até por que elas afirmam que as telenovelas são iguais, vai mudando uma história, mas o final é sempre previsível, e se perde um dia – um capítulo – não tem uma grande perda.

A rotina que as mulheres constroem para assistir novelas é um passatempo que elas gostam, assimilam e discutem todo o assunto retratado na telenovela a partir dos seus próprios valores sociais fazendo uma contraposição de ideias sobre o que é retratado nas telenovelas, como Maria, Camila e Juscilene que acham atual e pertinentes os temas abordados, quando Isabela acha que os temas são muito escancarados. Nesse caso é perceptível como recebem a mediação de forma diferentes, a partir do contexto social que vivem e fazem assimilações diferenciadas das linguagens e representações.

Salientamos, portanto, que o percurso metodológico é importante para que a discussão se fundamente, nesse caso a recepção é importante para pensarmos como as telenovelas são recebidas na vida das mulheres e como isso influencia suas identidades e a

construção de sentidos a partir da própria realidade. Dessa forma “[...]as análises têm como meta focar nos conflitos, nas negociações e nos consensos que estão em tensão na realidade social, politizando a esfera da cultura. [...]” (ESCOSTEGUY, 2018, p.107).

Carmen Gregorio Gil (2012) apresenta a abordagem metodológica a partir das questões de gênero, considerando as práticas de poder institucionalizadas, econômicas e científicas, até as práticas cotidianas e os discursos dos sujeitos convertidos em objetos de estudos, e que perpassa as questões que nos faz diversas como raça, idade, etnicidade, classe e status migratório. A partir desse olhar apresenta uma forma metodológica onde é possível apresentar questões assumindo as realidades existentes, apontando que a etnografia pode ser escrita de forma contextualizada para apresentar e refletir sobre os processos sociais de multiplicidade que causam diferenças. Assim, a etnografia feminista foi o método utilizado para essa análise, que se deu através da observação e aproximação com o cotidiano das mulheres.

Gregorio Gil (2012) sustenta que na discussão de gênero e dentro do olhar antropológico etnográfico, é necessário considerar a subjetividade na construção do conhecimento, as regras culturais, o que sentem e como sentem, na completude do conhecimento. Fica evidente que construir em direção a todo esse empreendimento multicultural é necessário se atentar para aos processos culturais do mundo, incorporando a circulação dos objetos, significados e identidades culturais. De modo a entender como, o que circula entre elas e como interagem com as possibilidades apresentadas pelo cotidiano, levantando a construção das subjetividades.

Pensar na discussão de gênero e na perspectiva feminista é analisar a partir da vivência. Por vezes a construção do conhecimento científico considera a distância do objeto de estudo, o que é uma linha tênue na tentativa de uma pretensa neutralidade. Gregorio Gil (2014, p.300) considera insuficiente dizer que conhecer o mundo do outro, é preciso antes de tudo pertencer a ele. Quando falamos na ótica de mulheres, em uma perspectiva feminista, o que temos é um posicionamento político explícito e engajado, uma ideia de falar o que se vive e como se vive, a partir de problemáticas diárias, com um olhar diferente, relatando politicamente a construção do cotidiano, como as tarefas de cuidado e domésticas, uma necessidade de discutir o que foi por anos naturalizado.

Analisar as relações que são estabelecidas por mulheres que assistem telenovelas no ambiente doméstico e como elas se organizam para tal, nos possibilitou entender que a

relação com a novela vai além do estado de diversão. A experiência etnográfica de acompanhar as mulheres assistindo as telenovelas por três meses, uma vez por semana, nos reafirmou que no ambiente doméstico as mulheres são as mais responsáveis, no sentido de cuidado e trabalho nessa esfera, e que há um marcador de classe e raça na perspectiva interseccional que influencia diretamente na organização da rotina dessas mulheres. Alinne de Lima Bonetti (2009) retrata sobre a perspectiva etnográfica que é possível a partir das experiências culturais discutir as categorias de gênero como são construídos os significados e as variações de sentido a partir dessa vivência.

O ambiente doméstico promove várias inter-relações que a televisão ajuda a estabelecer, existe um hábito familiar comum entre os brasileiros de assistir televisão e comentar o seu conteúdo. Ora, a produção é dialogada com o público, segundo Lopes (2003) esse diálogo é para aumentar a audiência, fazendo com que a participação das pessoas seja importante, para que manifestem um retrato da opinião pública. Dessa forma faz com que a televisão, em sumo as telenovelas, sejam comentadas fora do horário que estão passando, devido aos significados da narrativa audiovisual quanto na narrativa oral produzida pelas pessoas. A autora revisita Barbero e Orozco Gomes que afirmam que a telenovela no Brasil é mais comentada do que assistida, assim é possível trazer discussões mais amplas que demonstram como as telenovelas da Rede Globo de Televisão aparecem em primeiro lugar e as do SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), figuram em seguida, apontando que apesar da qualidade da primeira emissora que a faz ser líder de audiência, as outras telenovelas também são consumidas e comentadas.

A recepção da telenovela é uma forma de análise que consiste na percepção dos sentidos e significados articulados por narrativas ficcionais produzidas pela televisão ou teledramaturgia. Ainda que esse processo aconteça de diferentes formas os significados são construídos das vivências e das informações mediadas, a partir da interseccionalidade podemos compreender as diferentes variáveis, ou seja, como os significados se constituem a partir da mediação de gênero, classe e da raça, que são transversais às desigualdades e diferenças na vida de uma parcela grande da população. A construção das identidades pelas relações sociais articula os conhecimentos diante das informações que chegam através da telenovela em diferentes contextos.

As mulheres que moram na periferia lidam de diferentes formas com questões como a distância, seus contatos se dão nos ambientes como escolas e igrejas, ambientes sociais

onde estabelecem relações e que possibilita uma comunicação constante entre seus pares. Dessa forma, esses lugares fazem parte da vivência dessas mulheres entrelaçando as suas próprias experiências com o que apresenta a ficção. Pensando no campo dessa pesquisa a telenovela assumiu algumas posições, como uma forma de refúgio, diversão, ou ainda um marcador para a organização de suas rotinas. A organização diária de tarefas e trabalhos é importante para o entendimento de cada uma das rotinas em consonância com o momento de assistir à novela, isso marca nosso trajeto de pesquisa. Como exemplo temos a realidade de Francinete não a permite acompanhar assiduamente à telenovela das sete, pois nesse horário ela está responsável por preparar o jantar, o que não impede de saber o que acontece na trama, já que sua filha assiste e ela apenas escuta. Já Mariza realiza inúmeras outras atividades enquanto assiste, como jogos na loteria, ouvir jogos de futebol e as atividades domésticas, como arrumar o guarda-roupas. Isso nos mostra que a telenovela está presente de diversas maneiras, não necessariamente assistida, mas escutadas e comentadas.

Na construção da subjetividade das sujeitas e interlocutoras desta investigação, estamos entendendo a forma como elas trazem as peculiaridades em suas trajetórias de vida e situações que compartilham enquanto identidades. Há uma tendência na busca por melhorar suas situações financeiras, estudando, trabalhando, pensando em como as filhas irão se organizar na vida, considerando a valorização dos estudos e as possibilidades de desenvolverem maiores chances de uma situação financeira confortável. Os trabalhos informais e socialmente secundarizados, também neste quesito, elas compartilham a identificação periférica através da subalternidade. É importante considerar como elas lidam com a situação financeira em momentos diferentes de suas vidas, como Iza que já não tem mais dependentes e se preocupa em viver bem, contudo ela questiona em como poupar dinheiro ganhando apenas para a sobreviver.

Já Mariza tem sua história marcada por momentos difíceis e apesar dela se posicionar enquanto uma mulher forte, que resolve a própria vida, não deixa de ser afetada pelas dificuldades que se apresentam vez ou sempre. Mora em casa própria, localizada no setor Alto Bonito, apenas sua filha, sendo ela a provedora. Neste setor as casas não são regularizadas e ela atua junto a associação de bairro para que haja a regularização. Já Camila aborda em sua narrativa a insatisfação política, explicando que há perda de direitos constantemente e a ameaças quanto a perda de trabalho, o que a faz falar sobre política constantemente com suas colegas. Isto interfere diretamente na vida delas, sendo com

empregos ameaçados ou outros direitos suprimidos, onde como uma onda o ataque sísmico é sentido por quem está na base da pirâmide.

Entendo que elas criam uma rede de diálogo, e nas relações com seus filhos e filhas ou na situação de engajamento político, constroem uma mediação que relaciona suas próprias trajetórias com as mulheres fortes e independentes que aparecem nas telenovelas. Enquanto os papéis socialmente designados como trabalho de cuidado continuam a ser suas responsabilidades, há uma negociação com os comportamentos de outras mulheres dentro desses valores morais incrustados no gênero, como a violência contra a mulher e o desamparo do Estado. Isso desencadeia uma série de discussões sobre si articulando significados a partir dos símbolos e compreensões que elas têm com o que elas assistem.

Assim, pensando na contextualização política no momento em que foi escrito esse trabalho é importante deixarmos registrado nosso comprometimento, posicionamento e a necessidade de situar que há perdas quanto a direitos fundamentais, principalmente da população que depende de modo mais amplo da aplicação de políticas públicas. Uma sociedade conservadora significa grandes perdas em áreas sociais como saúde, educação, bem-estar social, meio ambiente, sendo esta parte do plano neoliberal e neocolonialista. A educação pública e de qualidade é comprometida quando falta de medidas de apoio e os planos educacionais que não oportunizam o acesso da população mais pobre, bem como a população negra. Esse crescimento liberal do Estado de direito influencia a vida de uma grande parcela da população, sendo ela composta de mulheres, LGBTQIA+¹⁰. Comprometendo a vida dessas pessoas e a necessidade de se pensar em uma política que abrange e atinge de uma forma positiva e ampla essa população.

Dessa forma esse trabalho se desenvolve na perspectiva de contribuir com a discussão da recepção, construção das subjetividades e interseccionalidade a partir da mediação com o cotidiano, mas evidencia também o nosso posicionamento a favor de políticas públicas que sejam capazes de proporcionar um Estado de direito com real acesso aos direitos básicos a toda população. Ressaltando o comprometimento científico com essas questões, para que possamos de fato fazer uma educação que liberta e, que de maneira consciente, possa melhorar efetivamente a vida das pessoas através dela.

¹⁰ Termo cunhado pelo movimento LGBT, a fim de incluir todo o espectro de gênero, representando a inclusão da diversidade. Sendo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queers, Interssexual, Assexual e os demais que existem, ressaltando o espectro de gêneros que compõe nossa sociedade diversa.

Contudo é importante afirmar que a trajetória de pesquisa no mestrado nos imputou escolhas necessárias que nos levou ao melhor caminho das discussões. Compreender as mulheres, de modo interseccional entre classe e raça, como sujeitas periféricas com construções identitárias diversas e subjetividades também variadas, não suprimiu a discussão de periferia enquanto lugar, mas nos fez concentrar nesse movimento sobre a construção das sujeitas nesse espaço pensando como as dificuldades e sociabilidades podem ser significadas na construção do sujeito.

No desenvolvimento do texto, para facilitar a leitura e o entendimento, apresenta-se uma tentativa de associar as discussões teóricas com as experiências etnográficas, onde discuto as práticas que se encaixam na teoria, evidenciando que o campo norteia a discussão. Através do diário de campo realizei os registros, com uma narrativa de percepção, que em alguns momentos trago na terceira pessoa e outras vezes as falas das colaboradoras, através da oralidade, em que no primeiro momento foi uma conversa sobre a história de vida delas, reitero como o dia 0 (zero), sendo contado dia 1(um) a partir do dia de acompanhamento das telenovelas.

Assim no primeiro capítulo será abordado as características socioculturais dessas mulheres, discutindo a cultura e relacionando-a com a territorialidade. Entendemos que os aspectos que perpassam a construção social das subjetividades convergem com o lugar, as representações, os papéis sociais, sendo historicamente marcado pelo gênero, classe e a raça. Como a linguagem se articula para que haja um entendimento do que está colocado social e culturalmente através dos meios de comunicação, e como as mulheres protagonizam isso.

No segundo capítulo enfrentamos a discussão entre as identidades construídas por essas mulheres e a territorialidade assumidas nesse contexto, compreendendo com esse movimento de entendimento como a televisão influencia no consumo, entre a territorialidade ficcional e a midiática. Assim estabelecemos uma articulação entre o conceito de periferia, identidades e a constituição da subalternidade, pensando em suas vivências e trajetórias enquanto sujeitas na construção da própria subjetividade. Discutimos, portanto, como se dá a construção da subjetividade do sujeito periférico a partir da socialização das mulheres negras.

No terceiro capítulo abordaremos a exibição das telenovelas, da mediação e as vivências dessas mulheres. Uma discussão que permeia entre gênero, classe e raça na construção de sentido e significado através das colaboradoras. Situamos como elas assistem

televisão e as preferências diante das rotinas e de como negociam esses momentos, na construção de suas subjetividades trazendo elementos do cotidiano e como se relaciona com a formação de sentidos e significados, a partir da representação televisiva.

É importante ressaltar que a produção de telenovela é considerável no Brasil, dessa forma situar os estudos latino-americanos nesse trabalho é discutir a própria cultura, segura que os estudos de recepção são de dentro das casas para a discussão de negociação de sentido e significados. Um evento social que de alguma forma acompanha as telenovelas, faz ela ser comentada e discutida, mantém efeitos e representações tão importantes para a modernidade em seus significados socioculturais.

CAPÍTULO 1- EXPERIÊNCIAS E SIGNIFICADOS: DISCUTINDO AS SUBJETIVIDADES E TRAJETÓRIAS A PARTIR DA TERRITORIALIDADE

Ao articular o processo de territorialidade na recepção e falar das mulheres que moram na periferia, requer uma contextualização das experiências e da formação da identidade que esse lugar propõe a elas diante das práticas. Elas compartilham o cotidiano e entre outras tantas coisas, assistem novelas, na condição de moradoras da periferia e de classe média baixa. Dessa forma, quando pensamos nesse espaço periférico, pensamos nos elementos subjetivos em comum que esse espaço produz em relação a sua população.

Em Araguaína uma cidade do norte do Tocantins, que cresceu através de processos desenvolvimentistas, como o da rodovia BR 153, houve uma consolidação no ramo da agropecuária, concomitantemente houve uma reorganização na divisão do trabalho e a formação da periferia diante desse contexto. As pessoas até então viviam no e para o campo, com a expansão da agropecuária se viram obrigadas a sair dos seus lugares de origem para se constituir na cidade, o processo de urbanização possibilitou uma referência em serviços, houve uma reorganização de investimentos e, por conseguinte, uma reorganização trabalhista. As heranças do processo colonialista designaram a subalternização dos trabalhos braçais, como do campo e domésticos, e os direcionou aos migrantes da zona rural. Dessa forma a difusão dos trabalhos informais aumentaram, causando um ciclo de dependência, onde essas pessoas não conseguiam avançar e as mulheres assumiram os trabalhos de cuidados e domésticos.

Os processos de constituição periférica da cidade se deu diante dos empregos informais, o impedimento de acesso aos direitos que possibilita uma qualidade de vida e a precarização do acesso a políticas de promoção de igualdade, quando havia. Por sua vez, a construção imobiliária da cidade se deu a partir de disputas econômicas e políticas, bairros inteiros formados através da especulação imobiliária, que com a venda de lotes irregulares com baixos preços e em outros lugares ocupações também irregulares ou ainda os condomínios construídos com incentivo do Estado.

As experiências desde o lugar em que elas moram e vivem influenciam em suas trajetórias de vida, muitas vezes elas acabam naturalizando algumas dificuldades que as pessoas de renda mais baixa passam. Estas mulheres compartilham situações a partir da vivência nesse espaço periférico, muitas são mães solas e/ou casadas, com excessiva concentração do trabalho doméstico e suas rendas vem do comércio informal. As

experiências dessas mulheres são singulares, mas comuns quando se percebe as problemáticas que as rodeiam, diante da rotina de cuidados e tarefas domésticas.

Para a análise de mediação a partir das interlocutoras é necessário entender quais as características em suas vidas e trajetórias. Assim, Mariza mora em um bairro, que ela conta, que foi uma ocupação no setor Alto Bonito e ela ainda luta para a regulamentação junto a prefeitura. No bairro poucas casas possuem muros, a maioria é cerca de arame ou nada, exatamente como na casa de Mariza, que possui uma garagem coberta, com uma área na frente e atrás com árvores. Internamente a divisão da casa tem cinco cômodos, sendo uma sala, o banheiro, a cozinha, uma despensa e dois quartos, a televisão fica no quarto que ela dorme. Esse foi o lugar onde passamos mais tempo, então acho conveniente descrever. No quarto há um guarda-roupas com seis portas, uma cama de casal e a televisão, que ficava em cima de uma mesa. Era uma televisão antiga de tubo com imagem amarelada e às vezes o som trazia ruídos, mesmo assim seguíamos assistindo, eu sentada e ela deitada na cama, conversávamos, ríamos e comentávamos sobre a telenovela.

Francinete mora no bairro Costa Esmeralda, que foi construído a partir do programa social do Governo Federal Minha Casa Minha Vida, o bairro fica afastado da cidade tendo que pegar a BR para o acesso ou uma estrada não asfaltada como alternativa, ela sempre comenta que é perigoso e relembra dos acidentes de moto que sempre acontecem. O bairro foi construído no ano de 2014, sendo entregue¹¹ no mês de maio para as moradoras e moradores, contudo ele conta com Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e uma Unidade Básica de Saúde (UBS). As casas são padronizadas e possuem dois quartos uma sala conjugada com uma cozinha e um banheiro. Na casa de Francinete ela construiu uma área externa no fundo, de um lado ela construiu uma outra cozinha e afirma que a interna é muito apertada, mas que divide o uso entre as duas cozinhas, pois na externa não tem pia. No outro lado da área externa, tem um quarto, que ela afirma ser da sogra, mas brinca que é para o marido dormir. A televisão fica na sala dentro de casa, onde tem um sofá de dois lugares e uma cadeira, onde nos revezávamos para assistir as novelas.

Izalete mora no bairro Eldorado, que fica próximo a uma rodovia que corta a cidade. A casa de Iza fica em umas das principais avenidas no bairro com uma parada de ônibus em frente. No muro tem o portão onde fica a garagem, a casa é alta possui degraus para chegar

¹¹ Essa informação foi obtida através da reportagem disponível em <<https://www.brasil247.com/geral/dilma-entrega-1-788-casas-em-araguaina-nesta-sexta>> Acesso em: 28/08/2019.

na área externa, é bastante arborizada, com muitas plantas e flores, uma mesa e um espelho na parede e no fundo um viveiro de pássaros. Ela tem a companhia de três gatos, que ela destaca a diferença de tê-los, afirma que fica sozinha e eles movimentam a casa. Após o viveiro, tem uma área de serviço, a cozinha, dois quartos, entre eles um banheiro, a sala onde fica a televisão e divide o espaço com um sofá e um desktop. A televisão de Iza tem um mau contato com a antena e ela brinca sempre com a transmissão de qualidade HD, entre boas risadas e conversas era ali naquele lugar, ela em uma cadeira e eu no sofá que assistimos às novelas.

Esse panorama descreve os lugares que as colaboradoras e sujeitas da pesquisa moram, suas casas e os lugares de transitoriedade. Há de comum nos bairros o asfalto, o acesso a transporte público, comércio de itens básicos em poucas ruas, casas muradas e não muradas, igrejas, escolas e bares. A socialização delas é ampla, são mulheres comunicativas com os vizinhos, que ficam na porta conversando, promovem encontros, como Francinete que gosta da casa cheia, Mariza conversa sempre com as vizinhas na porta e Iza conversa quando diariamente volta da academia. A necessidade de trazer esses lugares para esse trabalho é pensar em quais situações essas mulheres se encontram e como a socialização constrói as relações entre elas, famílias e vizinhas. Essas mediações interferem na construção de sentidos a partir de elementos que significam e atravessam a socialização.

O estudo é uma ferramenta chave onde enxergam a possibilidade de construir uma condição melhor de vida. Mariza formada em pedagogia, comenta algumas vezes que está parada e o quanto isso a incomoda, relata que vai fazer uma pós-graduação e vai concorrer na seleção do conselho tutelar. Francinete está fazendo o curso superior agora e incentiva o filho e as filhas a estudarem, entende que esse é um caminho de possibilidade. Iza além de ter vários cursos técnicos, comenta em fazer o ENEM¹² para entrar em um curso superior.

A ideia de que quem assiste novela e não estuda é sinal de desocupação é comum, podemos diagnosticar também um preconceito classista, sendo econômico ou intelectual, bem como é possível identificar o machismo, ao sucessivamente veicular a associação entre a telenovela e o público feminino. O que não encontramos em nosso campo, onde o momento da telenovela é, muitas vezes, o único momento de descanso entre tarefas, trabalho e estudo,

¹² ENEM é Exame Nacional do Ensino Médio, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em que nacionalmente dá acesso à entrada as universidades a cursos superiores. É realizado uma vez por ano e pode ser feito em qualquer lugar do Brasil, podendo ter acesso a qualquer universidade do país.

sobretudo que é um entretenimento familiar, um momento de reunir com a família, de conversa e diálogo.

Além das colaboradoras já citadas convidei mulheres que trabalham nos serviços gerais na universidade a uma roda de conversa sobre telenovelas em uma tarde. Com ajuda de Camila, uma noveleira, foram convidadas sete mulheres que prontamente se apresentaram, trouxeram suas concepções, suas vivências e a trajetória de suas vidas. Assim foi percebido que as preferências dessas mulheres circulam em torno de suas rotinas e a organização delas diante as responsabilidades e gostos.

Ezilda gosta de novelas de época e de novelas que já passou em que assiste pelo YouTube¹³, entre os horários livres no trabalho, pois quando chega a noite em casa, ela tem que cuidar da casa e dá atenção aos seus filhos. Camila afirma acompanhar todas as novelas ao chegar do trabalho até a hora de dormir. Isabela afirma que já foi “noveleira de plantão”, mas que diante da rotina com a filha, não assiste mais e declara que o interesse mudou. Juscilene só assiste a novela das sete porque dorme cedo e cabe em sua rotina. Francisca gosta da rádio, gosta de músicas e a programação que acompanha diariamente. Carmelinda só assiste quando finaliza as atividades domésticas e, quando dá para assistir, prefere as novelas das nove. Maria gosta da novela das nove, mas diante de uma rotina puxada de cuidados em casa com a mãe e o marido, que assiste outro canal, ela diz que não está conseguindo acompanhar, portanto só assiste esporadicamente.

Ao falar de cotidiano é imprescindível a abordagem da experiência diária em que há um exercício dos papéis políticos e sociais das mulheres, Elizabete David Novaes (2001, p. 54) explica que “As mulheres, movidas pela articulação entre suas subjetividades e as condições materiais enfrentadas junto à família e à coletividade, vivenciam semelhanças quanto às condições materiais determinadas e/ou reforçadas pelo processo de urbanização”. Nesse processo acontece o contato umas com as outras vivenciando e reconhecendo experiências comuns, a partir do compartilhamento de situações coletivas compreendem a visibilidade da representatividade de uma política institucionalizada, de forma organizativa.

¹³ O *site* YouTube foi fundado em 2005 por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim, em uma tentativa de compartilhar vídeos através da internet, e um ano depois Google comprou a plataforma. Assim, “You” significa você e “Tube” tubo que relembra a televisão, ou canal em gíria. O que poderia ser associado com “você transmite”, com a participação e criação dos próprios usuários. Ver em <<https://www.significados.com.br/youtube/>> Acessado em 22/08/2019.

O cotidiano é composto por elementos heterogêneos, que através das práticas cotidianas que faz conexões com as informações, Certeau (2009, p. 49) discute que “[...] a leitura introduz portanto uma “arte” que não é passividade [...]”, o que podemos transpor sobre as práticas hegemônicas onde uma combinação heterogênea de informações constitui o cotidiano. Em contraponto, às experiências e vivências proporcionam à leitura das práticas cotidianas e em combinação com as informações dão sentidos e significados aos códigos hegemônicos sociais circulantes.

Na rotina das mulheres é relevante para a mediação analisar as experiências, como elas se organizam em suas rotinas e no desempenho de seus papéis sociais. Nessa investigação abordaremos a rotina das mulheres que assistem novelas a partir das suas vivências diante de como elas formam os sentidos e significados, provocando assim uma territorialidade midiática com interpelações das situações representadas pelas telenovelas. Os significados são negociados entre diferentes olhares em suas vivências, compartilhando confidencialidades que faz com que elas se cuidem e se respeitem. Esse cuidado pode caracterizar o sujeito social, que a partir de interesses e necessidades as façam agentes de mudança das relações próximas e Novaes (2001, p. 55) comenta que na “[...] vida social num bairro de periferia é sempre uma vida política, já que se fundamenta em lutas cotidianas[...]”.

As representações construídas sobre as mulheres, seus corpos e suas vidas, são estigmatizadas no dentro e fora das periferias, e marcam as trajetórias através da violência e pobreza. Repensar nas categorias de potencialidade que perpassam por esse contexto, que são configuradas como as relações entre as mulheres, com empatia elas conseguem ir além dos próprios problemas, se articulam entre si e compartilham situações que atingem suas rotinas. A experimentação da vida prática e social faz uma transposição pessoal da própria vida, construindo as subjetividades sociais enquanto sujeitos políticos.

Francinete comenta sobre como seu dia que foi corrido, uma amiga apareceu, a Ana, ela teve que acompanhá-la em muitas coisas, no HDT (Hospital de Doenças Tropicais) e ainda tinha limpado a casa. Por conta desse dia movimentado o almoço saiu tarde, em que o Abdias – o marido – nem comeu arroz, ele mesmo fez uma carne colocou farinha e voltou para o trabalho. Diário de campo, dia 1, 11/04/2018¹⁴

Esse trecho do diário de campo aponta como a partir dessa realidade, Francinete forma uma rede de apoio com as amigas de ajuda, responsabilidade e atenção, mas deixa

¹⁴ A citação de diário de campo segue a norma de citação normal segundo a normatização da ABNT, no entanto neste trabalho as sinalizações de diário de campo estarão em itálico para diferenciar das demais citações.

escapar também como pesa sobre ela muitas outras responsabilidades. Os problemas sociais são explicitados nas práticas sociais que formam os sentidos, assim é na periferia e considerando as relações estabelecidas a interseccionalidade de raça, de gênero e classe levam a um outro conjunto de desigualdades sociais.

Iza foi me contando que tinha muito furúnculos, e que com as marcas já não tinha mais, e que a filha, também teve muito furúnculo, conta que tinha o umbigo para fora, estufado, e que um furúnculo nasceu no umbigo dela, e com ajuda das vizinhas sarou, e graças a deus que ela sempre teve vizinhas boas que cuidou desse furúnculo e então sarou tudo. Diário de Campo, dia 1, 29/03/2019

Essa relação de cuidado e solução é um padrão dessas mulheres, pautando a autonomia como uma característica de suas identidades. É perceptível no cotidiano vivido que os comportamentos padrões hegemônicos permeiam a vivência cultural e social, mas não são únicos. Dessa forma as relações se articulam com as trajetórias e experiências dando sentidos às representações, uma vez que as representações são construídas a partir das narrativas e que também constroem as subjetividades.

Ao abordar o cotidiano é possível evidenciar as relações de gênero que são estabelecidas nas experiências sociais e nesse processo de recepção da telenovela que constrói através do gênero narrativo comportamentos, negociações de sentido e representações bem como significados. Portanto a abordagem das mães solas, mulheres trabalhadoras, da diversidade nas identidades que possuímos articulamos esses significados e produzimos sentidos a partir da realidade vivenciada. Assim a questão racial e de gênero são marcadores dos processos de desigualdades cotidianamente, como pilar de exclusão nos ambientes, nas relações cotidianas e políticas, e nas esferas institucionalizadas de poder.

Neste capítulo situamos as mulheres como sujeitas e a construção da subjetividade delas a partir da vivência no espaço periférico, trazendo elementos desse espaço. Como elas se reestruturam em suas rotinas e das próprias experiências, apontando em como os trabalhos interagem na vida delas, seja o trabalho formal ou o informal. E a partir da rede de sociabilidade construída como agentes políticas desse espaço, reafirmando que o pessoal é político, em suas nuances e particularidades.

1.1. Mulheres construindo e negociando as culturas populares

A construção do popular em um movimento com trabalhadoras e trabalhadores, que são maioria da população, possui formas diferenciadas de apresentação de si e seu cotidiano, em referências e construções. A vista disso a industrialização foi um dos avanços do capital,

e como Hall (2003) e Martín-Barbero (2008) apresentam, como ideia de generalizar essa população, surgiu o termo *massas* com o intuito de homogeneizar as identidades através da linguagem e narrativas. No entanto, existem múltiplas identidades e formações culturais para esse grupo, que subalternizado, negociam os sentidos nas narrativas hegemônicas a partir de suas vivências. Essa negociação de sentido a partir da linguagem proporciona o compartilhamento de posicionamentos diferentes que constrói a possibilidade plural dos significados diante das leituras preferenciais, assim entendemos as culturas em pluralidade. A vivência diária e as referências, permite que o sentido atravesse o significado, construindo as subjetividades do indivíduo, uma vez que na rotina o momento televisivo que corrobora para a construção.

Martín-Barbero (2008) aponta em como as mediações foram construídas através da cultura de massa e como foi apresentada para a sociedade, considerando a burguesia sendo dominante, negociava o popular e como a arte opera na vida das pessoas. A arte sensibiliza e causa uma sensação de autorreconhecimento com o inconsciente, assim aproxima a narrativa abordada. Nas telenovelas, que é sobre o cotidiano, apresenta tramas envolventes que negociam os padrões de consumo da vida, de comportamentos, entre outros. Em um vasto alcance elas dialogavam com quem assistia, provocando uma consciência coletiva homogeneizada. Entendendo que esse consumo em sua maioria é da classe trabalhadora, a mídia com suas narrativas reforça a homogeneidade do diálogo com os setores dominantes da sociedade.

Em segundo lugar, a ambiguidade da sua ideia de “cultura popular”. Se os românticos resgatam a atividade do povo na cultura, no mesmo movimento em que esse fazer cultural é reconhecido, se produz seu sequestro: a originalidade da cultura popular residiria essencialmente em sua *autonomia*, na ausência de contaminação e de comércio com a cultura oficial, hegemônica. E, ao negar a circulação cultural, o realmente negado é o *processo histórico de formação do popular e o sentido social das diferenças culturais*: a exclusão, a cumplicidade, a dominação e a impugnação. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 40.)

Há resistências da cultura popular a partir da transmissão oral de saberes e conhecimentos, que desconsiderada pela classe dominante, atravessa as relações sociais da população. As mulheres eram protagonistas desse processo de transmissão, por vezes, consideradas bruxas chegando a serem queimadas. Martín-Barbero (2008, p. 139) acrescenta que “[...]eram as mulheres que presidiam as vigílias, as reuniões das comunidades aldeãs ao cair da tarde, nas quais se conservavam alguns modos tradicionais de transmissão cultural[...]”, essas mulheres em contato com a população mais pobre levavam informações

de medicina, plantas e os astros, uma vez que melhorava a vivência entre as pessoas em saúde, conhecimento e qualidade de vida. Era a circulação de expressividade da consciência popular.

Hall (2008, p. 232) afirma que “[...] a cultura popular não é, um sentido “puro”, nem as tradições populares de resistência a esses processos, nem as formas que as sobrepõem. É o terreno sobre o qual as transformações são operadas [...]”. As mulheres estiveram e estão nesses processos de resistência dos saberes, na qual o terreno das transformações se manifestam através do processo educativo, como aplicam e assimilam esses conhecimentos. Uma vez que é visto a associação desses conhecimentos apreendidos durante as trajetórias, há uma negociação com a linguagem que as circundam.

A cultura através das experiências e vivências em sociedade é considerar à interação do conhecimento com a regionalidade analisando-a na “[...] tentativa de descobrir a natureza da organização que forma o complexo desses relacionamentos[...]” que “[...]começa na descoberta de padrões característicos [...]”. (HALL, 2003, p. 128). Esses padrões são repassados e nos leva a compreender o conhecimento e saberes a partir das inter-relações. Abordando essa construção social atravessada entre as colaboradoras as experiências, Iza apresenta a garrafada¹⁵ e explica que são remédios naturais que a ajudam na imunidade, Francinete em uma conversa com a vizinha aprende os efeitos do limão e o que acrescenta em sua rotina, utilizando o conhecimento ao seu favor.

Iza comenta que tem uma garrafada de casca de Jatobá com vinho branco que aumenta a imunidade. Diário de Campo, dia 4, 03/05/2019.

Iza me encontrou no portão, eu levei o vinho que havíamos combinado para a garrafada de Jatobá, para aumentar a imunidade, a gente fez juntas, ela me mostrou as cascas, e a quantidade que era de cada coisa, que ia colocando mesmo, sem muito segredo. Foi falando que toma todo dia, uma vez por dia, e que além do vinho, tem melhorado muito seu corpo e como ela percebe tudo. Diário de Campo, dia 6, 17/05/2019

Francinete comenta: “Eu estou me acabando de comer limão, por que quero emagrecer, tem um avô da vizinha que foi no médico, e disse que tinha que emagrecer, ai ele toma suco de limão ‘purim’, sem nada de açúcar, num (sic) é que a barriga dele já baixou bastante? Eu to me acabando no limão, quando acaba vou lá compro mais, num fico sem nem!” Diário de Campo, dia 0, 22/03/2018

As práticas sociais são experiências e vivências que perpassam em conjunto com a comunidade, que no caso supracitado é a vizinhança, tendo em vista que a referência de significados acontece diante do compartilhamento de histórias e preocupações, fortalecendo

¹⁵ Garrafada é um remédio natural típico da região, em que tem um efeito homeopático na mistura de raízes, planas e folhas, com bebida alcoólica, em uma solução que altamente comercializada e representante da cultura brasileira. Disponível em <<https://scielosp.org/article/sdeb/2018.v42n116/248-262/>> Acesso em: 31/07/2019.

uma rede entre elas. Redes de conhecimento são repassadas a fim de melhorar a saúde, prevenção de doenças e de cuidado. Compõe uma vida compartilhada, um atendimento que fortalece o vínculo das relações entre elas desde o território.

Os artistas populares retratavam suas histórias e trajetórias através do cordel que eram produzidos em pequena escala e distribuídos, o que diferenciava dos folhetins entre outras características, apresentavam a relação cotidiana através da leitura em uma linguagem coloquial. Por conseguinte, a narrativa ficcional das telenovelas através das experiências e práticas cotidianas se enquadra nas vivências não ficcional, mesmo que o pensamento patriarcal perpassa e hierarquiza os processos econômicos até as relações sociais, sendo referência para a construção de sentidos. A cultura em sua abordagem popular se faz resistência tanto em linguagem como em representação, em suas bases radiofônicas, as telenovelas retratam a vivência das pessoas nos movimentos das relações sociais, de uma maneira consciente sobre as experiências daquelas que ali estão e também uma manifestação oral, possibilitando um maior alcance da obra.

Dessa forma, a entrada do audiovisual e os discurso e linguagens através da indústria cultural, possibilitou outros tipos de acesso. Adiante, a xilografia será uma das formas de reprodução de imagens, inclusive utilizados pelas igrejas, tanto católica como na reforma protestante. Sendo então uma leitura que faz parte do dia a dia das pessoas, sendo consumida dessa forma como já era tratado nos folhetins. Através da mídia a indústria cultural regula comportamentos sociais viabilizando consciências coletivas a partir dos gostos e vontades individuais.

Entre os gêneros narrativos, as telenovelas são produzidas através dos territórios ficcionais, que segundo Borelli (2001) estabelece um paralelo da narrativa com a matriz cultural estabelecendo uma proximidade da ficção e a não-ficção.

Recompor, portanto, a história das telenovelas no Brasil, sob a ótica dos territórios de ficcionalidade, supõe considerar este processo de elaboração e entrecruzamento de traços das matrizes culturais originárias. [...] Os territórios de ficcionalidade são fundamentais no processo de construção das mediações e ampliam o leque de conexões e alternativas de constituição do diálogo entre produção, produtos e receptores. (BORELLI, 2001, p. 34)

Logo há uma criação de pertencimento daquelas histórias contadas e mediadas através do lugar, abordando nas histórias o cotidiano. Sutilmente estratégico os folhetins representavam um gosto em comum encobrendo as diferenças e reconciliando gostos, portanto as mulheres que consomem essas leituras se constituem do que lhes é apresentado em seus comportamentos, ou no mínimo, reafirma a moral social.

Existe nos folhetins *uma pintura da condição feminina* (grifo do autor) que mostra um quadro bem diferente do bovarismo. Além de divórcios e adultérios, há incestos e abortos, mães solteiras e operárias seduzidas por patrões, dos quais se vigam cruel e fatalmente. Existe moralismo, mas também ligação entre a repressão sexual e as condições sociais de vida. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p 192.)

Tendo em vista que a telenovela e os folhetins têm a mesma matriz cultural com uma narrativa sobre o cotidiano, o diálogo com o público aproxima e com o entendimento fácil e rápido, a formatação, como a divisão em capítulos é um dos elementos de convergência. Assim, é percebido que o acompanhamento da trama se dá de maneiras diferentes e não há necessidade de assistir todos os dias para entender a trama.

Nós habitamos os tempos da multiplicidade de telas, o negócio de formato, a lógica das outras emoções, o surto de narrativas audiovisuais, a multiplicação da estética, a diversidade de sensibilidades /identidades. Tempos em que todos podem fazer a televisão como quiser. O significativo é o próximo, o vital, o emocional, o não planejado. A verdade está em outro lugar, que não é Oeste, nem masculino, mas de outras culturas. [...] Diversidade audiovisual feita de histeria, repetições, fragmentos, “espontaneidade”. As telas audiovisuais gritam mais e mais e tornam a vida entretenimento infinito; a celebração das temporalidades alegres e de culturas sentimentais. Uma narrativa televisiva que documenta uma atitude histérico [sempre sendo hiperativo; sempre na câmera, excitado]; uma estética de repetição [variações do mesmo para prazer relaxado]; uma narrativa fragmentada [cria ilusões de continuidade com base em situações autônomas]; um estilo cotidiano [faça como se tudo fosse vivo e espontâneo e espectador estava certo]. (RINCÓN, 2011, p. 44, tradução nossa.)¹⁶

Como um compromisso adiável, a telenovela não é o centro de atividade para nenhuma das colaboradoras. Tendo em vista que houve dias que apesar de ter marcado para assistir, elas desmarcaram, pois tiveram compromissos diferenciados como Francinete que levou as filhas na Igreja para ensaiar uma apresentação, Mariza que foi com o namorado para um jogo de futebol e Iza que viajou com as filhas. Dessa forma o acompanhamento da novela se dá por outras formas como o acompanhamento de resumos e as conversas com outras pessoas que assistem.

Trazemos o popular, em contrapartida do erudito, uma vez que a telenovela é aberta, e tem fácil acesso, ela por muito tempo não foi considerada um produto cultural, como

¹⁶ Habitamos los tiempos de la multiplicidad de pantallas, el negocio de los formatos, las lógicas de otras emociones, el estallido de las narrativas audiovisuales, la multiplicación de las estéticas, la diversidad de sensibilidades/ identidades. Tiempos donde cada uno puede hacer la televisión como se le dé la gana. Lo significativo es lo cercano, lo vital, lo emocional, lo imprevisto. La verdad está en otra parte, una que no es Occidente, ni masculina, sino de culturas otras. [...] Diversidad audiovisual hecha de histerias, repeticiones, fragmentos, espontaneísmos. Las pantallas audiovisuales gritan cada vez más y hacen de la vida un entretenimiento infinito; la celebración de las temporalidades gozosas y de las culturas sentimentales. Una narración televisiva que documenta una actitud histérica [siempre andar sobreactuado; siempre en cámara, excitados]; una estética de la repetición [variaciones sobre lo mismo para el goce relajado]; una narración fragmentada [crear ilusiones de continuidad con base situaciones autónomas]; un estilo cotidiano [hacer como si todo fuera en directo y espontáneo y el televidente tuviera la razón].

considera Borelli (2001, p. 30) “No Brasil, isso ocorre a partir de meados dos anos 60, quando se observa uma cisão que segmentou o campo cultural em três fragmentos polarizados e excludentes: o culto, o de massa e o popular”. O que vai mudando na década de 70 e 80, se inicia uma forte abertura de investimento do Estado ampliando as vendas de televisão em que muda o cenário aumentando a produção e a qualidade das telenovelas. Vai mudando também a abordagem, trazendo mais o cotidiano e a contextualização com a realidade brasileira.

O território de ficcionalidade aborda os vários formatos produzidos que a indústria cultural combina com o cotidiano. Essa abertura aumenta a possibilidade de narrativa, na qual as mediações se ampliam, enxertando mais elementos para serem referenciados.

[...]da valorização da vida privada, do cotidiano, em que instâncias da intimidade e da moral parecem cada vez mais centrais como reguladora da vida social, constituindo-se no palco privilegiado para uma pedagogia moralizante necessária às novas relações sociais e políticas de uma sociedade laica e de mercado. (BALTAR, 2007, p.87)

Se atravessa a moralidade nas relações sociais, com cumplicidade aos estigmas valorativos trazendo às discussões e representações construídas ficticiamente dialogando com a narrativa do cotidiano. A representação se aproxima da vivência e experiências, negociando os valores no processo cultural, permeando o núcleo familiar que consiste na construção de sentidos dentro do espaço e quem circula nesse núcleo. Hall (2016, p. 32) delinea que a representação “[...]diz respeito à produção de sentido pela linguagem[...]”, construindo de significados diante da identidade e subjetividade. O autor discute que “[...] representar algo é descrevê-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos[...]”, assim o sentido expressa um pensamento e o comunica. E afirma que “[...]representar também significa simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela ser uma amostra ou um substituto[...]”. Por vezes a representação midiática traz símbolos a serem interpretados e no caso das mulheres, principalmente as mulheres negras não condiz efetivamente com a construção das identidades em suas potencialidades, realidades e vivências, no espelho da falsa democracia racial, evidenciando o racismo institucionalizado. Sobre o antirracismo e racismo no Brasil, Antônio Sérgio Alfredo Guimarães (1995, p. 26) introduz “Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve começar por notar que o racismo no Brasil é um tabu. De fato, os brasileiros se imaginam numa democracia racial”.

Assim o processo de formação da sociedade brasileira foi através da hierarquização, o que nos trouxe profundas fissuras raciais, classistas e de gênero, em virtude disso a arte popular foi diferenciada a partir das classes sociais categorizadas no processo artístico da vivência, sobretudo a relação com as experiências de vida delineando arte à ser consumida.

A luta contra o pensamento único acha assim um lugar estratégico não só pelo politeísmo nômade e descentralizador que mobiliza a reflexão de investigação sobre as mediações históricas do comunicar, mas também nas transformações que atravessam os *mediadores socioculturais*, tanto em suas figuras institucionais – a escola, a família, a igreja, o bairro - , como nos novos atores e movimentos sociais emergentes que, como as organizações ecológicas ou direitos humanos, os movimentos étnicos ou de gênero, introduzem novos sentidos do social e novos *usos sociais* dos meios. (MARTÍN- BARBERO, 2008, p. 20)

Ao falarmos de consumo é importante diferenciarmos o consumo do produto cultural, na qual é um consumo que não se esgota. Ao citarmos que a cultura é imaterial, na qual há uma circulação de referências e de produtos culturais a serem consumidos, quando elas são peculiares a cada vivencia e as experiências diante das trajetórias de vida. A partir de cada vivencia é possível ter sentidos e novas criações de pensamentos, partindo da premissa que essa produção – a do pensar – não se esgota em um único pensamento.

Dessa forma representar o cotidiano e as trajetórias como a arte urbana, são pontos de resistência que alimenta um aspecto político. Através de Adorno e Benjamin, revisitado por Martín-Barbero (2008, p. 84) abordam uma nova percepção da arte que consideram as experiências coletivas, a cotidianidade na perspectiva de sensibilizar e valorizar a cultura, a narrativa que aproxima às massas é mobilizada e transpassada pela classe, de entendimento da cultura popular.

Massa designa, no movimento da mudança, o modo como as classes populares vivem as novas condições de existência; tanto no que elas têm de opressão quanto no que as novas relações contêm de demanda e aspirações de democratização social. E de massa será a chamada cultura popular. Isto porque no momento em que a cultura popular tender a converter-se em cultura *de classe*, será ela mesma minada por dentro, transformando-se em cultura *de massa*. Sabemos que essa inversão vinha sendo gerada há muito tempo, mas ela não podia tornar-se efetiva senão quando, ao se transformarem as massas em classe, a cultura mudou de profissão e se converteu em espaço estratégico da hegemonia, passando a *mediar*, isto é, encobrir as diferenças e reconciliar os gostos. Os dispositivos da mediação de massa acham-se assim ligados estruturalmente aos *movimentos no âmbito da legitimidade que articula a cultura*: uma sociabilidade que *realiza* a abstração da forma mercantil na materialidade tecnológica da fábrica e do jornal, e uma mediação que encobre o conflito entre as classes produzindo sua resolução no *imaginário*, assegurando assim o consentimento ativo dos dominados. Essa mediação e esse consentimento, no entanto, só foram historicamente possíveis na medida em que a cultura de massa foi constituída *acionando e deformando* ao mesmo tempo sinais de identidade da antiga cultura popular e *integrando* ao mercado as novas demandas das massas. (MARTÍN- BARBERO, 2008, p. 174)

Há um movimento da cultura popular que divide gostos através das classes sociais, no processo de expansão da indústria cultural o popular tornou-se erudito, nomeando como cultura de massa. A trajetória social e a vivência em articulação do crescimento político nas relações de classe são reafirmadas pela narrativa, portanto, há resistência no entendimento enquanto sujeito social em que essa classe colocada como massa, vem desconstruindo as características singulares das identidades populares em consonância com um movimento hegemônico. A linguagem mediada pelas experiências dos sujeitos negociando os sentidos hierarquizando e subalternizando essa construção.

Em uma narrativa homogeneizadora, a cultura de massa foi realocada pela indústria cultural gerando significados e mecanismos referentes para fidelizar esse consumo. Transpondo para a telenovela, foi possível um controle de qualidade a partir da década de 70 e 80, em que a produção trazia “um padrão de qualidade” (BORELLI, 2001). Isso fez com que essa linguagem padronizada fosse imbricada na rotina familiar, influenciando diretamente na construção das identidades de quem as consumia.

Hall (2006) aponta ainda que a identidade acompanha a construção da modernidade, com mudanças rápidas que causam a “crise da identidade”. Isso faz com que as referências de pertencimento das pessoas sejam cíclicas com mudanças rápidas, ou seja a partir das vivências cria-se várias identidades. As identidades revisitadas são de mulheres, negras, trabalhadoras, mães, filhas, entre outras que seria impossível narrar, pois há pluralidade nas identificações. Sobretudo para a construção dessas múltiplas identidades acontece a mudança, que referenciam essas mulheres nos comportamentos em suas vivências mesmo em deslocamento. Os deslocamentos são processos que as fazem referenciar ideias e padrões e a televisão realiza isso com perspicácia.

Pensando a partir das telenovelas e os personagens femininos, por exemplo, na década de noventa as mulheres deixaram de ser apenas donas de casa e passaram a executar trabalhos também fora de casa. Uma vez que a representação midiática desse retrato sobre as mulheres negras é da vida marcadas pelo trabalho, reafirmando-as. As identidades perpassam o padrão referenciando comportamentos, padrões de beleza, uma vez que o consumo antecede o processo de recepção. Borelli (2001, p. 34) aborda que recepção “[...]prevê que os leitores/espectadores possam se situar como sujeitos ativos, constitutivos e constituintes, dos processos de comunicação[...]

Francinete comenta que em novela, por mais pobre que seja, os personagens e as famílias tem a mesa completa e bonita, com frutas e ainda que todo mundo come na mesa, independente se pobre ou rico. Diário de Campo, dia 4, 04/05/2018.

Sobre representação de classe Francinete interpela a diferença dos pobres da televisão, em que eles sempre sentam na mesa e que na vivência dela isso não acontece e acrescenta que muitos nem tem mesa, inclusive ela que em vários momentos afirma estar providenciando a dela. Dandara uma mulher negra que defende seu trabalho é uma personagem que Iza aprova com admiração, assim como na novela das seis, no último capítulo de Espelho da Vida¹⁷, Iza considera que a vida deve ser vivida, fazendo o bem e aceitando as coisas como são. Depois ela traz de novo essa discussão e afirma que conscientemente devemos lidar com quem somos e nossas emoções, em negociação com sua trajetória.

Então passou a morte de Margot (Irene Ravache) e ela saindo do corpo com o marido e o filho vindo buscar ela. Iza comenta Margot já era! O final é uma grande reflexão, afirma Iza que concorda que temos de seguir a vida como ela é, prestar atenção na realidade e principalmente ser feliz. Diário de Campo, dia 1, 01/04/2019.

Conversando sobre a vida, Iza faz uma reflexão de como nós humanos trabalhamos com o consciente. Falando de um episódio de Alice, a gatinha, que gostava de pular o muro com a ajuda de um batente que ela pensou em tirar, logo em seguida pensou no porquê de fazer isso, que não havia sentido. E comentou que o consciente fala ruim, e o subconsciente o bom, que fala para não fazer a maldade. Diário de Campo, dia 6, 17/05/2019

A linguagem produz uma intencionalidade na leitura e nos significados diante de como as representações são construídas e mediadas, como coloca Martín-Barbero (2008, p. 265) “O campo daquilo que denominamos *mediações* é constituído pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma por dentro o sentido do trabalho e da vida da comunidade”. O cotidiano vivenciado em suas experiências constitui o campo cultural e a linguagem hegemônica apresentado às massas referencia significações que acontecem de fora para dentro, ao contrário do movimento popular que é centrífugo.

As leituras são interpretadas segundo Hall (2003, p. 378) como preferenciais, de oposição e negociadas, na qual a disputa de significação se dá na esfera cultural, uma vez que as subjetividades referenciam os contextos culturais e nesse caso é levado dos folhetins até as telenovelas, uma referência de leitura popular que traz a cotidianidade. A leitura

¹⁷ Espelho da Vida tem uma trama de amor e mistério que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço ao se desenrolar em duas épocas distintas ao mesmo tempo. Cris (Julia Castelo) vive uma experiência de viagem no tempo, em que vai se deparar com uma de suas vidas passadas. Disponível em <https://gshow.globo.com/novelas/espelho-da-vida/noticia/espelho-da-vida-conheca-a-trama-da-proxima-novela-das-6.ghtml> Acesso em: 31/07/2019.

preferencial se refere ao código da produção, entende-se como uma posição hegemônica-dominante, uma vez que a compreensão fica na esfera produzida. A negociada assume perspectivas globais, de assuntos que estão em alta circulação que para Hall (ibid) “[...]a definição de um ponto de vista hegemônico é: (a) que define dentro de seus termos o horizonte mental, o universo de significados possíveis e de todo um setor de relações em uma sociedade ou cultura; (b) que carrega o selo da legitimidade- [...]”. A leitura de oposição versa em decodificar a mensagem de maneira contrária retotalizando-a em algum referencial alternativo.

É possível perceber como as significações são interpretadas, uma vez que Francinete se opõe a narrativa da telenovela e afirma que não confere com sua experiência, e quando Iza se apoia nas reflexões da narrativa, apropriando-se disso para sua vivência. Mariza apresenta uma negociação quando na narrativa sobre violência, ela traz o aporte sobre a experiência da vizinha com seu filho, refletindo sobre o processo educativo das crianças.

Martín-Barbero (2008, p. 185) relata que nos modos de produção a leitura acontece “[...] um procedimento que não leva em conta como sujeito da leitura[...]”. O processo midiático diante dessas negociações de linguagens considerando as referências que se tem em cada aspecto, que se dá no processo de mediação. A televisão diante de uma negociação hierarquizada da linguagem e do diálogo que tem efeito de hegemonizar todo o processo das leituras preferenciais, através de matrizes culturais circuladas pelo território ficcional. Dessa forma, traçaremos as vivências das colaboradoras com elementos significantes que as fazem interpelar as narrativas televisivas.

1.2 A vivência do território: mulheres protagonistas

A diversidade do povo brasileiro não foi de todo apreendido pela formação colonialista que nos atinge, mas esta formação reflete como pensamos a cultura e construímos as trajetórias. A colonialidade traz consigo o exercício da hegemonia que limita a cultura popular direcionado a leitura dessas produções como o acesso a salas de cinemas, música entre outras. Essa formação colonizadora foi estruturalmente excludente com os povos indígenas, a população negra, sobretudo com as mulheres. As manifestações culturais a partir de nossa história, afirma quem somos e como construímos um amplo acesso às representações do cotidiano.

A importância da cultura popular em centralizar as formações identitárias a partir das próprias subjetividades enquanto povo gera o sentimento de potência e orgulho por apresentar uma ideia consciente sobre si. A cultura popular através da música e no consumo

da televisão, as telenovelas, são recepcionadas e construídas a linguagem hegemônica, tornando referência em maioria (e em questão) que gera um significado a partir da experiência na vida de cada receptor.

Certeau (2009) observa que a leitura pode ser feita de vários jeitos, que podemos descrever práticas cotidianas sem ser necessariamente o foco, e isso mostra que elas são maneiras de colocar em ação a tática e a estratégia da linguagem, agindo de diversos modos para o funcionamento, as práticas significantes. Compostas por combinações de elementos heterogêneos, como várias informações que se articulam com os prazeres cotidianos.

Imbricados nas estratégias da modernidade (que identificam a criação com a invenção de uma linguagem própria cultural ou científica), os procedimentos do consumo contemporâneo parecem constituir uma arte sutil de “locatários” bastante sensatos para insinuar as suas mil diferenças no texto que tem força de lei. (CERTEAU, 2009, p. 49)

A linguagem promove um entendimento e dialoga negociando comportamentos, em uma familiaridade essa interlocução atinge a cultura de massa. Os aspectos da formação comportamental das pessoas negociam esses significados podendo reincidir a falta de representatividade dos espaços de produção para as populações historicamente marcadas. É possível (des)construir imagens como também reforçar estereótipos, como a naturalização da mulher negra em suas altas jornadas de trabalho.

A mediação é construída por vários elementos em comum, como as experiências, as práticas, as instituições, as instâncias sociais, na hierarquia social em um contraste com o retratado, em um processo de invisibilidade da constituição de identidades e subjetividades dos indivíduos. As mediações da recepção vão além dos lugares que as pessoas se encontram por experiências e contextos vividos em que a visão urbana tem muitas versões que podem ser significadas. Isto posto a mediação a partir da periferia é um processo estabelecido a partir da linguagem em contatos e valores sociais.

No Brasil, esse sistema de hierarquização social — que consiste em gradações de prestígio formadas por classe social (ocupação e renda), origem familiar, cor e educação formal — funda-se sobre as dicotomias que por três séculos sustentaram a ordem escravocrata: elite/povo e brancos/negros são dicotomias que se reforçam mutuamente simbólica e materialmente. (GUIMARÃES, 1995, p. 35)

A constituição urbana gerou um processo díspar com marcas excludente, direcionando às desigualdades. Souza (2003) defende que o processo de modernização na sociedade brasileira causou uma “nova periferia”, esse é um processo de subalternização, que advém do período colonialista, em uma discussão ampla ele rememora o viés da escravização e desse processo patriarcal que moldou as relações sociais, sendo indissociável do processo

econômico. É possível perceber que houve uma polarização de territórios e da composição dos espaços, gerando estigma social, racial e de gênero. Essa polarização é marcada pelos espaços, em vivência provoca uma estigmatização social, em que é identificável o abandono do Estado em meios de saúde, educação e uma invasão da segurança pública.

A formação das identidades desses sujeitos são traçadas por esse lugar e a experiência social compartilhada por esse grupo resistindo a entrada consciente de intermédios “[...] que insistem na imposição de como a periferia deve agir politicamente sem viverem de fato o seu cotidiano[...]”. (D’ANDREA, Tiarajú Pablo, 2016, p. 3) A oposição da narrativa midiática foi construído a partir de um diálogo com a classe dominante, sendo a ligação com o espaço estratégico hegemônico, essa linguagem consentida quando as e os sujeitos conseguem atravessar a consciência de si, sobretudo “[...]a não aceitação de intermediários para dizer o que são e como devem pensar[...]”. (*ibid*)

No discurso veiculado pelas mídias, televisão, internet, rádio, há uma falta da representatividade, mas a narrativa é amplamente difundida e entendida. Portanto, o entendimento de intermédios através da mídia se completa no consumo de uma representação falha que não apresenta as potencialidades sociais, reforçando uma hierarquia social e ajuda a estruturar as práticas sociais e a significação dessa linguagem.

Certeau (2009) discute os elementos heterogêneos que compõe as práticas cotidianas do acesso às informações. Esses elementos compreendem as informações e entra em contato com as identidades assumidas. O conjunto de elementos se orquestram pelo processo de produção, que acontece através da leitura tática, sendo estratégico com o representado. O autor afirma que “O enfoque da cultura começa quando o homem ordinário *se torna* o narrador, quando se define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento”. (CERTEAU, 2009, p. 61). Observamos então que o lugar de quem está falando, a tática, é o lugar do outro, pensando no discurso, o qual muitas vezes não atende a vivência ou o retrato de quem vos fala.

Mesmo que seja as piradas pelo rumor oceânico do ordinário, a tarefa não consiste em substituí-la por uma representação ou cobri-la com palavras de zombaria, mas em mostrar como ela se introduz em nossas técnicas – à maneira como o mar volta a encher os buracos da praia – e pode reorganizar o lugar de onde se produz o discurso. (CERTEAU, 2009, p.62)

Repensar nesse discurso e nessa ordem que muitos (re)afirmam os estereótipos a ser construído socialmente com o tempo, a falta de representatividade das pessoas no quesito racial na televisão reforça o caráter racista nas práticas sociais. Alecsandro Ratts (2003)

analisa como as mulheres negras são subalternizadas a partir da construção social em que agrega os elementos simbólicos da noção de raça e gênero. Sobretudo à construção da mulher negra, o autor rememora à alusão aos trabalhos subalternizados em uma marginalização social reproduzindo a desvalorização dos elementos que marcam essas mulheres e suas trajetórias.

Francinete, em sua formação e contato com sua mãe declara que a principal atividade de sua mãe era os trabalhos domésticos, dentro e fora de casa, foi quando assim perderam o lugar que moravam.

A gente morava num lote na frente da praça lá no Noroeste sabe?! Onde é o supermercado nunes, quando, lá naquelas casinhas juntinhas, sabe?! É da minha tia, lá era também e a gente morava. Ai o tio (Miguel) separou da tia e vendeu lá sem nem falar com nós e nem com a mãe, e a mãe era zangada. Ela pegava a peixeira dela, colocava ali do lado, na cintura, e ia para cima. Foi quando foi chegando os materiais de construção e ela perguntou o que era aquilo, né?! E o cara disse que tinha comprado e que ia construir ali, o tio nem avisou nem nada, a mãe saiu zangada e foi falar com o Paulo, ele é advogado. Ele disse que “já tem 11 anos que vocês moram lá, ele não pode tirar vocês assim”. Então a gente foi ficando.

Sabe o Barbudos¹⁸ a gente tinha um lote ali, que a mãe pagou todinho. Ela era “lavadeirinha” (sic) de roupa, pagou todo lavando roupa. E a gente morava lá e o povo construindo, foi quando para construir precisava de madeira, a casa era de madeira, e eles foram arrancando a madeira da casa...a mãe abraçou a gente, ficou por cima ali, chorando muito, e aquilo todo mundo ficou com raiva. Sei que um doou um ‘miero’ (sic) de tijolo, outro as ‘teias’ (sic), e em 15 dias a casa estava pronta, sem porta e sem janela. Sei que doaram a porta ainda e a mãe lavava roupa naqueles córregos tudo dali, sabe a policlínica, ali ela lavava, na Castelo Branco, Neblina, e a gente ia e nadava, os meninos pulavam e tudo, ela fundo aquele rio da castelo branco da ponte sabe? E foi assim. Diário de Campo, dia 0, 22/03/2018

Essa história de Francinete referencia sua trajetória em lembranças da infância impactantes e como esse marco da sua família constrói sua subjetividade. Assim, ela estabelece relações empáticas que a partir de sua narrativa essa percepção de ser solidária e da ajuda mútua. Revisitando o lugar que elas se encontram, Ratts (2003) vai abordar a questão da espacialidade urbana que está diretamente interligado com a questão de gênero e de raça, uma vez que podemos ver que classe social também se liga a essas categorias. O autor rememora sobre o lugar de subalternização da mulher negra, em sua existência nas terras brasileiras, revendo que é uma herança colonial.

Dentre as trajetórias observadas, dois focos recorrentes se ressaltam: os deslocamentos espaciais de moradoras do campo para a cidade em direção ao

¹⁸ Um restaurante que fica em uma avenida principal, que passa por toda a cidade de Araguaína, na Avenida Castelo Branco.

emprego doméstico e das empregadas domésticas negras entre suas residências e os locais de trabalho que configuram igualmente espaços raciais e sociais diferenciados, apesar de possíveis superposições. (RATTS, 2003, p. 15)

Na trajetória de Francinete sua mãe trabalhava para o sustento dos filhos, usufruindo ainda dos espaços urbanos comuns que era fundamental para o desempenho do trabalho, assumindo atividades subalternas. A importância de entender os discursos e a formação da linguagem, está aos meios de comunicação, Ratts (2003, p.8) rememora que essas representações em construção em todo o processo, à aparência e o comportamento “[...] corporeidade da mulher negra e por que não dizer, do gênero feminino e da raça negra, pelo seu Outro, geralmente o homem branco[...]”. A televisão tem no espaço, atrelada a dificuldade, a mobilidade social ascendente do negro, os efeitos de internalização desfavorável de sua auto imagem, considerando a forma que é abordada nos meios de comunicação de massa que Carlos Hasenbalg (1982) apresenta como “uma estética racista” ainda que essa imagem é uma violência simbólica que no contexto “[...]impõe e define como “lugares apropriados[...]” (p. 91), como uma não permissão do trânsito o autor ainda apresenta a segregação geográfica diferente “[...]acentuando a polarização geográfica dos dois grupos raciais[...]”(p. 92).

Mariza em sua trajetória de vida conta que ao sair da casa dos pais ela foi morar com uma família e depois em Goiânia, onde conseguiu um trabalho de cozinheira.

Primeiro a mulher veio e quis trazer Mariza, por que já conhecia os filhos, mas o pai dela não deixou, depois a mulher tentou outras mulheres para cuidar de seus filhos e não deu certo. Mariza conta que “até que o marido dela foi pedir meu pai para deixar eu ir morar com eles, meu pai deixou e vim. Morei 4 anos com essa família, e fui morar em Goiânia, uma amiga me perguntou se eu iria e eu fui. Então fui trabalhar em uma casa, mas que as pessoas não me diziam o que tinha que ser feito, viram que eu era esperta e fui fazendo as coisas, mas mesmo assim não deu certo e não conseguia nada. Foi quando essa minha amiga precisou de alguém para substituir ela no trabalho e disse claro! Eu fiz comida na casa e as pessoas gostaram, foi quando a dona me chamou para trabalhar e cuidar só na comida. ” Mariza ficou 4 anos em Goiânia. Diário de Campo, dia 0, 20/03/2018.

Essa experiência vivida por Mariza em um trabalho informal, perpassa na trajetória da mulher negra. Assumir esse trabalho que marca sua vida, saiu da casa dos pais para executar um trabalho de babá, é comum quando estamos falando da realidade da mulher negra na sociedade brasileira. Revisitando estas discussões através de Sueli Carneiro (2003) percebemos que através dessas trajetórias, e desses lugares que elas assumem, é que a leitura é feita e significada, onde o processo de mediação é considerado.

Ao politizar as desigualdades de gênero, o feminismo transforma as mulheres em novos sujeitos políticos. Essa condição faz com esses sujeitos assumam, a partir do

lugar em que estão inseridos, diversos olhares que desencadeiam processos particulares subjacentes na luta de cada grupo particular. Ou seja, grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. Essas óticas particulares vêm exigindo, paulatinamente, práticas igualmente diversas que ampliem a concepção e o protagonismo feminista na sociedade brasileira, salvaguardando as especificidades. Isso é o que determina o fato de o combate ao racismo ser uma prioridade política para as mulheres negras. (CARNEIRO, 2003, p. 119).

Os processos sociais que geram desigualdades de gênero, raça e classe nos discursos ideológicos é onde os sujeitos mobilizam os significados, dependendo de quais referências e como pode ser construído uma outra noção de estrutura social pode haver uma transformação dessas práticas. A televisão apresenta outras formas de construir essas narrativas através do meio de comunicação de amplo acesso. Hall discute que há uma diversidade multicultural nas estruturas sociais, pela perspectiva de raça:

‘Raça’ é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão – ou seja, o racismo. Contudo, como prática discursiva, o racismo possui uma lógica própria. Hall(1994) Tenta justificar as diferenças sociais e culturais que legitimam a exclusão racial em termos de distinções genéticas e biológicas, isto é, na natureza. (HALL, 2003, p. 69)

Usado como justificativa para o pós sistema escravista como “[...]fenômenos sociais, resultante de formas “arcaicas” de relações intergrupais formadas no passado escravista.”(HASENBALG, 1982, p. 89), o relacionamento social que não é essa a questão, uma vez que o racismo se atualiza de acordo com as novas funções e significados na estrutura social que os grupos se colocam racialmente dominante se beneficiam hierarquicamente aos bens materiais e simbólicos. “[...] A raça, com atributo social e historicamente elaborado, continua a funcionar como um dos critérios mais importantes da distribuição de pessoas na hierarquia social [...]” (HASENBALG, 1982, p. 89). Apresenta a problematização da classe social atrelada a questão racial, como o autor salienta em seu texto, em que as pessoas negras só aparecem nas propagandas associadas a pobreza e para cumprir as obrigações cívicas, ainda que de 117 anúncios as pessoas negras aparecem apenas em nove, sendo três governamentais como uma forma de dever cívico.

As práticas culturais legitimam a estrutura racista que está colocada nos meios de comunicação, em que a representação desses programas faz com que as pessoas que assistam signifiquem a partir de próprias experiências, em como são representadas as identidades negras nas telenovelas. Como apresenta a autora Danúbia Andrade (2009) que são meios que

assumem uma função social que a mídia consegue omitir e distorcer as identidades socialmente “úteis”, abordando uma perfeição em códigos e estereótipos através da linguagem e a negociação de sentidos, lidando com as emoções da telespectadora. Com isso acontece uma reprodução de discursos, fazendo com que as mulheres signifiquem e entendam a ficção, o que não as impede de se envolverem com a trama da telenovela, ou fazer uma leitura de representação do corpo negro na televisão.

A televisão ocupa um espaço grande nessa estrutura, onde os significados dos discursos e representações dependem das práticas sociais. São representações que trazem uma aproximação com o cotidiano, mas que ainda é percebido a diferença do discurso. Ainda que a televisão replica essas práticas sociais fazendo parte de toda estrutura televisiva de aproximação com a linguagem cotidiana, em uma narrativa homogeneizadora do coletivo.

Diante das práticas os esses fatores de qualificação educacional e a distribuição de emprego fazem com que haja disparidades de renda entre essas pessoas. Uma vez que a essa narrativa homogeneizadora acontece nos meios de comunicação em que é produto da indústria cultural, o que muda a realidade quando se tem, em um processo centrífugo irradiando essa experiência de vida. A importância de se trazer para a realidade uma aproximação com uma manifestação cultural em que represente essas pessoas associando a citação que D’Andrea (2013) discute sobre o grupo de rap MC’s Racionais, que eles conseguem fazer essa construção de representatividade desses sujeitos ascendendo o orgulho e o entendimento.

Considerando as contradições do Estado que deixa a desejar nas políticas e associam a periferia à pobreza e violência, o que acontece um processo de autodenominação da composição desse lugar, entendendo o que pode ser mudado. A importância do movimento cultural popular feito pelas pessoas através das próprias vivências pode gerar uma representatividade do cotidiano, em um processo de reafirmação das identidades.

Esta *realidade* seria representada, fundamentalmente, pelo binômio *pobreza e violência*. Estes elementos seriam constitutivos da periferia e a crítica social que o termo *periferia* apresentava baseava-se, mormente, na apresentação desses dois elementos. No entanto, esses elementos, mesmo que constitutivos, existiam e eram denunciados para serem superados. Assim sendo, podemos ver que o termo *periferia*, tal qual formulado pelos moradores da periferia, *contém e nega* os elementos *violência e pobreza*. Em paralelo a essa apresentação da *realidade*, existiu todo um trabalho de valorização do orgulho negro e de aumento da autoestima da população negra. Neste ponto, a obra dos Racionais foi fundamental. Esta valorização do orgulho negro compôs o orgulho periférico, que tempos depois viria a derivar no que aqui se denomina *ética da potência* periférica. (D’ANDREA, 2013, p. 164)

A discussão da periferia se constitui da formação do sujeito, pensando em que lugar se assume. Esse sujeito assume a subalternidade e faz ele construir suas identidades, ainda quanto perpassa a questão do gênero e racial. Essa subalternidade perpassa a questão de classe, como afirma Souza (2003, p. 68) “[...]mercado e Estado, já reproduzem uma visão de mundo e do ser humano contingente historicamente produzida, que hierarquiza indivíduos e classes sociais de acordo com seus imperativos funcionais[...]”. Em um modelo histórico e colonial que assume para esses sujeitos, apresentando a organização estrutural para que esses indivíduos assumam esses espaços.

Para as mulheres há uma interação da relação de ajuda diante da violência e a pobreza, elas se articulam entre si para que sejam agentes transformadoras das vidas umas das outras. Diante de uma vivência cotidiana as fazem compreender a necessidade do contato entre si, com uma autonomia que traz um suporte maior nas relações intrafamiliares, exercendo o pensamento coletivo. Novaes (2015) defende que historicamente a mulher politiza as vias não políticas do cotidiano. A autora também afirma que na periferia há vivências políticas dessas mulheres ao formarem teias em que se ligam com outras mulheres, em uma rede solidária acontece um movimento de ligação e defesa do que é bom para elas, num processo de conscientização e entrada a partir disso na política institucional. Entendemos esse processo por partes e essa teia as sensibilizam a partir das relações cotidianas praticadas socialmente por elas.

Por um lado, a periferia é um local permeado de *pobreza e violência*. No entanto, é na periferia que é possível uma quebra da lógica individualista da *cidade/sociedade* como um todo. Isso se daria pela existência de valores menos presentes em outras regiões da *cidade/sociedade*, como o comunitarismo, o igualitarismo, o estilo de vida, a camaradagem. Ou seja, em grandes traços: a possibilidade da união e da construção coletiva.(D’ANDREA, 2013, p. 169)

Esse autor subverte a ideia do sujeito periférico, ele aborda a vivência como potencializadora, uma vez que é possível enxergar práticas cotidianas ímpar desses espaços. Para a definição dos sujeitos periféricos é crucial o entendimento do espaço e como constrói as subjetividades a partir das identidades que permeiam nesse espaço. Esse termo defendido por D’Andrea (2013) é desenvolvido em dois sentidos estratégicos para o sistema capitalismo incluir essa população na indústria de consumo chamado *de portador de potência* ou força ou *portador de possibilidades*.

E o sujeito periférico, que por sua vez é subalterno, pode ser visto a partir das identidades constituinte das subjetividades, Spivak (2010) aponta uma busca do próprio discurso se tornando visível, em uma tentativa de emancipar do discurso dominante,

repensando sobre as informações que são rodeadas por toda a narrativa presente nos meios de massa. Maurício Matos (2015, p. 44) argumenta sobre a subalternidade que “[...]o movimento das forças envolvidas na constituição de uma singularidade[...]”. O autor ainda discute que o *devir* do subalterno é a construção da imagem diante das considerações discursivas, que se movimentam pela sociedade, considerando que a mídia aglomera essa construção. “[...]em um movimento endógeno nos mecanismos discursivos de construção da diferença[...]” (MATOS, 2015, p. 54), apresenta que as representações de subalternidade retratadas no cinema, não há movimentação para fora em sua construção múltipla.

Lidar e tratar com essa subalternidade, é repensar no quanto há diversas identidades que convergem nessa vivência e que todas elas há singularidades a ser pensadas e repensadas. Assim, como se trata sobre a diversidade das mulheres, em que há diversos fatores que perpassam por suas identidades e as fazem recepcionar as informações que recebem da mídia. Diante dessas considerações, entender que as pessoas procuram se reorganizar diante dos desafios e dificuldade de suas trajetórias, a potencialidade de uma classe consumidora é criada por um conjunto de mobilizações que, apesar de ter diminuído em organização política, estão em movimento e que na última década houve uma ascensão de consumo que por sua vez se confundia em uma versão da “inclusão social” como aborda o autor:

Aqui, nesse registro, no registro do “*periférico-que-virou-classe C*”, a periferia comparece como negócio e mercado a ser disputado. Essa celebração da pobreza como mercado foi acompanhada por uma exposição midiática sem precedentes de *periferias, favelas* e seus habitantes. Essa exposição pode ser verificada nos produtos da indústria do entretenimento, como filmes e novelas; nas empresas de publicidade; e também na agenda pública. (D’ANDREA, 2013, p. 10)

Dessa forma entender o sujeito periférico, é repensar em seu espaço e como interage com o mundo cultural abordado. Souza (2003) traz uma “nova periferia” em que ele aborda uma questão central na formação nova do sistema liberal, onde o Estado se preocupa com o sujeito oferece. As conformações discursivas homogeneizadoras acontecem cotidianamente, em uma linguagem que perpassa pela experiência dos sujeitos subalternos. O entendimento de sua origem e da trajetória é imprescindível para que o entendimento de como mediam as informações, a partir de suas categorias discursivas e de análise, bem como de suas identidades e como essa interação é feita no ambiente que se encontra. A trajetória de pesquisa atravessa toda discussão, marcando como são feitas, vistas e analisadas, portanto seguiremos com essa apresentação a partir da ótica dos Estudos Culturais e da etnografia feminista.

1.3 O caminho

Os Estudos Culturais, segundo Martín-Barbero (2008) tem uma preocupação de não se limitar a formas colonialistas de se fazer ciência. Por isso, Escosteguy (2018) apresenta uma categorização para que esse estudo, sendo que a América Latina desenvolveu uma agenda de investigação própria para considerar os meios de mediação específicos. De vias para esse campo temos a interdisciplinaridade em uma contextualização com a prática política nas discussões.

O entendimento das relações sociais traz a dimensão cultural do olhar e aproxima com o caráter interdisciplinar, que aponta Escosteguy (2018) para essa análise as relações políticas, econômicas, de poder e a construção narrativas de linguagens coletivas. Essa articulação promove uma reflexão sobre o mundo vivido, que no trabalho científico feminista são considerados marginais, mas veja, como falar de uma ótica sem que ressalte historicamente a categoria a partir das experiências sociais com um olhar central para a discussão.

Dessa forma houve um interesse acadêmico em entender os processos de expansão organizados pela classe trabalhadora, de uma forma transformadora esse entendimento para as formações sociais. Escosteguy (2018, p. 106) aponta que “É a recepção ou a valorização da capacidade dos receptores populares em produzir sentidos diferentes aos priorizados pela cultura hegemônica que desponta como a problemática que vai viabilizar esse deslocamento”. Sobretudo os conflitos em que traz a materialidade social e na dimensão simbólica-política.

A recepção por sua vez, tem um caminho ímpar na análise “[...] investigam a telenovela brasileira, uma das principais questões diz respeito à intromissão da ficção seriada na organização do cotidiano e na construção da realidade de seus públicos[...]” (ANDRADE, 2010, p. 194). A partir do cotidiano a etnografia viabiliza à pesquisadora uma inserção no dia-a-dia, aumentando o contato com as colaboradoras, que a partir do consumo, é possível entender o processo de recepção e como a construção de sentidos e significados das telenovelas acontece.

Antropologia feminista, como afirmei em outro lugar (Gregorio Gil, 2006) vem pedindo décadas por causa das implicações do antropólogo como um conhecedor *generizado*, traçando um caminho dialógico e intersubjetivo entre o sujeito -

conhecimento - e objeto - do conhecimento - entre o eu e o outro das posições políticas localizadas. (GREGORIO GIL, 2014, p. 299, tradução nossa)¹⁹

Partindo das experiências e sua composição em diversos contextos sociais, de como as mulheres estão/são organizadas diante da estrutura patriarcal que estamos submetidas, se queremos ou não permanecer nelas, na formação consciente da categoria de mulheres enquanto coletivo. As subjetividades das mulheres que moram na periferia consideradas em suas experiências de vida direcionando o processo de recepção, uma vez que simbólico é antecedido pelo consumo. A etnografia proporciona um eixo central de experiências, vivências à outras formas de percepção, a partir da organização da rotina. Andrade (2010) considera que a mulher em uma etnografia feminista é central na análise como categoria e alicerçada na ótica feminista.

Por outro lado, a partir da crítica feminista, procurei com esta contribuição convidar à elaboração de propostas conceituais e metodológicas que tentem superar as dicotomias existentes entre produção e reprodução, público e privado, homem e mulher, sistema de gênero da sociedade de origem e sistema de gênero da sociedade receptora, passividade e agência, através do qual somos capazes de mostrar como gênero é construído, mas também raça, etnia, parentesco, cultura e outras diferenciações sociais que são assumidos a partir de nossos quadros teóricos e epistemológicos como realidades preexistentes.²⁰ (GRÉGÓRIO GIL, 2012, p. 585, tradução nossa)

As experiências comuns são apresentadas como marcadores sociais que interseccionam as trajetórias dessas mulheres, sendo eles as atividades econômicas, de cuidados. A diferenciação a partir desses marcadores se dá através do gênero, raça, escolaridade e os lugares que são transitados na socialização.

Gregório Gil (2014) discute a perspectiva do feminismo enquanto metodologia, que epistemologicamente vem crescendo desde a década de 80. A partir da construção de gênero que atravessa as estruturas sociais marcando as trajetórias e vivências, centralizando as mulheres como sujeitos sociais conscientes. Como o auxílio dessa lente, a etnografia feminista vem a partir da Antropologia Feminista em discussões na organização da sociedade e por não considerar as mulheres, o que contrapunha a Antropologia, o que desafia as formas

¹⁹ La antropología feminista, como he planteado en otro lugar (Gregorio Gil, 2006) se viene preguntando desde hace décadas por las implicaciones del antropólogo/a como conocedor *generizado*, trazando un camino dialógico e intersubjetivo entre sujeto –conocedor– y objeto –de conocimiento–, entre el yo y el otro desde posiciones políticas situadas.

²⁰ Por otra parte, desde la crítica feminista, he tratado con esta contribución de hacer una invitación a la elaboración de propuestas conceptuales y metodológicas que traten de superar las dicotomías existentes entre producción y reproducción, público y privado, hombre y mujer, sistema de género de la sociedad de origen y sistema de género de la sociedad receptora, pasividad y agencia, mediante las que seamos capaces de mostrar cómo se construye el género, pero también la raza, la etnia, el parentesco, la cultura y otras diferenciaciones sociales que son asumidas desde nuestros marcos teóricos y epistemológicos como realidades preexistentes.

de conhecimentos construídas até então. Na qual podemos pensar que “[...] o enfoque passa a ser sobre como cada sociedade organiza os seus sistemas de valores de gênero e como tais sistemas implicam ou não em estruturas de desigualdade[...]” como traz Bonetti (2009, p. 107).

Na perspectiva de análise que as mulheres estão no centro considera as relações e práticas convencionadas através a desigualdade de gênero, nas relações de poder os meios de opressão é o gênero, implicando outros marcadores. A etnografia proporciona uma aproximação de leitura a partir dessa perspectiva com a experiência, vivenciando, e sensivelmente percebendo as micro relações estabelecidas da esfera doméstica.

Bonetti (2009) afirma que o gênero é um sistema de poder que estabelece prestígios e privilégios, trazendo um diferencial entre as relações que são pensadas e estabelecidas a partir dele como marcador social, que interagem com outras perspectivas. Assim apresento uma necessidade de transitar entre o campo feminista político para analítico – epistemológico de gênero, ressaltando a perspectiva interseccional como marcador social que constroem as relações entre opressões à autonomia, e como aponta a autora, tendem a ser reproduzidas e mudadas por meio da prática.

As práticas sociais se organizam através de uma relação de poder, que vai do âmbito doméstico até os papéis sociais fora dele. A divisão sexual do trabalho envolve uma separação de tarefas a partir do gênero, o que aumenta quando pensamos numa perspectiva de classe e racial. A divisão central de papéis atravessa os marcadores sociais subalternizando e hierarquizando sujeitos, como as mulheres negras, que assumem os trabalhos domésticos e através de marcadores como afirma Lélia Gonzalez (1984, p. 228):

Como todo mito, o da democracia racial oculta algo para além daquilo que mostra. Numa primeira aproximação, constatamos que exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra. Pois o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito.

1.3.1 Percurso da pesquisa – ninguém solta a mão de ninguém

Iremos tratar de como as mediações são feitas e como inter cruzam a vida e na rotina dessas mulheres. Iniciando pelo título, que remete a um momento político delicado, na qual o conservadorismo político cresce e há necessidade de juntarmos. Essa frase foi viralizada pelo movimento negro, LGBTQIA+, indígenas e de mulheres, que enfrentam ideologias

conservadoras que nos assolam. A ideia da globalização ameaça diretamente os direitos das pessoas integrantes dessas categorias, que resistem corriqueiramente enfrentando as estruturas e as relações de poder.

Dessa forma, as mulheres conseguem cuidar e enxergar umas às outras. No período eleitoral, que as discussões estavam inflamáveis, Francinete comenta sobre a situação política e como poderia influenciar diretamente na vida das mulheres que ela conhece. *“O acesso ao porte armas facilitado, as mulheres que apanham irão morrer, na qual os maridos terão uma arma, e que no momento da raiva eles poderão chegar a matá-las”*. Então com a consciência das mulheres enquanto categoria social ao pensar em suas vidas sensibilizando entre si.

Esse ambiente de mediação interpretando e conduzindo os significados e sentidos partindo da trajetória de vida delas. Francinete mora num setor construído através de políticas públicas e observa na novela²¹ o comportamento das pessoas nas situações cotidianas, sobre a forma de se relacionar dos comportamentos as compras. Mariza assimila sobre a criação dos filhos que pode ser violenta ou não, dependendo do direcionamento da educação reafirmando que a formação infantil é a principal de uma pessoa. Ela comenta isso a partir do personagem de Gael²² o que retratava a violência doméstica, na qual ela relaciona a uma infância violenta. Essas mediações reafirmam seus pensamentos e a construção de sentidos.

Assim, Iza tem uma identificação com Dandara²³, enquanto lugar social, por Dandara ser uma mulher negra e ter seus valores bem definidos e reafirmados durante a novela. Iza a elogia sempre e comenta que apesar de ser pobre, ela se preocupa em desempenhar seu trabalho, conseguindo uma mudança de vida a partir disso. É perceptível que partir desse diálogo se assimilam as representações, pensando nos códigos que são vistos e identificados com a vivência.

É percebido que as mulheres partem de suas experiências na assimilação com o assistido, perpassando por como se veem ou a vivência social. Dessa forma é importante como essa construção social é dada no processo epistemológico da desconstrução da naturalização dessa diferença de gênero e suas interseccionalidade. São percepções que

²¹ A telenovela que acompanhamos foi a novela das seis “Orgulho e Paixão”.

²² Gael um personagem interpretado por Sérgio Guizé, na novela das nove “Do Outro Lado do Paraíso”. Ele era violento, batia na esposa Clara interpretado por Bianca Bin.

²³ Dandara uma personagem interpretada por Dandara Mariana, na novela das sete “Verão 90”. Dandara é uma mulher negra, que vai trabalhar em uma emissora de televisão, na qual tudo que ela mais almeja é desempenhar o seu trabalho. O autor homenageia a atriz, dando o mesmo nome para a personagem.

conduzem uma perspectiva de olhar, como entendem o processo da telenovela, fazendo uma grande assimilação com suas vivências e trajetórias.

Na rotina dessas mulheres a escolha das telenovelas foram de variados motivos desde a disponibilidade de assistir no dia-a-dia às preferências narrativas. Reafirmado que as novelas são parecidas e não é necessário acompanhar todos os dias para saber o que se passa, assim, sendo possível acompanhar vendo os primeiros capítulos e últimos. São percepções que conduzem uma perspectiva de olhar, ainda como entendem o processo da telenovela assimilando as próprias experiências. As enxergando nos processos e formações de suas subjetividades e preferências, percebendo as relações com a formação cultural e não como informantes, que se relacionam com o processo cultural próprio. Estar com essas mulheres me fez perceber o quanto as relações de gêneros são incisivas no contexto doméstico, da divisão do trabalho às preferências da televisão e de como são organizadas e respeitadas. As fazem se perceber importantes como sujeitas principais de uma história a ser contada e analisadas, as fazem perceber como protagonistas da própria história.

Esse apontamento movimenta a categoria de análise a ponto de compreender (justificar) as escolhas metodológicas, quando pensamos a partir da crítica feminista. Enxergar as mulheres como e no centro, de modo a entender as relações que as envolvem e de importante vivências, (re)existindo a todas as dificuldades que aparecem, entendendo que podem mais sempre.

Neste capítulo tentamos apresentar as mulheres o lugar social que elas se encontram, abordando suas vivências e como elas se enxergam dentro delas. O próximo capítulo iremos abordar a construção das subjetividades periféricas circundando o espaço e a relação vivida pelas colaboradoras, entre os processos de territorialidade à recepção que perpassa pela ficção, simbólico e as trajetórias.

CAPÍTULO 2 – PERIFERIA e SUJEITOS PERIFÉRICOS?

2.1. O retrato da periferia: como foi construída?

A construção das identidades e das subjetividades é um processo que a partir das vivências há compartilhamentos que são comuns no processo de territorialidade entre os significados, sentidos e representações. Os elementos que perpassam a subjetividade são componentes de formações identitárias das vivências na periferia que desse lugar negociam as preferências entre o cotidiano, a subalternidade e as relações estabelecidas ali. Sobretudo entendemos o território como um lugar que as subjetividades são construídas desde as representações de si com outro e com a cidade. Turra Neto (2001, p. 201) aponta que os territórios são “[...]estabelecidos pela circulação e vivência de certos espaços da cidade e não de outros[...]”. Tratando essas construções coletivas nesses espaços, Mariza é parte de um quadro político institucionalizado do bairro, em que ela negocia com a prefeitura a regularização desse lugar.

Foi me contar sobre a regularização do setor em que ela mora: “Ai eu fui atrás disso, e é uma correria! Por que você sabe que aqui é invasão (sic) né?! Fui na prefeitura e falam que precisam de um relatório da secretaria de habitação, ai fui na secretaria de habitação, ai o doutor falou que enviou esse relatório mês passado ainda para a prefeitura, a gente fica assim, sem saber o que é verdade, as pessoas ficam enrolando a gente. Ainda tem a negociação com o dono desse terreno, que ele quer um valor, e a prefeitura quer pagar outro. E os moradores, que não querem pagar de novo, por que a prefeitura vai dar um valor para o dono e a gente tem que completar, mas dividido em várias vezes. E a gente fica assim, correndo de um lado para o outro. E parece que não desenrola”. Diário de Campo, dia 6, 16/03/2018

Assim nesse processo Mariza, como presidente da associação de bairro, faz essa mediação entre a prefeitura e os moradores estabelecendo uma rede de contatos organizada. Nesse contexto há uma vivência do lugar que é problemática em resolução entre a prefeitura e a quem pertencia, há uma sociabilidade de resistência por meio dos moradores, que negociam o lugar que moram construindo identidades coletivas.

Escolher identidades em meio à multiplicidade no meio urbano, é também escolher espaços de sociabilidade, é instituir uma territorialidade em rede que articula aqueles espaços em que se manifesta a identidade eleita, é, portanto, inserir-se no processo múltiplo de construção de identidades individuais, coletivas e de lugares. (TURRA NETO, 2001, p. 205)

A definição de periferia segundo defende D’Andrea (2013) permeia três campos discursivos: (1) a temporalidade em vários campos, explicando como se construiu essas potencialidades através da academia, que constrói o termo nos anos 60; (2) os coletivos artísticos, enquanto rap e essa dimensão desses sujeitos na década de 90; (3) e a indústria do

entretenimento nos anos 2000. Observa-se que na década de 90 inicia as narrativas fílmicas sobre desigualdades sociais e documentários que traz a vivência cotidiana nesses espaços e nos anos 2000 que inicia esse retrato na televisão.

Licia Valladares (2000) refaz o retrato da periferia e como se organizou das décadas coloniais até a década de 90. Falar da periferia remete a sujeitos que são impossibilitados a transitar por lugares e acessar a serviços. Através de um discurso higienista sobre doenças, na década de 50, o Estado migrou pessoas do centro para as margens nos espaços urbanos, com trabalhos informais, construiu a imagem de desocupados. Na década de 60 essas pessoas foram se organizando construindo barracos que era “cedido” sem infraestrutura alguma devido ao inchaço das grandes cidades com a expansão das indústrias. Nessa década a academia inicia a discussão apresentando a pobreza como um marcador social, sendo entendida a partir da situação de não integração e não mais desocupado.

Na década de 70 foi legislada uma regularização imobiliária, aumentando o espaço de segregação social, uma vez que não há capital econômico sem empregos e direitos, colocando à margem essa população. Na década de 80 houve a mudança da concepção de trabalho, a diferenciação de trabalhos formais e informais, em que reconhecia a pobreza no meio dos trabalhadores com o termo *trabalhador pobre*, como descreve Valladares (2000). Na década de 90, discutiu-se sobre a qualidade de vida das pessoas que estão na pobreza pensando nos serviços públicos, que na prática deixou a desejar. A autora apresenta que nos espaços periféricos não são exclusivos da pobreza, mas que nesses espaços grandes características socioeconômicas distintas e heterogêneas, estigmatizando os sujeitos que ali vivem. Trazemos a convergência dessa discussão com o racismo, apresentando que a pobreza no Brasil tem cor e gênero como aponta Guimarães (1995, p. 35):

A doutrina liberal do século XIX, segundo a qual os pobres eram pobres porque eram inferiores, encontrava no Brasil sua aparência de legitimidade no aniquilamento cultural dos costumes africanos e na condição de pobreza e de exclusão política, social e cultural da grande massa dos pretos e mestiços. A condição de pobreza dos pretos e mestiços, assim como anteriormente à condição servil dos escravos, era tomada como marca de inferioridade.

D’Andrea (2013) aponta que a estigmatização envolve a construção das subjetividades dos sujeitos naquele espaço, uma vez que os jovens entendem seu lugar subalterno enquanto mão de obra e exploração do sistema capitalista, há uma ideia moral que permeia o espaço associando o trabalho formal como uma chance de melhorar de vida no sentido econômico. O que realoca essas pessoas à um sentimento de inclusão social, mesmo que marcadas historicamente por um sistema racial excludente. Isso posto, relacionar com o

trabalho das mulheres que ficam na informalidade, mas que em muito são as que conseguem trabalho, como aponta Gonzalez (1984, p. 231):

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país).

Souza (2003, p. 135) retrata como a periferia é designação do Estado, que foi construída a fim de hierarquizar as camadas sociais e naturalizar as desigualdades. A partir das práticas cotidianas há uma articulação no processo de modernização com o discurso televisivo, no processo de negociação e legitimação, “[...]na dimensão da ação social consubstanciada na tematização dos grupos e classes suportes do processo de modernização[...]”, um caso típico de “modernização exógena”, de fora para dentro. O autor acrescenta que o sistema patriarcal nesse processo traz para o seio uma narrativa dominante reincidindo sobre a mulher, para que fosse retirada desse processo econômico.

A partir da década de 90 iniciaram os estudos antropológicos com um olhar de dentro desse ambiente periférico entendendo os processos econômicos que os rodeavam. Assim as mobilizações sociais construídas coletivamente davam visibilidade a partir dos microprocessos vivenciados.

A vitória definitiva do processo de modernização periférico brasileiro vai exigir não mais apenas o influxo exógeno, de “fora para dentro”, mas também, como resultado de lento processo de conscientização e luta política, um influxo endógeno de “dentro para fora”, ou seja, a formulação consciente e refletida de um projeto modernizador autônomo e nacional. (SOUZA, 2003, p.145)

Nos anos 2000 houve uma abertura na lógica de consumo com a expansão do crédito, valorização do salário mínimo e programas de transferência de renda, em que os sujeitos protagonizaram o consumo, aproximando da narrativa televisiva em comportamentos. D’Andrea (2013) afirma que construir essa representação em hegemonia inversa, faz com que essas pessoas se vejam podendo repensar e reconstruir suas subjetividades a partir do seu lugar, ainda em suas identidades potenciais de orgulho. O autor discute a auto identificação do termo *periferia* que foi construído a partir da década de 80 com a associação de trabalhador, povo ou classe trabalhadora, uma vez que essa associação vinha de um comportamento comum dessas pessoas como mão de obra socialmente na divisão do trabalho.

A partir da construção com os moradores das identidades na periferia com os movimentos sociais e da relação em crise na década de 90 com o trabalho e o sistema econômico, houve a dissociação de trabalhador e a potencialidade do sujeito periférico. O sentido compartilhado e a autoidentificação das pessoas que ali dividiam experiências, se organizavam enquanto coletivo a construção desse espaço em um processo no viés econômico, de uma “nova periferia”. Para Souza (2003, p. 131) no processo de modernização o Estado renuncia esses sujeitos, fazendo com que permanecessem ali, “[...]é precisamente esta sofisticação de análise e percepção que o permite superar a análise de aparências e hierarquizar o principal do secundário distanciando da corrente de pensamento dominante[...]”. É abordado como fenômeno superficial e imbricado na discussão que não há superficialidade nesse processo, que desde o processo colonialista uma narrativa dominante constrói esse lugar marcando as subjetividades periféricas em elementos heterogêneos, que as fazem construir as identidades a partir dessas narrativas.

Discutir sobre o sujeito periférico, vai além do espaço em que se encontra, mas onde e como transita e como as subjetividades são construídas a partir dos elementos de significação. O entendimento das múltiplas identidades desse sujeito que o constitui são associadas através das representações, incluindo as narrativas das telenovelas como hegemônica. Pensando em como são vistas e significadas a partir do seu lugar, entender que a subalternidade perpassa por essa construção desse sujeito e que fixa elementos que apesar da movimentação continuam significando as mesmas narrativas.

Esse sujeito em movimentação na busca pela construção das subjetividades deve ter suas diferenças negociadas com autonomia, para que não se limite a uma diferença hegemônica, como cita Angela Prynston (2014, p. 113), que dá chances para a modernidade apropriar-se desse discurso e referendar esse processo, deixando os direitos a margem. Dessa forma, o processo da discussão acontece de dentro para fora, em que o significado das narrativas é considerado pelo o sujeito e sua formação subjetiva, a autora argumenta que “[...]exatamente no foco de todo repensar sobre a periferia, a subalternidade e suas relações com a identidade nacional e as políticas de superação do subdesenvolvimento, está a dualidade centro-periferia[...]”.

Portanto trazer a construção do sujeito periférico é uma ampla discussão de suas subjetividades e como são construídas, sobre as identidades que são colocadas diante de toda a formação cultural. Mostrar que no processo de recepção são mediados esses significados,

ajuda-nos a compreender os múltiplos sentidos a partir do cotidiano e das trajetórias vividas. Uma vez que optamos a recortar a discussão no movimento de construção das subjetividades periféricas, na afirmação das identidades a partir da subalternidade, que Matos (2015, p. 44) afirma “[...]a subalternidade torna-se um movimento da força envolvida na constituição de uma singularidade[...]”.

Entender o periférico enquanto formação de classe e sua restrita ligação com o sujeito trabalhador pode ser complementar. O termo periférico engloba sujeitos que estão ali constituindo esse espaço, a história da formação no entrelaçamento com o trabalhador. Na qual envolvia esses sujeitos, na década de 90 houve uma crise de desempregos, que foi reconstruído esse termo, pois muitas daquelas pessoas não mais se autodenominavam enquanto trabalhadoras.

A relação de trabalho das mulheres historicamente retratada na saída da mulher do âmbito doméstico, o que Aldeman (2004, p.4) “[...]não contam com essas narrativas como atores sociais da esfera pública, o mundo privado é visto como retrógrado[...]”, o que destinava a permanência nesse espaço nas relações do sistema capitalismo, outrora a autora afirma que “[...]é criado um cenário que as mulheres são tornadas invisíveis e o mundo público é codificado masculino[...]”(ibid), o que faz com que elas assumam as atividades de subalternidade chegando mais tarde nesse mundo público. Em uma sociedade patriarcal faz com que as mulheres fiquem de fora dessa “competição econômica”, como afirma Souza (2003), na organização da “nova periferia”.

Assim na sociabilidade das mulheres negras enquanto trabalhadoras, acontece quando elas assumem trabalhos domésticos subalternizados não oportunizam a sair desse ciclo. Dessa forma em uma herança colonialista na formação social, é necessário abordar essa construção do sexismo, como discute Gonzalez (1984), que corpo da mulher negra perpassa por uma sexualização e desvalorização, alocando-as nos trabalhos informais e subalternos, como de cuidados, serviços gerais e domésticas. Essas mulheres que compõem a periferia, são marcadas em suas subjetividades por esses traços que afetam suas sociabilidades prendendo-as nesses lugares através de opressões que permeiam as relações sociais, marcadas pelo racismo e o gênero. Abordaremos o coletivo partindo da sociabilidade das mulheres em como vivem nesse espaço e da organização diante de experiências individuais e coletivas.

Segundo Novaes (2015, p. 54) “[...]o século XIX marcou deste modo, a divisão entre Estado e indivíduo privado, constituindo um espaço político inseparável do público, do qual,

porém, foram excluídos as mulheres e os proletários.[...]” . Uma articulação da trajetória das mulheres nas esferas públicas e privadas que, na formação do sistema liberal, essa naturalização ideológica através de um discurso biologizante hierarquiza e divide a partir da divisão sexual do trabalho. Sendo marcadas pelo gênero e sistema racial que atua sobre as mulheres negras.

Contudo, vale considerar que, embora distintos, espaços público e privado estiveram historicamente articulados em sua dimensão concreta, ainda que ideologicamente representados como distantes e separados pela proposta política liberal. [...] Com tal perspectiva, o público e o privado não podem ser, portanto, percebidos de forma dicotômica, e sim relacional, já que são espaços que se articulam concretamente. (NOVAES, 2015, p. 55)

Assim como a conduta de formação brasileira da periferia, a formação colonialista de público e privado aconteceu com uma mistura articulada desses espaços. Novaes (2015) discute que as mulheres atuam nas esferas de luta e resistência diante das formas de trabalho que compõe também a economia e a função social dos espaços e atividades. Apresentando os espaços coletivos que as mulheres se organizam, articulam as necessidades a partir de suas condições de vida, a autora afirma que “[...] isto se justifica pelo fato de que o processo de urbanização implanta uma rede de consumo coletivo que leva à necessidade de cooperação entre aqueles que usufruem ou desejam usufruir de tal rede[...]”. Essa consciência mobilizadora é entendida como sujeitos periféricos, que D’Andrea (2013) apresenta como agentes transformadoras de suas práticas sociais, que através de uma rede mútua no cotidiano as relações *inter* e *intra* estabelecidas entre elas.

Pelo fato de uma pessoa estar num determinado lugar e num determinado tempo, participa de redes de sociabilidade que lhe permitirão construir seus referenciais e lhe ordenarão o mundo. Estes podem vir a se transformar quando a pessoa muda de lugar e já está mais madura, participando assim de um outro contexto e recebendo deste suas influências. Assim, as pessoas se constroem, constroem grupos de referência e sociabilidade, seus lugares de encontro e constroem também o mundo para si. (TURRA NETO, 2001, p. 208)

Essa organização criam uma rede de suporte uma com as outras, dividindo assim as tarefas domésticas seguidas dos trabalhos informais e autônomos. É percebido que elas se ajudam e se preocupam em uma relação próxima de cuidado, que vai da amamentação até a rotina de buscar e levar os filhos na escola. Francinete estabelece em suas relações esses contatos, quando não nos encontramos por necessidade dela de socorrer uma amiga que estava com problemas psicológicos. Ela atende e recebe uma amiga que fazia um tratamento sendo suporte, fortalecendo a rede estabelecida.

Francinete foi me contando a história que ela era a única amiga que havia ajudado, em seu relato: “Ela me ligou quase meia noite do hospital, disse que

ligou para o irmão dela e estava todo mundo com o celular desligado, caindo na caixa. Então, ela me ligou. Está vendo essa amiga aqui (me mostrou um vídeo de homenagem que essa amiga havia feito) disse que não ia deixar ela, e dormiu uma noite no hospital, e só. Depois queria fazer churrasco aqui, sem ela ter recuperado ainda, sabe? Isso que é amiga! Disse que ia ajudar, e se eu e Abidias não vamos fazer umas compras para ela, ela fica lá sem nada. (pegou o celular e foi me mostrando fotos) olha aqui a que fez a cirurgia, ela tinha um palmo de gordura, foi fácil não a recuperação dela, os pontos abriu e eu ia lá, levava as coisas fazia faxina. Ela está toda melosa comigo, por que diz que fui a única que ajudei ela (me mostra mais fotos) aqui é ela com meu celular, e essa sou eu fazendo as coisas, tirou as fotos para colocar no grupo, dizendo que estou cansada. (risadas) Sei que a mãe dela falou comigo para eu comprar umas coisas no meu cartão. Comprei e ela já passou o dinheiro”. Perguntei se essa amiga não trabalhava, ela informou que só fazia ‘bicos’.

Iniciou então a estória de Ana, uma amiga que faz um tratamento no HDT. “Essa minha amiga Ana, ela tem umas feridas no pé, mulher, a ferida já tinha comido toda a carne daqui ó (me mostra a panturrilha). E ela já tinha ido no médico particular e não adiantou, tinha passado um monte de remédio e nada. E tudo começou com uma rachadura no pé, que foi subindo e aumentando a ferida, até o povo não querer mais ficar perto dela, porque fedia as feridas e abriu tanto. Até os filhos dela falavam “lá vem a mãe com essa ferida fedida!. Lá onde ela mora tem rio né? Ai as mulheres lavam as coisas no rio, uma vez uma mosca assentou na ferida do pé, e ela disse que sentiu alguma coisa ‘firviando’(sic) e ela então não sabia o que era. Dois dias depois continuou a ‘firviar’ (sic) e ela chamou o marido dela “vem cá meu véi, olha aqui essa ferida!” E ele foi tirando bicho por bicho, colocando num vidro com cachaça. Essa mulher meteu o pau a chorar, e falava “se tem esse tanto pequeno, tem um grande!” Então ela foi para o quarto, orou para Deus e disse que se tivesse outro bicho lá dentro para que Deus tirasse, e dois dias depois saiu sozinho um bicho grande, que já estava até cabeludo”. Foi quando ela decidiu ir no médico, foi nesse particular, que comprou remédios caríssimos e nada de resolver, mandaram ela para o HDT (Hospital de Doenças Tropicais), foi quando conseguiu um encaminhamento do postinho e conseguiu chegar lá. Demorou para ser atendida e quando foi a médica viu e disse que ela ia internar, ela meteu o pau a chorar, disse que não tinha levado nada, roupas, ligou para o marido dela e a sorte é que ele estava de férias. Chegou lá e ela estava com as pernas nessa altura começou tomando antibiótico fez curativo. Passou uns remédios manipulados, mas não adiantou, teve que comprar uma bota, que ela usa até hoje e por isso ela vem toda a semana, trocar o curativo. Agora a ferida dela está bem melhor, pequena”. Diário de Campo, Dia 1, 11/04/2018.

Esse trecho do diário de campo nos leva a pensar como a rede de cuidados estabelecida entre as partes cria uma relação de sociabilidade onde elas entendem as dores uma da outra de uma forma empática. O exercício da empatia é uma prática que o feminismo chama de *sororidade*, Piedade apresenta um novo termo para as relações entre as mulheres negras, chamado de *dororidade*, em um reconhecimento das dores entre elas. Vilma Piedade²⁴ salienta que “A dororidade nos faz olhar para as três questões juntas. Obriga a olhar para a dor que o racismo provoca, e essa dor é preta”. Questões que perpassam pela mulher preta, brasileira e feminista.

²⁴ Entrevista realizada com Vilma Piedade, autora do livro *Dororidade*. Disponível em <<https://revistacult.uol.com.br/home/dororidade-vilma-piedade/>> Acesso em: 31/08/2019.

A análise de cuidados envolve o compartilhamento dos problemas e de como elas lidam fortalece a relação entre as mulheres que criam essa rede. A segunda situação trazida do diário de campo é diferente, na qual a amiga tem um suporte do marido e familiar, mas que ainda sim o cuidado se faz presente. Francinete relata que a amiga oferece uma troca trazendo comidas como ovos, galinhas e peixe, e produtos que ela faz, como o sabão, sendo possível repensar nas relações e são estabelecidas essas redes.

Diante das possibilidades essas mulheres constroem a territorialidade havendo vários núcleos de redes que compõem as experiências de vida delas. Rogério Haesbaert (1999) discute a territorialidade como o processo informacional e espacial, interação que assegura a autonomia de uma coletividade através do tempo. Na qual esse lugar que elas pertencem com todos os significados afetivos e identitário, criando a relação de pertencimento ao território. Uma vez que essas mulheres conseguem nesse espaço se organizarem entre si, há fortalecimento com autonomia dessa rede tendendo a crescer.

Elas compartilham um referente que movimenta uma cadeia de significados e sentidos, enquanto as identidades perpassam por suas experiências, com uma comunicação de si com os pares. Para os sujeitos periféricos, sobretudo as mulheres, a representação foi necessária para o (auto)entendimento no processo da construção da subjetividade, ainda que os movimentos enquanto moradoras desse espaço fez com que houvesse uma representatividade midiática e que se sentissem vistos e/ou representados.

D'Andrea (2013, p. 46) afirma que esse movimento de representatividade midiática mudou a forma de observação, rompendo com a invisibilidade e colocando os produtos culturais em circulação, sendo “[...] O cerne da *preponderância* do discurso deste movimento cultural foi, sem dúvida, o fato de falarem da *periferia* sendo *moradores da periferia*. O falar “de dentro” foi utilizado como recurso para relativizar outros postos de observação[...]”. O autor traz que o termo periferia foi construído diante a duas recusas sendo uma que a cidade recusou a periferia historicamente, tornando um ambiente violento e invisibilizado e uma segunda recusa uma ruptura com o binômio operário-subúrbio, em que prevalece um chamamento da categoria de morador de um lugar com carências infraestruturais de periferia.

A experiência social compartilhada do *sentir-se periférico* é fundamentalmente urbana. Morar na periferia se contrapõe a habitar regiões mais bem estruturadas da cidade e com melhor poder aquisitivo. É possuir uma experiência urbana calcada fundamentalmente na *segregação socioespacial*, com grandes deslocamentos pela cidade no trajeto trabalho moradia ou mesmo quando da procura de serviços somente oferecidos em bairros melhor estruturados. [...] Tal experiência compartilhada de percepção da urbe também se expressa nas dificuldades no

mercado laboral, no acesso a serviços públicos de qualidade, nas opções de lazer e cultura distribuídas de maneira desigual pela cidade. (D'ANDREA, 2013, p. 139)

A formação urbana trouxe vários pontos de desigualdades, sendo a segregação sócioespacial, que relegam as pessoas de acesso fácil aos serviços básicos, atuando ainda com uma estigmatização dessas pessoas. Portanto as observações desse lugar em potencial de formadores de subjetividades, experiências coletivas e organização, que apresenta uma construção singular assim com suas vivências. A atuação das mulheres como agentes sociais de organização transita de maneira em que as façam compreender seus direitos, de uma forma fomentadora de suas autonomias.

Contudo, é interessante ir além deste entendimento do território – como condição para a produção de uma subjetividade singular – e vê-lo também na sua relação com processos de negociação de espaços, de estabelecimento de limites entre os de dentro e os de fora, na relação com a alteridade mediada pelo espaço. (TURRA NETO, 2001, p. 2015).

A construção da periferia envolve as experiências coletivas, a partir de uma organização institucional, como Mariza, ou não institucional como Francinete. As fazem compor uma sociabilidade onde se criam laços e redes, sendo um amparo e de certa forma, uma vivência potencializadora de amparo, assim a sociabilidade advém de um compartilhamentos de códigos, e símbolos que tornam referentes a essas mulheres em suas (com)vivências. Repensar nesse lugar é a partir dele há uma construção de subjetividades de como atravessam as experiências vividas enquanto sujeito nesse lugar, em um movimento de dentro para fora.

2.2 “Periferia é periferia em qualquer lugar?”

Na cidade de Araguaína, no norte do Tocantins, tem como característica abundância de rios e uma história de saída do campo para construir o centro urbano. Na década de 70 com a chegada da BR 153, aconteceu a imigração de pessoas da zona rural e foram se organizando na cidade se constituindo um polo econômico do estado e foi cogitada a ser a capital do estado por sua efervescência na atividade econômica da agropecuária. No contexto nacional era necessário conter a imigração para os grandes centros, dessa forma o Estado fazia investimentos básicos, como a construção de rodovias, em que empresários das regiões das Minas Gerais e Sul de Goiás começaram o cultivo de suas terras.

Assim como o desaparecimento das pequenas propriedades rurais por grandes latifúndios, no processo de desapropriação dos pequenos produtores, a criação da BR 153 e

industrialização da cidade de Araguaína acelerou o fluxo de pessoas como um ponto de encontro dos comerciantes dos estados do Maranhão e Pará, em que acentuou as transações econômicas a nível nacional. Esse processo de industrialização fez com que houvesse um êxodo rural, aumentando a população urbana e diminuindo a população rural, as transformações econômicas com esse aumento permitiu-se novas articulações e fluxos com diferentes funcionalidades.

O processo de modernização do campo, no território brasileiro, não se difundiu de maneira espontânea nem homogênea, mas concentrou-se em certas regiões do país, o que, conseqüentemente, privilegiou determinados grupos sociais em detrimento à marginalização de outros que não conseguiram acompanhar as significativas mudanças. Do mesmo modo, tal processo se faz na escala da rede urbana, imprimindo certa importância na funcionalidade urbana à determinadas cidades, como, por exemplo, Araguaína. (MORAIS, 2014, p. 43)

Com a industrialização houve uma reorganização urbana emergente da burguesia, influenciando a formação de todo o processo. Assim sendo, essa organização urbana é complexa e depende de como os fluxos dessas cidades foram estabelecidos, dentro das inter-relações de agentes econômicos, culturais sociais e espaciais.

Dessa forma houve uma organização na divisão do trabalho e isso delimitou o comportamento das pessoas e as instituições, as condições dos trabalhadores que aproximam ou distanciam do centro, das condições básicas de serviços onde a organização evidencia a separação classista do espaço. González (1982, p. 15) acrescenta:

Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominados e dominadores. O lugar do lugar branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas e etc, até a polícia formalmente constituída. [...] Já o lugar do negro é o oposto, evidentemente: da senzala as favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujo modelos são os guetos dos países desenvolvidos) nos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.

À luz da autora, podemos citar que as pessoas que compunham esse entorno eram pessoas que foram desapropriadas de suas terras, vieram então a ter subempregos para os grandes e médios latifundiários, que houve um alto índice de investimento diante da abertura de uma estrada importante para a economia do país. A contrapartida da segregação racial do espaço se dá nas condições ruins de moradia e de infraestrutura, em que esse conjunto identifica tais espaços, diante das relações de subalternização do trabalho, numa situação precária na qualidade de vida. D’Andrea (2013, p. 149) traz que “[...]o entrecruzamento entre raça e questão urbana coloca em evidência que a população negra habita fundamentalmente

os espaços segregados da cidade[...]”. O que nos traz enquanto problemática evidente dos espaços são onde as pessoas negras se encontram e remete ao processo de miscigenação, embranquecimento e da higienização, que são questões raciais violentas contra a população negra, como o processo urbano.

Em Araguaína esses processos econômicos foram cruciais para a formação da rede urbana e da formação socioeconômica do Tocantins. Podemos pensar na forma como a divisão de trabalho é feita na cidade, sendo um pólo estruturador de comércio e educação. Itamar Morais (2014) afirma que nessa cidade há uma estrutura econômica que atende as regiões menores, assim:

Em relação aos serviços coletivos, sociais e pessoais que se caracterizam por intensa informalidade, entre os quais, destacam-se as manicures, cabeleiros, faxinas e lavadeiras, também se distribuem por toda a região. Existem 183 empresas em Araguaína e 191 distribuídas entre os municípios da região. Esta é uma das poucas atividades em que mais da metade está dispersa nos municípios do espaço regional de Araguaína. (MORAIS, 2014, p. 59)

Esses são os serviços que a população local assume na perspectiva de renda, empregos subalternos assumidos em maioria pelas mulheres. Necessário compreender como essas mulheres moram e como funciona seu cotidiano, quais são os elementos que trazem dentro da divisão do trabalho, pensando nos direitos e deveres que são exercidos por elas. Podemos trazer Iza, em sua vontade de ter um emprego com carteira assinada que condiz com sua formação, na qual sua atividade econômica é exercida em casa.

Conta sobre a trajetória empregatícia, que trabalhou em serviços gerais no regional por 12 anos e junto com essa rotina de trabalho, ela cursou a 4ª série, as filhas tinham 8 e 7 anos, e a incentivava ir para escola. Conta que chegava tão cansada que não podia nem sentar no sofá, que no dia que sentava ela não conseguia ir à escola. Dessa forma ela fala que entende que as filhas não tenham vontade de ter filhos, e as consideram “bem da cabeça” por isso, que perceberam ela e suas dificuldades quando elas eram crianças. Após finalizar o ensino básico, fez vários cursinhos, como de secretariado de recursos humanos, radiologia e que todos estão presente no currículo, que ela espalha ele. Afirma que queria um emprego de carteira assinada que garante os direitos de férias e décimo terceiro, e que no estado não tem nenhum direito. Diário de Campo, dia 0, 29/03/2019. Iza reafirma a vontade de arrumar um emprego com carteira assinada, em que ela comenta sobre os direitos, uma vez que ela é contratada no estado e não oferece férias e nem décimo terceiro, assim ela crê que com a carteira assinada ela receberá todos os direitos. Diário de Campo, dia 2, 09/04/2019

Iza reafirma essa vontade e esse lugar que ela assume, é por que não consegue esse emprego que tanto queria. Ela, entre muitas mulheres de Araguaína, passa pela mesma situação, se organizam para que a atividade econômica seja realizada. Em uma forma de repensar a subalternidade é esse movimento econômico, que tanto pode limitar a autonomia social, o que é recorrente ainda para as mulheres. Mariza também tem essa negociação para

o vínculo empregatício, ela afirma que é ruim essa dependência que não consegue visualizar o futuro, o que dificulta seus planejamentos que depende diretamente desse vínculo. Em seu caso ela negocia o próprio emprego e de uma irmã, o que é notável essa relação da rede de contatos.

No dicionário crítico feminista esse termo sororidade segundo Dominique Fougeyrollas-Schwebel (2009, p.146) foi construído a partir do movimento feminista da década de 70, uma vez que nesse período o movimento recusa uma organização social hierárquica, sendo marcado pela busca de identidade, uma pesquisa ideológica de sentido e de valores comuns, mas marcadas pela divisão racial, quando para essa aproximação das mulheres negras, surge o termo dororidade.

A essa nova ideologia denominou-se “sororidade”: *Sisterhood is Powerful* (a sororidade é poderosa). Mas as questões da identidade racial ou nacional dividem o movimento, e a solidariedade comum das mulheres é rapidamente questionada pela suspeita da ignorância dos problemas próprios de cada grupo identitário, pelo tremor da criação de novas formas de dominação entre homossexuais e heterossexuais, entre burgueses e proletárias, entre as mães e aqueles que não o são, entre as mulheres brancas e as mulheres negras, sobretudo nos Estados Unidos.

Entre as mulheres negras acontece uma aproximação de vivências e trajetórias, nas quais elas perpassam pelos menos anseios e marcações da vida. Não diferente dos movimentos feministas, ser sororis entre as mulheres é repensar em quais mulheres essa solidariedade acontece, uma vez que é recorrente em grupos com a proximidade de identidades, como mulheres negras, mães, entre outras convergências. Entre as mulheres negras suas vivências são marcadas por essa relação mútua em ajuda, o que podemos trazer sobre as posições assumidas da subalternidade que é frequente, portanto esse exercício da alteridade é recorrente, entendendo as dores que perpassa através do racismo, por isso a dororidade.

Enquanto eu conversava com Kamylla, Mariza conversava no telefone com uma irmã dela, DuCarmo, sobre um emprego que ela arrumou para a irmã, e corria o risco de perder, ela responde depois que eu perguntei se estava tudo bem, ela diz: “ela hoje me ligou falando que o diretor da creche disse que alguns contratos não iam ficar, aí ela ficou com medo, né? Mas amanhã eu ligo em palmas para ver o que vai acontecer, tentar ver quem fica e quem vai embora, eu acho que foram muitos contratados mesmo, e que já não ia ficar esse tanto de gente, tem menino lá que nem precisa”. Perguntei o por que não precisavam, ela diz: “assim, na minha opinião ne, que tem alunos que não conseguem ler e nem fazer as tarefas, mas conseguem prestar atenção na aula. Esse não precisa de uma professora só para eles, podem dividir, e acho que por isso vão cortar algumas pessoas. Mas a que a DuCarmo acompanha ela precisa muito, mas temos que ver como vai ser esse corte, se for político não temos o que fazer. ” Diário de Campo, dia 1, 09/04/2019

Dessa forma ela foi falando da dificuldade, que a irmã perdeu o contrato do Estado, pela mudança de governador, que foi cassado. Citou a dificuldade de estar nessa situação, dependendo de políticos, uma vez que é muito incerto. “É como se as pessoas não considerassem que temos uma vida, conta para pagar, o que comer”, diz Mariza sobre a situação. Diário de Campo, dia 3, 26/04/2018

A consciência da situação de vulnerabilidade do entendimento com o vínculo empregatício diz sobre como ela se sente invisibilizada e impotente diante de toda a conformação política, ainda entendendo a importância desse processo e o avanço em sua vida pessoal. Ainda podemos discutir a importância das relações políticas institucionalizada e como atinge diretamente a vida ela, em que ela negocia e muda diretamente no sentido trabalhista, entende a importância para o bairro e a região esse contato. Nesse caso é evidente a relação de impotência diante da consolidação do emprego, sendo instável, sente como se não a considerasse nas necessidades básicas para a sobrevivência, como alimentação e compromissos financeiros.

Entrecruzar estigmas para que possamos romper com eles através das diferentes vivências periféricas, perpassando pelo âmbito racial e de classe. Ao apresentar as potencialidades optamos por não utilizar termos como pobres, já o uso do termo periférico sugere que as pessoas têm orgulho de estar nesse espaço diante da construção de suas identidades, referências e experiências de se perceber agente desse espaço, entendendo o processo histórico.

A formação identitária se constrói a partir de diversos aspectos mediando as experiências comuns que são vivenciadas e compartilhadas por essas pessoas. Marcadas no processo socioespacial do lugar, diante que ali constroem memórias e uma sociabilidade característica dessa vivência, como o envolvimento social. Essas sociabilidades são negociadas nas relações entre os lugares que assumem sendo um elemento constituinte das subjetividades periféricas.

Essas experiências compartilhadas trazem o que são em comum sobre essas pessoas, sobretudo as mulheres que moram na periferia. Contudo a segregação socioespacial da sociabilidade ao longo da história as mulheres se articulam entre os espaços que elas ficam em maioria o doméstico, que ficavam à margem dos espaços de decisão diretamente e dos cargos de alta hierarquia. Essa segregação faz com que haja diferença entre as relações sociais, como a desigualdade, o acesso aos serviços básicos, hospitais, escolas e distância que dificulta a locomoção com um transporte público precário, o que não acontece apenas em

grandes capitais, como trazido por D'Andrea (2013), mas em uma realidade no norte do Tocantins o interior em uma cidade que apresenta essas dificuldades.

Assim se constrói nesse lugar a periferia, com características comuns, pensando principalmente em como o sujeito que constrói o espaço de suas subjetividades compartilhando as experiências. Considerando a reestruturação regional nos processos sociais e históricos que estão sempre acontecendo e diante da rapidez das mudanças econômicas que se vive, as periferias de Araguaína são devidas as conformações econômicas da política de expansão urbana. É causada uma hierarquia urbana através das interações espaciais e a influência exercida em seu entorno, na intenção de discutir as identidades dessas pessoas na construção das subjetividades periféricas, e como essas configurações urbanas compõem esse processo.

A compreensão de Araguaína, sob a perspectiva das cidades médias, nos remete a necessidade de uma análise dos processos socioeconômicos espaciais, pois, tal localidade destaca-se regionalmente como centro prestador de serviços, comércio, lazer, centro de estudos superiores e médico-hospitalares e outros serviços que atendem ao mercado consumidor de seu entorno imediato e de cidades localizadas em um raio de distância que ultrapassa a região Norte do Tocantins, onde geograficamente está localizada. (MORAIS, 2014, p. 40)

A formação de Araguaína como lugar é referência da região, sendo uma cidade média com indicadores razoáveis de atendimento em saúde e educação. Dessa forma a vinda de pessoas para essa região é alta, vislumbrando uma forma de expansão econômica, importante para uma agenda social e a região aparecendo como aglutinador para classe trabalhadora. Na articulação com os espaços urbanos e rurais dessa cidade, é necessário a análise de como a formação urbana aconteceu. Moraes (2014, p. 20) disserta que na região há um entrelaçamento de fios e teias da rede urbana no espaço geográfico, sendo capaz de interligar através de serviços as regiões de norte do Tocantins, Sudeste do Pará, Sul do Maranhão e Piauí.

O autor traz que a formação da rede urbana proporciona mudanças sociais, que segundo Haesbaert (1999, p.16) proporciona uma fluidez entre os lugares permitindo fluxo de pessoas e mercadorias em processos de globalização como de fragmentação, ligadas a diversidade territorial. O autor traz que “[...]a mídia também alimenta uma revalorização do “regional”, ainda que ele seja entendido de maneiras as mais diversas[...]”, há uma linguagem negociada dessa representação regional em questionamentos de qual regionalismos está em questão. Para essas representações de como a diversidade é entendida ainda dentro de um

parâmetro global, trazer a análise regional requer um cuidado com os fenômenos sociais em diferentes escalas, como político e de identidades.

A construção material dessa formação da região pode ser multifacetada, como aponta Haesbaert (1999), sendo que a partir da Revolução Industrial há um fomento das mudanças tecnológicas sendo implantadas nas infraestruturas, na qual as pessoas são trabalhadoras e que nesse viés, há uma geração de emprego técnico, em que o lucro sobrepõe a qualidade do trabalho das pessoas que ali compõe a estrutura regional do lugar, onde uma dessas infraestruturas é o sistema de comunicação.

Aproximando com o regional a formação da periferia é um processo que é alimentado por um sistema entende a desigualdade como parte dele. Assim o regional faz parte do globalizado que homogeniza as identidades, uma vez que as subjetividades são compostas a partir das experiências, o entendimento dessa construção é uma afirmação das pessoas que ali moram e vivem. Perpassando o processo de territorialidade de uma forma simbólica gerando elementos para as subjetividades desses sujeitos que transitam nesse espaço.

O processo de urbanização e a expansão econômica foi crucial a um crescimento industrial/comercial e do mercado e bens de serviço, ainda que houve necessidade de ascensão da burguesia nesse campo, em que são fatores que incidiram diretamente na urbanização das cidades, o que gerou um processo amplo de industrialização, havendo uma reestruturação de na nova divisão do trabalho, acontecendo de maneira heterogênea no território brasileiro.

A necessidade das pessoas trabalhadoras de estar naquele espaço, faz do trabalho além de emancipação, o que em um sentido o trabalho é um eixo estruturador o que faz dele como projeto, possibilidades da vida e da subjetividade, como traz D'Andrea (2013). Em um momento de crise, dos anos 90, fez com houvesse a percepção sobre a não ascensão social através do trabalho, o que desvinculou do termo trabalhador dando espaço para a construção de outras subjetividades desse universo, como os de estigmatização dessas pessoas, marcando os espaços como violentos e desiguais.

Ainda nessa categoria do trabalho, podemos entender a formação de trabalhos informais nesse espaço, em que houve uma desmotivação forçada de desemprego, o que fez com que as pessoas construíssem suas relações econômicas. Sendo a construção do próprio negócio mais bem-visto na construção dessa identidade periférica. Uma vez que há uma ligação entre a não exploração da mão de obra, possibilitando uma maior chance da ascensão

social, ainda com mais mobilidade de trabalho. Assim, D'Andrea (2013) elenca as diferenças e potencialidades dos termos trabalhador e periféricos, dentre elas, a sociabilidade aumenta, traz uma experiência urbana percebida mais perto, trazendo a abrangência do periférico enquanto trabalhador em uma profundidade da construção social, ainda que isso não seja consenso. Mas que haja uma complementaridade desses termos quando se traz as desigualdades urbanas e o que há de identificação das demandas sociais.

Como podemos repensar nas atividades econômicas das colaboradoras dessa pesquisa. Em que Mariza antes de conseguir o contrato com o Estado, ela vendia água de coco em uma avenida movimentada de Araguaína, Francinete revende doce e panelas e Iza revende produtos, e vende o que ela faz, como sabão, óleo, ainda faz trabalhos de cabeleireira, hidratações e químicas.

Iza comenta que está arrumando cabelos, fazendo hidratação e chapinha. Conta que uma cliente levou a neta para arrumar o cabelo, era para alisar, e ela disse que o cabelo da menina é lindo demais, que não ia fazer isso com ela, que não ia alisar o cabelo dela. Que poderia fazer uma hidratação e o cabelo ia ficar lindo, disse que amaram o resultado. Comenta também que está fazendo sabão e que vende tudo, não fica um, faz liquido e em barra. Diário de Campo, dia 4, 03/05/2019.

A sociabilidade aqui fica evidente, quando podemos ressaltar que Iza identificou um processo forte social, que tem muito nesses espaços e diz muito sobre as territorialidades em um processo simbólico e não apenas material, uma vez que ela nesse caso mostrou que poderia ser diferente e ter uma outra relação consigo, permeando as subjetividades através de suas trajetórias. A consciência racial que Iza tem faz a diferença de como lidar com essas questões, lembrando o que ela vivenciou e que marcou sua trajetória, o que é empático, solidário e uma prática da dororidade nesse processo em crescimento. Ter essa conversa nesse espaço, é repensar conscientemente sobre o que a sociedade oferece ou impõe, na padronização estética sendo reconfigurada, fazendo com que a identidade de mulher negra seja construída com orgulho.

Assim, a escolha do termo periferia e não subúrbio ou favelas, que diante das diferenças entre elas sociologicamente e segundo D'Andrea (2013) às experiências das pessoas que moram se cruzam e suas subjetividades. Diante então das diferenças o subúrbio apresenta um quadro de regularidade imobiliária para esses espaços que são vividos, assim como uma noção própria de trabalhadores as pessoas que ali moram, como um *locus* de habitação. Assim como a autodenominação é extremamente necessária para construir esse entendimento, esses moradores que se orgulham de estar nesse espaço, pensando em suas

casas e na importância de ser possuído “[...] é que a autoatribuição em *suburbano* ou *periférico* possui conotações políticas, dentro de uma zona muito maior de indistincões do que a presente nas classificações sociológicas, que buscam uma maior exatidão na definição de conceitos e termos” (D’ANDREA, 2013, p.145).

A periferia de Araguaína entre os processos de urbanização à subalternização, é considerada uma cidade média com características, que segundo Morais (2014) devem ser calcados através da concepção de redes, ou seja, o relacionamento estreito com as demais cidades economicamente e politicamente, ressaltando a importância de se ir além dos censos demográficos. Considera-se as relações de rede com as cidades perto a nível regional, capaz de referenciar em serviços nas condições de infraestrutura, em que se articula a partir da reestruturação urbana e da reestruturação da cidade, em escalas interurbana e intraurbana, respectivamente, segundo Morais (2013 apud SPOSITO, 2004). O que nos faz pensar na criação de emprego e serviços que a cidade oferta refletindo quem estão atuando nesses serviços de prestação de serviços dessa reestruturação, ainda pensando nos papéis hierárquicos do trabalho e ainda onde essas pessoas moram. “[...]A função de prestadora de serviço, exercida por Araguaína no decorrer dos anos, foi se consolidando e, sempre foi um fator preponderante no papel regional exercido por essa cidade.[...]”(MORAIS, 2013, p. 37)

As pessoas periféricas constituem subjetividades desse lugar, ainda de uma forma autoidentificada, dessa forma a existência dessa subjetividade é preenchida de elementos que constitui em uma experiência compartilhada e mutuamente reconhecida. Esses elementos são “[...] normas, formas de ver, sentidos, sentimentos, idiosincrasias e particularidades que formariam uma determinada subjetividade[...]

(D’ANDREA, 2013, p. 172). Ainda os sujeitos que são assujeitados e os “conhecedor/fazedor” também estão imbricados nas subjetividades periféricas, sendo eles em um contraste de perfis, em que não se dispõe como agente de mudança e o outro a partir de sua condição se propõe para mudar as práticas sociais.

O sujeito periférico carrega uma formação de assumir-se, ter orgulho e agir politicamente diante dessa realidade. Assumir-se periféricas é estar e perceber na experiência comum e compartilhada, o que transforma suas subjetividade. Ter orgulho abrange o pertencimento dessa condição, pensando na existência em coletivismo e na solidariedade. E agir politicamente é reconhecer-se dentro do compartilhamento de códigos, normas e formas de ver o mundo, agindo para a superação de atuais condições, como aponta D’Andrea (2013). Dessa forma os sujeitos periféricos constituem em suas subjetividades, por compartilhamento

e a consciência de estar nesse lugar, o que provocou um alargamento do termo periférico, transversalizada pela estigmatização da violência e pobreza, que por sua vez elementos constitui esse alargamento como a cultura e a potência.

A potência se liga com o combate a violência no entendimento coletivo e a ostentação de forma de consumo, onde o acesso foi permitido através de políticas públicas estatais. O que podemos trazer as mulheres nesses espaços, uma vez que a violência contra a mulher está mais bem entendida por parte dessas mulheres, e mesmo que sofram a violência, há circulação da informação. Ainda que o consumo feito por elas aumentou, como por exemplo, na casa própria que por algumas vezes consolida a autonomia delas. O que não as faz ainda com uma autonomia financeira completa ou por fora das precariedades vividas nesses lugares. A potência remete a transformação social, de maneiras de superar a violência e a pobreza que é estabelecido nesse lugar, assim como a diminuição das desigualdades sociais.

Dessa forma, diante das apresentações da periferia e localidades de Araguaína estudadas e apresentadas neste trabalho vêm com uma amostra de espaços diferentes, em tem desde a constituição através de ocupação, sendo vendido lotes, de um espaço não regularizado, como de um espaço que foi conquistado através da política pública de moradia do Estado. Conseguindo caracterizar esses lugares como periferia diante de características, e ainda a subjetividade das mulheres estudadas, que encaram com veemência todo esse processo de compartilhamento das experiências em comum.

O setor Alto Bonito é localizado em um extremo, em que foi caracterizado como ocupação já que não há regularização desse espaço. Ainda que os processos de infraestrutura existem nos atendimentos básicos de saúde (Unidade Básica de Saúde) e escolas. Dessa forma há uma saída para esses serviços, ainda considerando que há uma distância do grande centro em que oferecem lojas e lugares de lazer, na qual essa localidade não encontra, além de bares.

O bairro Costa Esmeralda, o outro bairro presente neste trabalho, foi construído a partir de um programa de incentivo estatal, uma vez que foi formado com regularidade, mas que prevalece uma estigmatização por meio da sociedade em geral. Ainda com acesso precário a escolas, há o trânsito para esse serviço no centro da cidade, essa localidade perpassa a rodovia, sendo a principal rota de acesso, não descartando outras possibilidades, porém precárias as outras rotas de acesso. Em sua singularidade para essa caracterização, há presença de espaços para jogar bola, ainda que sejam predominantemente masculino, o que

ainda podemos trazer a dificuldade da realidade de lazer para as mulheres, deixando-as fixas na televisão, rádio, celular entre as relações interpessoais das amigas, irmãs e vizinhas.

O setor Eldorado é antigo e por ser distante do centro tem essa caracterização de periferia, e não ficando nessa perspectiva espacial, mas que as subjetividades daquele espaço são marcadas por contato com vizinhos e toda essa socialização que há a partir de identificações comuns, como os trabalhos e as sociabilidades.

Ainda levantando as atividades das mulheres, em que muitas delas têm trabalhos informais, mas fixando na caracterização das mulheres colaboradoras dessa pesquisa, no momento do contato com elas, elas assumem trabalhos informais, nas quais não trazem benefícios trabalhistas. Assim Mariza desempregada²⁵, sendo ela provedora do lar, estava fazendo trabalhos informais, Francinete é estudante, e ambas em comum o trabalho doméstico em seu cotidiano. Iza em sua rotina de ir para academia, revende e vende seus produtos, e ajuda o namorado a organizar trabalhos da horta de negócios e vendas. Ainda temos as sete mulheres que se apresentaram na roda de conversa, que trabalham na universidade nos serviços gerais, sendo as colaboradoras que tem esse vínculo empregatício com o Estado, no quesito de direitos.

Entender a territorialidade dessas mulheres com esses espaços domésticos que são comuns a todas, ainda com diferenças entre elas, como ser casada ou não, o que muda muito na obrigação de se estar preocupadas com as atividades econômicas. Em que Mariza assume um espaço político de liderança, Francinete possui uma rede consolidada de mulheres em que se ajudam dentro desse espaço, Iza por sua vez conhece as pessoas que estão ali ao seu redor, e faz o que cabe dentro de suas possibilidades. Ainda que elas constroem as subjetividades através desses contatos sociais, onde elas atuam em prática é de extrema importância ao exercer o contato direto com as pessoas que as rodeiam sendo esse contato primeiramente com outras mulheres, entendendo a coletividade e a solidariedade, ainda o compartilhamento de experiências comuns.

Mais uma vez, reforça-se a importância de uma análise que leve em conta a intersecção das categorias, para não cair numa leitura incompleta da realidade social, não só ligada às diferenças entre os gêneros, mas que busca direitos iguais para ambos como, o de considerar em que situações essas diferenças são criadas, quais são os espaços que as/os agregam, e se há possibilidades desses gêneros se orientarem a partir de si e não só das normas instituídas. (SANTOS, 2013, p. 56)

²⁵ Após a pesquisa, ela conseguiu um trabalho diante da movimentação política que ela constrói.

Entender as territorialidades que é construída por essas mulheres nesse espaço é reconhecer uma articulação com seu contexto de vida, e do que consomem, realinhando os significados a partir de suas experiências. Mediante a mudanças regionais, as transformações econômicas que é proporcionado a informação circula com rapidez, ainda que muitas opinam mediante a um comportamento adquirido cotidianamente familiar, elas assistem novelas comentando e experienciando em suas vivências.

O cotidiano das mulheres é crucial para uma análise de como elas se organizam, na qual levam em consideração os afazeres, o lazer e os refúgios que são proporcionadas. Em maioria a responsabilidade dos serviços domésticos ficam com as mulheres, elucidando que esse trabalho não cessa, mesmo tendo um trabalho externo ou não. A informalidade desse trabalho traz uma falsa impressão que elas não participam da divisão econômica da casa, ainda que seja construído culturalmente e ideologicamente.

Entendemos por cuidado as práticas sociais que articulam trabalho e vínculo emocional, por meio da interação entre quem cuida e quem é cuidado, com o objetivo de atender necessidades objetivas e subjetivas, garantindo a sustentabilidade da vida humana. Essas práticas sociais constituem e são constituídas por relações de gênero, classe e raça, cujos fundamentos materiais e ideais são a divisão sexual, racial e social do trabalho. Essa dinâmica é perpassada pelo discurso ideológico patriarcal, que contribui para estabelecê-la e legitimá-la. Trata-se, contudo, de um processo contraditório e em permanente disputa, em que discursos ideológicos contestatórios, como os feministas, buscam transformar essas práticas e, por conseguinte, essas relações, postulando a democratização do cuidado e a interdependência. (MARCONDES, 2017, p7)

O trabalho doméstico é uma repetição da estrutura social que traz como responsabilidade diária a mulher, Faria e Texeira (2018) apresentam que quanto maior a classe econômica mais possibilidades se tem, ou seja, as mulheres de classe mais favorecida economicamente podem terceirizar outras mulheres, na qual essas estão na base da pirâmide econômica, trabalhando informalmente em muitos casos. Assim é possível entender a desigualdade nas relações de gênero de uma forma estrutural em nossa sociedade.

Repensar sobre a rotina das mulheres na realidade social de forma organizativa é compreender a sociedade a partir disso, em que as mulheres são o centro da análise. Considerando a rotina e realidade vivida pelas mulheres periféricas, que trazem algumas interseccionalidades imbuídas em suas experiências sociais, marcando construção das identidades constante. A partir desses lugares e com esses marcadores, é possível identificar uma territorialidade no processo de recepção, na qual negociam os processos de consumo simbólico com suas subjetividades.

2.3. Processo da recepção e territorialidade: o que significa?

A recepção é o processo televisivo que traz a articulação de sentido e significados diante da linguagem da mídia. Sendo assim esse processo produz fluxos com o que elas constroem dentro das próprias experiências, com redes e processos que articulam os sentidos, uma territorialidade de recepção. A produção de uma certa territorialidade, converge com o processo a ser vivido, assim como processo de recepção, havendo uma interação uma vez que a recepção entende o processo como construção da subjetividade individual e coletiva, no caso de experiências compartilhadas, o que provoca esse processo da territorialidade.

A territorialidade pode ser lida “numa interação de dois sistemas, um espacial e outro informacional, na perspectiva de assegurar a autonomia de uma coletividade através do tempo” (HAESBART, 2000, p. 173). Esses sistemas interagem na esfera espacial como inovação, difusão e obsolência e na esfera informacional como territorialização, a desterritorialização e a reterritorialização na perspectiva da autonomia coletiva num projeto temporal, ou seja, faz com que num processo único haja uma interação que tome a consciência pelas pessoas que estão nesse processo.

O processo da multiculturalização faz repensar em como esse movimento pode acontecer diante das formações de sentidos e significados. Uma vez que ele é feito a partir do contexto que se aplica, como em cada lugar, ou de cada lugar pode-se ter uma leitura diferente no processo de recepção. Assim como as telenovelas e a leitura audiovisual muda os referentes também podem mudar, em sua completude ou não, mas esse movimento é possível e próximo.

Ideias, scripts e formatos são vendidos para adaptá-lo às culturas locais e tons onde pense em emitir. A novela brasileira ensina que você pode fazer novela e que a ficção é um excelente espaço público para o debate sobre representações e as grandes questões nacionais.[...] A novela deve contar a esses dramas que gerar identificação nos sobreviventes da sociedade do mercado e deve explorar o momento afetivo da sociedade. (RICÓN, 2011, p.47, tradução nossa²⁶)

Assim sobre o processo de territorialização, segundo Haesbaert (2000) nas dimensões sociais: político e cultural, e nas dimensões espaciais: território em fronteira e limite, na qual tem tendências que qualifica, distingue e identifica a alteridade e a diferença provocando um

²⁶ Se venden las ideas, los guiones y los formatos para adaptarlo a las culturas y tonos locales donde se piensa emitir. La telenovela brasileña enseña que se puede hacer telenovela de autor y que la ficción es un excelente espacio público para el debate sobre las representaciones y los grandes temas nacionales.[...] La telenovela debe contar aquellos dramas que generan identificación en los sobrevivientes de la sociedad del mercado y debe explorar el momento afectivo de la sociedad.

enraizamento do controle. O autor explica que o processo de desterritorialização em dimensões sociais é econômico e político com dimensões espaciais de redes e fluxos, com tendências gerais que quantifica, homogeniza e classifica a desigualdade provocando uma perda de identidade. Em referência ao que construímos de hegemônico, processo pelo qual a linguagem entra em consenso com as pessoas a partir de uma conformação, podemos associar o processo de desterritorialização com esse processo de hegemonia, em que consiste uma ideia geral, que traz questões em redes de uma forma homogeneizado.

A territorialidade é entendida por Haesbaert (2000) como um processo de pertencimento, sendo um recorte do espaço que se articulam em rede. Podemos pensar no processo de recepção, uma vez que as telenovelas atuam como redes, sendo elas assistidas em vários lugares, que traz uma representação do que se está construindo na atualidade, provocando comportamentos e assim marcam as experiências de quem assiste, vivenciando e produzindo sentidos, significados e conhecimentos, em um processo de territorialidade em uma produção simbólica e epistemológica, não apenas material.

A recepção é vista com um processo integrante das práticas culturais que articulam processos subjetivos e objetivos, como afirma Lopes (2014), em um contexto complexo e multidimensional, que se inscrevem em relações de poder estruturais e histórica que extrapolam suas atividades cotidianas. Dessa forma essas relações estruturais podem ser mudadas articulando os processos subjetivos, em que as mulheres se articulam entre si e isso depende da esfera temporal da vida delas como das situações discursivas, como a maternidade, que se articulam entre si construindo apoios, mas que não impede de que haja articulação com outras mulheres fora desse contexto.

Esses processos subjetivos são construídos através das experiências de vida e como são articulados os sentidos a partir das práticas sociais, o que esse processo de recepção em um fenômeno político e cultural, que trabalha com uma negociação, mas de maneira hegemônica articulando as estruturas dessas mulheres e de como elas leem as telenovelas. Pensando na situação de como fazem para articular esse momento televisivo, em que há momentos de descanso em casa ou no trabalho, como podem ver pela internet, assim como podem articular esse momento com atividades domésticas. Isso faz a diferença em como essa negociação pode ser feita.

Uma vez que a negociação de sentidos é como a mídia apresenta os conteúdos de modo direto ou indireto na vida, ainda entendendo esse processo como uma troca, de

produção para a recepção, que há uma mediação desse meio. Uma perspectiva é como as experiências de vida e os valores que são de caráter formativo para essas mulheres que assistem a televisão. De como essas mulheres sentem e se identificam com o que assistem, para haver o acompanhamento da programação, isso aproxima a narrativa com o cotidiano, em que se enxerga no que está assistindo. A mídia funciona como essa fronteira, do que é possível ver ou não do nível de assimilação das pessoas, sendo negociada possibilitando um trabalho de convencimento de referências, em que se dá atenção a uma certa estética performativa de produção, na qual existem fatores que fazem com que tenhamos leituras diferenciadas, sobretudo das experiências de vida e como que as referências são construídas assim o sentido de linguagem e preferências de canal e de telenovela a serem consumidos.

Esse sentido de atuação da linguagem com a vivência acontece o processo de territorialização, uma vez que o processo de ressignificação da linguagem midiática nos sentidos, podendo mudar as referências, em logo há com a entrada de linguagens e discussões a reterritorializando esses códigos. Haesbaert (2000, p. 170) explica que esse processo de TDR (territorialização, desterritorialização e reterritorialização) é um movimento da mudança social, em que mudam os sentidos e de como as relações com as informações podem ser cristalizadas, podendo mudar totalmente o sentido desde o primeiro processo para o último.

A linguagem hegemônica pode ser “[...]um espaço que se exerce um domínio político, como tal controle de acesso[...]” (HAESBAERT, 2000, p. 168) partindo da mediação e de como o entendimento compõe em seu campo cultural e de vida. No caso deste estudo as mulheres partem de suas vidas e suas vivências em campos como a vizinhança, trabalho e escola, no cotidiano e em como essa exercem a autonomia diariamente. Essa percepção de entender como as pessoas recebem as produções midiáticas é da teia em que elas estão inseridas, de como recebem as informações diante das suas identidades, representações e como significam os processos midiáticos com os culturais cotidianos.

Hall (2006) ressalta os processos de construção da identidade, que por sua vez ele cita a nacional, são formados e transformados no interior da representação, contudo o autor afirma que as pessoas participam da ideia de nação. Entretanto essa identidade é formada por criar padrões, em que se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade.

Haesbaert (2000, p. 167) apresenta uma descentralização de um projeto coletivo, sendo ele cada vez mais frágil na construção das identidades diante da “[...]dinâmica de relações internacionais política e ideológica bipolar para uma dinâmica de globalização econômica não acompanhada por um comando político e uma ideologia[...]”, sendo que as potências estão cada vez mais fortes e a produção de sentido cada vez mais frágil. Uma vez que esse processo de negociação de uma linguagem hegemônica acontece em como a informação é construída nesse processo comunicativo e cada vez mais rápido, como afirma o autor.

O processo de formação da informação se tornam desiguais, estabelecendo então uma linguagem padrão para o que está circulando, podendo se tornar uma informação comum e simplificada, não surtindo efeito informativo, mas uma negociação conformativa com uma rápida apresentação das informações. O território exerce controle da acessibilidade através de fronteiras e na comunicação é interpelada pela construção de sentido, podemos pensar nessas fronteiras que são estabelecidas e esse território que se faz acessível sobre o sentido em suas representações é entendido como um lugar que se tem referência de pertencimento.

Ainda que as fronteiras, que são as espaciais, de classe, de raça, de gênero e simbólicas, são mediadas através da periferia, a representação da comunicação traz uma significação informativa que muitas vezes que não cabe na realidade, sobretudo quando apresentam essas informações como um estranhamento, sendo também uma formação dialógica, em um processo de uma reapresentação da territorialidade, que é entendida como o processo formativo que faz no consumo das telenovelas e nesse processo, na realidade vivida, é possível entender a construção de sentidos e significados.

A representação que Hall (2016, p. 35) rotula como um “sistema de representação”, e explica “[...]a razão é simples: ele consiste não em conceitos individuais, mas em diferentes maneiras de organizar, agrupar e classificá-los, bem como em formas de estabelecer relações complexas entre eles[...]”, nesse sentido, é a linguagem decodificada de como ocorre o processo. Ainda que esse diálogo seja feito a partir de uma linguagem hegemônica que traz consigo alguns fatores como o econômico, de quem as produz até como quer ser traduzido, o que permeia nessa construção é a partir de qual lugar está sendo interpelado.

Essa realidade cabe na cultura, que a produção há uma intencionalidade do consumo, entendendo a massa como um movimento de mudança da cultura. O que acontece é um movimento de homogeneização global, o que no seio de cada cultura tem muito a significar

através de como é repensado esse processo. Hall (2006, p. 97) traz que “Os deslocamentos ou os desvios da globalização mostram-se, afinal, mais variados e mais contraditórios do que sugerem seus protagonistas ou seus oponentes”, o que pode acabar em desigualdade, mas que continua sendo o Ocidente.

A partir de sua territorialidade e significados que se tem desse lugar e individualmente há uma forma de significar esses fluxos que ali acontecem. Os fluxos estão para as mudanças que acontecem rapidamente, tanto na informação como de identidade assumida, Hall (2006) coloca que as identidades são múltiplas e atuam de acordo com cada lugar, a identidade não é um estado, mas um processo, na qual depende de alguns fatores, como o cotidiano que tornam significados e como agem na vida dessas pessoas.

Ainda que esse processo formativo das identidades seja complementado por vários outros elementos, sendo eles os produtos que se consomem, o modo como vivem dentro dessas condições de acessibilidade de conhecimento e de assimilações possíveis, é a vivência coletiva e individual de cada pessoa, que fomenta para que aconteça as experiências e elas sejam compartilhadas. O que depende do espaço que faz essa leitura, entre outras transversalidades como o gênero e suas construções formativas de identidades coletivas e individuais.

A discussão da territorialidade é percebida como processo e o território como posse – isso é intercambiável pelas sujeitas/colaboradoras na recepção, podendo ser entendida como uma territorialidade do consumo. Na perspectiva dos sujeitos periféricos e não na centralidade da periferia enquanto espaço físico e material, dentro do espaço urbano o grupo de pessoas são marginalizadas. Isso significa que não houve o abandono por completo a ideia de periferia como lugar, mas privilegiei que as mulheres como sujeitas periféricas e a construção de suas subjetividades, como apresentarei no próximo tópico.

2.4 As mulheres da periferia (r)existe!

A periferia é um lugar que historicamente foi constituída por pessoas que não tiveram acesso a uma potencialidade econômica, e por sua vez o Estado a destinou a esse espaço, em uma singularidade identitárias, mas um compartilhamento de trajetórias e de subjetividades. Dessa forma Souza (2003) afirma que o processo de modernização, que foi uma abertura da industrialização, articula os trabalhadores em bases corporativas, repressivas e desmobilizadoras. O que fez uma lacuna entre os imigrantes europeus que queriam um resultado rápido, e as pessoas, que por sua vez eram negras que aqui habitavam, que

acabavam ficando nessa ordem de subordinação, e assim se instalava uma nova ordem de institucionalização.

Araguaína uma cidade no norte do Tocantins, que as pessoas que precisavam de lugar para morar constituindo assim os ficavam à margem do centro, são espaços que foram conquistados através de vendas de lotes, e havia um não regulamentação burocrática enquanto aos órgãos competentes da cidade e/ou de programas de habitação.

São lugares longe do centro da cidade, enquanto acessibilidade facilitada de serviços, com uma dificuldade de acesso, privando dos serviços básicos são características inicial dessas periferias, contudo não é por acaso que elas foram colocadas nesses espaços, economicamente baixa e em sua maioria são pessoas negras, em que aconteceu no processo racial de formação da cidade, mulheres e crianças, na quais têm histórias comuns e experiências compartilhadas. Ainda nesse processo de construção da periferia é importante citarmos os aspectos sociais que atravessa esse espaço como a violência, entra a forma de trabalho e como as relações são organizadas e também a solidariedade, entre as pessoas que compõe esse espaço de uma forma com uma potencialidade a ser repensada diante das relações comuns que se tem ali.

A desigualdade de gênero proporciona outros e mais aspectos sociais, diante das condições como trabalhistas, onde as mulheres ficam no ambiente privado mesmo que tenham que trabalhar para garantir a renda, são subalternizadas e subjetivadas, em trabalhos domésticos, informais que tenham um difícil acesso. O papel social da mulher foi construído ao longo da história, destinando a elas espaços que não eram regulamentados pelo Estado, como o lugar de cuidados e os trabalhos valorativos, mas que são invisibilizados. Assim como o estudo da categoria de gênero, que a margem, discute esse processo formativo das mulheres de desigualdades, mesmo que a composição da ciência seja masculina e normativa.

O gênero enquanto categoria de análise mediante a uma ciência hegemonicamente masculinizada como defende Santos (2013, p. 79) que há uma convergência de conhecimentos e visões diferentes do que discutidas, ainda que “[...]os sujeitos e atores atuais, na verdade, as análises através da interseccionalidade visavam integrar aos conhecimentos existentes, às análises propostas, integrando assim alguns sujeitos sociais e interagindo com as múltiplas facetas de sua vida social[...]”.

Da forma que pensamos nas mulheres diante as demandas populares requerem mais espaço nessa discussão, uma vez que a vulnerabilidade marcada pelas mulheres negras. Na

periferia essa marca aumenta, pensando que essas mulheres tendem a um estreitamento das relações políticas e sociais, ainda que elas compõem esse espaço por estarem à margem das relações sociais. Na importância de estudar o cotidiano das agentes sociais o que considera as diferenças como produtora do espaço, como explicita Lorena Souza e Ratts (2008, p. 147) as relações de polaridades e hierarquias com as mulheres negras e o cotidiano faz com que essas demandas sejam observadas e constatadas diante da coletividade na cultura. Verificando “[...] há uma identidade quem vem sendo reprimida ou camuflada aos longos dos tempos, como se fosse inútil firmar-se como mulher numa realidade social que garante o homem, sobretudo o homem branco como detentor do poder, do conhecimento[...]” trazendo a importância dessas discussões da realidade social e do espaço urbano, pensando que papel social é desempenhado por essas mulheres e quais potencialidades são observadas no processo representativo de construção do diálogo entre elas com a televisão.

As práticas são marcadas por alguns elementos em uma vivência simultânea com a classe, sexualidade, raça e religião que constitui essas mulheres com uma pluralidade de feminilidades das experiências de vida. Essas mulheres não se encontram nos espaços públicos, sendo colocadas sempre no âmbito privado, em uma relação forte com a classe social em que elas constituem cargos com salários mais baixos de emprego considerando uma vivência da sociedade racista e principalmente as mulheres negras que são historicamente sub-representadas ocupando a margem desses lugares sociais a que foram relegadas.

A cultura popular e de massa se construiu de diferente maneira sendo necessário para indústria cultural estabelecer um paralelo entre elas, dentre as diferenças de classe, gênero e raça que são apresentadas e consumidas através de uma narrativa hegemônica. É preciso contextualizar o ambiente em que se realizou nossa pesquisa no estudo de recepção das telenovelas com mulheres que moram na periferia, afim de observar como elas se organizam dentro do cotidiano, como elas se organizam para que esse processo televisivo aconteça, e o sentido que a telenovela tem em suas rotinas, uma vez que há uma organização do trabalho para que seja mantido. As mulheres colaboradoras dessa pesquisa são telespectadoras de telenovelas, entre uma faixa etária de 25 a 40 anos, na qual são as que têm interesse nessa programação, são negras, mães, esposas, trabalhadoras e chefes de família. A relação de valores e pensamentos da forma que representam uma parte da cultura, são mulheres que não estão organizadas em movimento e que dialogam com toda a representação que se faz em

uma mídia de massas, assim entender os significados e sentidos que são mediados diante do contexto de vivência e das experiências de vida.

Essa vivência é transversalizada através de intermediários que compõe esse sujeito periférico, sendo um discurso homogeneizador que traz como essas pessoas devam se comportar.

Esses intermediários podem ser as pesquisas acadêmicas formuladas por pessoas oriundas da classe média; as novelas e os filmes, hábeis em criar caricaturas; o mundo da publicidade e seus enquadramentos; a elite preconceituosa que segrega e criminaliza; certos setores da esquerda (fundamentalmente aqueles permeados pela pequena burguesia), que insistem em impor como a periferia a deve agir politicamente sem viverem de fato o seu cotidiano. (D'ANDREA, 2016, p. 3)

Diante dessa discussão as potencialidades da periferia acontecem diante dessa consciência enquanto sujeito, na qual as mulheres tendem a estar à parte disso. Uma vez que as mulheres são colocadas no âmbito doméstico, esses intermediários compõe as vivências assim um fator para se consumir a televisão. Partindo da discussão de diferenciação de gênero, podemos repensar nas formas de trabalho e emprego, uma vez que há o emprego é quesito para se ter um salário e um trabalho, na qual esse trabalho pode ser hierarquizado. Acontece que as mulheres negras têm esse trabalho marcado em suas trajetórias, sendo esse lugar classificatório que elas assumem, o que vai além da relação desigual de gênero, mas que marcadamente na contextualização dessa relação. Essas mulheres por vezes já assumiam espaços fora de seus lugares, quando os trabalhos são fora de suas casas, assumindo rotinas de outras mulheres. Então, além do marcador de subemprego, temos o significativo traço se atrelar outros trabalhos externos, o que passa por suas singularidades e subjetividades, marcadas por essa estrutura social.

Nesse sentido, o desempenho diferencial do trabalho tem que se referir a um indivíduo e só pode ser conquistado por ele próprio. Apenas quando essas condições estão dadas pode o indivíduo obter sua identidade pessoal e social e forma completa. Isso explica por que uma dona-de-casa, por exemplo, passe a ser um status objetivamente “derivado”, ou seja, sua importância e reconhecimento social dependem de seu pertencimento a uma família ou a um “marido”. Ela se torna, nesse sentido, dependente de critérios adscritivos, já no contexto meritocrático da “ideologia do desempenho” ela não possuiria valor autônomo. A atribuição de respeito social de papéis sociais do produtor e cidadão passa a ser mediado pela abstração real já produzida por mercado e do Estado aos indivíduos pensados como “suporte de distinções” que estabelecem seu valor relativo. (SOUZA, 2003, p. 169)

Dessa forma, essa subjetividade é periférica, que na modernidade essa relação avança como a dominação, revisitando Souza (2003, p. 160) que relata sobre a desorganização familiar nesse processo e um dismantelamento dessa estrutura familiar com base de

desequilíbrios da vida em todas as dimensões, em que o autor explica que “[...]o abandono secular do negro e do dependente de qualquer cor à própria sorte a “causa” óbvia de sua inadaptação[...]”. Ainda podemos traçar a subalternidade é a construção da singularidade (MATOS, 2015) que marcadamente perpassa a vida dessas mulheres, como sendo muito comum o trabalho de cuidado, em que podemos repensar não só na divisão sexual do trabalho, mas na divisão sexual e racial, em que são submetidas em sua trajetória social.

Os aspectos compartilhados por essas pessoas em um aspecto social que forma o sujeito periférico, em Araguaína temos a construção da periferia como o que não está no centro e há uma transversalidade de classe, onde as periferias estudadas são colocadas a partir da construção desses sujeitos, de como assumem a subalternidade nesse processo e ainda são as pessoas que tem a dificuldade a serviços básicos como de saúde. Mariza por sua vez afirma que é necessário tem muita vontade, pois em um quadro crítico de saúde, em uma emergência ela não conseguiu prosseguir com o atendimento.

Final do último bloco, pergunto como anda a saúde de Mariza, pois ela usa uma meia antitrombo, e se incomoda mexendo a perna com frequência. Mariza conta: “eu senti uma dor no joelho esses dias e fui no médico, ele disse que a dor não tem a ver com a trombose, e que é “astrose” né? Isso que dá no joelho? Ai falei: agora lascou, tô é velha mesmo!” Diário de Campo, dia 1, 09/04/2018.

Ela foi me falando sobre a perna dela, que estava a fazer uns exames e que tinha procurado em alguns lugares, porém todos muito caros. Me explicou que foi em um lugar do município, na rua do HDT, que espera esse exame lá desde janeiro, e até então não havia sido chamada para realizá-los, completou com a frase “pobre morre cedo”. Comentou que havia passado na propagando um lugar onde deixava os exames mais baratos, mas ainda não tinha conseguido anotar o telefone e ele passava geralmente no horário da novela, em seguida passa a propaganda e eu anoto o telefone e o nome, e imediatamente passo para ela. Assim, pergunto se ela já tinha ido em outros lugares que também facilitam o acesso a esses exames, confirmou dizendo que já tinha ido e sem sucesso. Diário de Campo, dia 2, 12/04/2018.

No contexto em que realizamos essa pesquisa, a cidade de Araguaína a periferia tem características ao fato de que as mulheres também estão submetidas a discriminações e sofrem com o machismo, uma vez que elas compartilham dessa vivência e na compreensão das possibilidades de vivência nesse território elas comungam da solidariedade, criando uma rede de apoio. O processo de resistência dos movimentos populares se faz na representação da consciência, assim quando se coloca que a telenovela está imersa em uma lógica hegemônica, enquanto linguagem, representação e produção, o que existe a ressignificação para quem a assiste dependendo do contexto de vida e suas experiências.

A televisão traz essa linguagem e o processo de transformação no acesso das pessoas pobres, assim é um caminho de mão dupla de resistência e contenção como traz Hall (2003,

p. 233), em que resistência ocorre por meio dessas redes e contenção os saberes que atravessam com essas mulheres. A linguagem na transformação desses processos foi construída pela imprensa, uma vez que foi organizada pelo capital para dialogar com a classe trabalhadora como processo “educativo”, assim reitera o autor. Esse diálogo negociado e merece uma ressalva dentro da construção da produção cultural pertencente a revolução tecnológica no processo industrial.

Ainda que essa negociação consiste e traz na formação do sujeito periférico há uma potencialidade no entendimento de si enquanto sujeito social, no lugar que se apresenta, sendo que a entrada do diálogo midiático foi construído a partir da linguagem de ligação com esse espaço estratégico hegemônico, que tanto traz essa linguagem como é consentida e até quando as e os sujeitos conseguem atravessar a consciência de si, a partir de como essa mediação se faz significada.

Assim o processo de entendimento, passa na esfera pública, quando se colocam nesse espaço enquanto agentes desses espaços e também é ocorrido na periferia. Foram construídas imagens da periferia como um espaço permeado de violência e desigualdade, ressalvo que há potencialidades desse espaço que aproxima as pessoas de uma forma solidária, com a questão da desigualdade. A empatia se faz necessária sendo observada as mulheres sendo solidárias umas com as outras e fazem disso o processo de aglutinação, em que se entendem e se unificam nesse território, apesar do contexto violento construído também pela mídia e literatura.

Entendendo esse território em que nos adentramos é possível fazer a ligação com as telenovelas e suas representações. Pensando na rotina dessas mulheres, que estão localizadas longe do centro, que a distância é um fator do processo que forma o sujeito periférico, elas ficam em muitas nesse espaço sem conseguir permear por outros. Ainda que não conseguem ter acesso a lazer e a outros espaços da *urbe* como assim coloca D’Andrea (2013), se prendem ao que chegam nesse ambiente doméstico, ainda que há trabalhos cotidianos que as limitam a um trânsito maior nos espaços.

Martín-Barbero (2008) cita a matriz cultural para explicar a mídia e sua construção sócia que os sentidos são negociados, como aborda Hall (2006), sendo esses dependendo de cada contexto, pois assim é a concessão de significados, em que para cada lugar há uma concessão diferente de significado o que depende de qual contexto as leitoras estão e ainda do cotidiano que permeiam as atividades.

Esse processo de territorialidade que acontece na recepção traz uma formação de sentidos, uma vez que a linguagem se apresenta e reapresenta nesse consumo. O que acontece uma mudança de como se vê e como essa construção é feita através da mídia, no caso as telenovelas, nesse espaço e com essas mulheres que é o cerne de nossa discussão. D’Andrea (2016) defende que isso influencia na construção desse sujeito periférico, que esse processo de formação da identidade sempre, assim como outros sujeitos sociais, mas que a importância de se afirmar e se entender enquanto sujeito periférico traz essa discussão de afirmação do espaço, enquanto pessoas de direito, uma vez que não colocados à margem do processo social. Isso faz com que há o diálogo com as representações, e como elas são constroem os significados e sentidos.

A territorialidade é entendida como um processo com o mundo que é vivido relacionando com as experiências, que nesse caso do mundo é consumido através da telenovela, em uma interação de leitura a partir do cotidiano que pode assegurar uma autonomia da coletividade, de uma forma que há um estranhamento com o que é representado para o que está sendo vivido. Em todos os casos elas afirmam que a ficcionalidade está no âmbito da televisão, essa lucidez traz uma distinção e negociação dessa linguagem televisiva, em que há uma compreensão do lugar social que se encontram.

No retorno no bloco da novela “Do Outro Lado do Paraíso”, Jô (Barbara Paz) sai de cena com muito desdém de toda a situação, Mariza comenta “ram²⁷”(sic) na saída dela. Outra cena Elizabeth (Gloria Pires) afirma que não pode ficar parada e que vai doar o dela, Henrique (Emilio de Melo) lembra o que os médicos haviam dito a ela, e a desafia falando que vai fazer essa conversa. E eu pergunto o por que ela não pôde doar o rim para Adriana (Julia Dalavia), Mariza responde: “ela (Elizabeth) bebeu muito antes, e estava com cirrose, por isso não pôde doar. Mas como é novela que pode tudo, ela vai poder né? E ela vai lá, vão ver que ela já sarou, por que o tempo também é o de novela, e vai acabar doando, quer ver tu espera!” Diário de Campo, dia 2, 12/04/2018.

Morena comenta que café da manhã na cama só em novela mesmo, que essas coisas bonitas, que na casa dela nunca havia chegado isso. Abidias, o marido, passa na sala nesse momento, e afirma que ali com ele isso nunca havia acontecido, Morena diz que ela também nunca havia recebido e que ela fazia mais coisa que ele, para agradar do que ele para agradar ela. O marido declara que a situação é uma “boa ação” de Morena, e complementa “não precisa ser café não, basta um açaí com um misto quente, tá ótimo!” Morena reafirma que ela também nunca havia recebido isso, e que ela faz mais “boa ação” que ele, ele concorda. Então passa cena de várias casas pela manhã, e todos tomando café à mesa. Morena comenta que em novelas todas as refeições são feitas à mesa, e que independente se é rico ou pobre o café da manhã tem muita coisa, mesa bonita. Assim como as pessoas nas novelas, ela comenta: “acordam bonitos e bem vestidos, com cabelo arrumado e sem bafo nem nada, acordam prontos”. Ainda comentou que nessa novela só tem homem bonito e lindo. E vai apontando para

²⁷ Expressão comum regional de surpresa.

elas, falando: “nossa! Não sei quem é mais bonito!” Demos risadas. Diário de Campo, dia 5, 09/05/2018.

Então início do terceiro bloco, apareceu Benetida(Luciana Malcher), que segundo Iza era escrava na outra vida, e na novela ela fazia esse papel de escravizada, Iza com está com pesar sobre o que ela passava e como era absurda a ideia de escravizar outras pessoas sendo por qualquer motivo. Diário de Campo, dia 1, 01/04/2019.

É percebido que nesses casos há uma assimilação do ficcional com o não ficcional, onde as incomodam e a diferença, reduzindo apenas a narrativa televisiva aquilo que é assistido. De certa forma a mediação acontece com o que elas vivem negociando o que a ficção apresenta com a experiência diária.

A representação gera uma forma do autorreconhecimento, traz o sujeito social como agente de sua política e sua história, na qual essa é uma representação a ser construída, e esse processo da territorialidade na recepção é entendido que esse processo depende da negociação de sentido para que possa pensar na autonomia da coletividade, uma vez que as mulheres compartilham os sentidos e muitas vezes constroem os significados. A rede que essas mulheres formam ao estarem em contato, quando compartilham as experiências, também traz um movimento autônomo para elas quando elas entram em contato com as experiências das outras mulheres, as fazendo serem entendidas e ainda amparadas umas pelas outras.

No processo de TDR é percebido uma resistência por meio dessas subjetividades construídas, sendo um movimento cíclico, que é feito para a reafirmação desse lugar, desde ao pertencimento cultural, como do espaço mesmo diante de tudo que se é construído das relações coletivas e individuais. Essas relações fazem com que a identificação com esse lugar seja explicitada, sendo que a relação midiática traz uma decodificação estratégica desse espaço. Construindo significados que depende de fatores para que sejam reiterados a identidade individual. As mulheres têm uma identidade de autoapoio, para consigo e com as mulheres que estão ao redor. Elas criam uma rede de apoio, em que faz esse espaço ser um lugar, com uma identidade a ser referenciada.

A construção da identidade tem várias hibridizações, que depende de uma série de interpelações para que ela seja constituída. A partir das múltiplas identidades se conseguem fazer relações com os sentidos e significados nesse contato com a narrativa televisiva, o que depende em suas características de seus referenciais. A territorialização midiática é uma negociação no campo de significados dessas identidades, sendo essas identidades individuais e coletivas, uma vez que o consumo da mídia televisiva se faz de uma maneira arraigada

nesse processo, partindo sempre das experiências cotidianas. A desterritorialização desse espaço traz um estranhamento em que a consciência negocia para construção do coletivo. Uma vez que é perceptível a diferença entre o ficcional e o não ficcional, como o que acontece, e as possibilidades de como poderia ser, entendendo que desse lugar são outras possibilidades. Essa é uma dinâmica recorrente na modernidade, que na tentativa de homogeneizar as identidades em sua multiplicidade, acaba como subproduto da globalização.

Partindo da discussão de identidade e entendendo ela como fluida, e não mais estável e fixa, essa identidade pode ser assumida a partir de situações que aparecem. Hall (2006, p. 13) traz que a identidade se torna uma “celebração móvel”, que depende dos sistemas de representação e significação que vamos assumindo ao longo da vida. Que é assumida no campo histórico, entendemos que estamos em constante negociação do “eu” como dos sistemas de significação.

Dessa forma neste capítulo tentamos abordar a construção do lugar que as colaboradoras estão e negociam os sentidos e significados, levantando os elementos que compõe suas subjetividades periféricas a partir de suas vivências e trajetórias de vida. No próximo capítulo tentaremos aproximar esses sentidos e significações das suas subjetividades, considerando o processo de recepção mediando o lugar através de uma territorialidade midiática.

CAPÍTULO 3 - SOBRE A TELENOVELA: CONSUMO E SENTIDOS NA RECEPÇÃO.

A representação é algo construído de acordo com nossas referências e experiências. É assim que entendemos que a televisão tem uma forte participação nessa construção, principalmente das pessoas que têm o hábito de assisti-la. No Brasil a televisão na década de 70 teve uma facilidade de compra e na década de 90 mais da metade da população já possuíam uma. Ela é assistida pelos diversos tipos de famílias e também apenas por mulheres. Na televisão, dentre sua programação tem um espaço importante – principalmente na Rede Globo - voltada para as telenovelas, que dá grande audiência para as emissoras, Hall (2003) nos explica que no século XX a indústria cultural incluiu os trabalhadores e trabalhadoras como receptores desses produtos, ainda em linguagem. Elas são produzidas e assistidas por diversos públicos, envolve jovens e ainda adultos, isso depende da programação.

Hamburguer (2005, p. 77) discute que o horário de exibição afeta os telespectadores, “[...]quando mais cedo a novela é exibida, menor é seu público entre os trabalhadores[...]”. Almeida (2002, p.178) afirma que “[...]mesmo reconhecendo que os homens também assistem novelas, consideram que as mulheres teriam maior envolvimento com a narrativa[...]”. Esse envolvimento é produzido através da linguagem, uma vez que acontece a aproximação dessa narrativa, no contexto do cotidiano e suas práticas, um exemplo são as propagandas exibidas no momento de cada novela.

Podemos visualizar quando Francinete nos fala das preferências do seu filho em horários das telenovelas. Assim como Mariza que nos apresenta uma rotina de acompanhamento à programação, mas se observa ela com uma rotina doméstica ativa. E Iza ainda justifica sobre seu gosto relacionado às telenovelas.

Francinete afirma “gosto da novela das seis, a das sete acho chatinha mas gosto também, assisto quando estou fazendo a janta. A novela das nove é muito tarde, eu só assisto quando tem alguma cena interessante, como a morte da advogada, nossa que cena, foi muito boa ela. Mas gosto mesmo da novela das seis. Aqui em casa tem uma que passa na Band ou na Record, não lembro direito, que é José a novela, ela fala da história de Jesus e tudo, menina! Todo mundo aqui assiste, a família toda, a gente gosta, mas já tem 3 sábados que não assistimos Diário de Campo, dia 0, 22/03/2018

Francinete entrou e ligou a televisão, viu que ainda estava passando Malhação²⁸, comentou: “tu gosta de malhação? Eu mesma não gosto, quem gosta é o Jhonatan, tem uma conhecida que gosta bastante também”. Diário de Campo, dia 1, 11/04/2018

²⁸ Malhação é uma *soap opera* que segue no ar com 27 (vinte e sete) temporadas desde 27 de abril de 1995. Segue na Rede Globo, nos horários entre as 17h30min e 18h. com temporadas que sempre se renovam com assuntos variados. Ver em: < <http://televisao.uol.com.br/ultimas-noticias/2005/07/14/ult698u8810.jhtm>>. Acessado em 22/08/2019.

Kamylla, filha de Mariza comenta: “eu não gosto de começo de novela, acho chato, parece que todo mundo é lindo e feliz, e depois começa tudo”. Diário de Campo, dia 1, 09/04/2018.

Mariza disse que gostava mesmo de novelas e assiste várias, afirma não acompanhar muito, mas a novela atual que ela está acompanhando é a novela das 9h (Do Outro Lado do Paraíso), disse que a filha, Kamylla, achava péssimo quando assistiam as novelas juntas, por que Mariza já sabia o que ia acontecer. Rimos e ela completou dizendo que as novelas são iguais, com as mesmas histórias de amor, o que muda são os personagens. Diário de Campo, dia 0, 20/03/2018

Iza faz uma consideração sobre a novela que começou, das 6 e afirma que assiste por que é muita tristeza, que fala dos refugiados, as tristezas do cotidiano e por isso ela não gosta. É muito triste, e não assiste para ficar triste. Diário de Campo, dia 2, 09/04/2019

Assim Lopes, Borelli e Resende (2002, p. 40) nos mostra que “[...]a mediação no processo de recepção de telenovela deve ser entendida como processo estruturante que configura e reconfigura tanto a interação dos membros da audiência com os meios, como a criação por parte deles dos sentidos dessa interação[...]”. A mediação é o processo de negociação de significados, no processo da construção televisiva, a interação da mídia de quem produz para quem assiste, uma vez que a mediação é percebida através do processo de produção até a recepção e os elementos que rodeiam essas pessoas que os assiste sobretudo de como são negociados os sentidos e representações naquele território.

Pensando em como cada uma assiste e as preferências, depende de sua rotina para as escolhas de horário. Dessa forma, na roda de conversa com as sete mulheres, podemos perceber a motivação de as preferências são as rotinas de trabalho e domésticas. Além disso, há também o teor do que assiste, muitas vezes elas gostam pelo fato do entretenimento, o que é motivo para assistir, ou não, as telenovelas.

Camila gosta de assistir à novela das sete, verão 90. Isabela disse que não consegue dizer o nome de nenhuma novela, não aprende por nada, ela afirma ainda que não assiste nenhuma novela, por que o tempo é muito corrido, e que a noite é o único tempo que ela tem para ficar com a neném, e perdeu o hábito de assistir por causa da faculdade a noite, depois a gravidez e hoje não assiste mais novela. Isabela afirma que quando era mais nova assistia várias novelas, como Malhação, Laços de Família. Afirma que foi noveleira de plantão e que acha que as novelas mudaram, que antes aprendia muita coisa com as novelas. Maria Félix comenta que assistiu Maria do Bairro também. Isabela diz que as novelas do SBT já não eram tão fortes, que gostava mesmo era da Globo e foi perdendo o interesse por novela, o conteúdo mudou. Ezilda disse que gosta de novela de época, o Rei do Gado, a Gata Comeu. Isabela disse que hoje não tem mais as novelas em que se vivia a história e que chorava assistindo novela. Maria Félix disse que queria acompanhar tudinho os capítulos, mas que não tem muito tempo e que assiste, mas acompanhar é difícil, gosta de assistir o primeiro e o último capítulo, que é entende tudo que passa. Camila disse que estava acompanhando a novela que havia acabado naquela semana, Os Sete Guardiões, e estava esperando uma outra história, de retorno, mas que achou chato o final, sem graça. Juscilene afirma que assiste a novela das sete, Verão 90. Diário de Campo, Roda de Conversa, dia 0, 16/05/2019.

Além disso é possível perceber que com tempo a concepção das telenovelas mudam, conforme podemos ver na fala de Isabela, que com o tempo e com a maternidade ela mudou a preferência televisiva. Já Ezilda assiste as novelas mais antigas que já foram exibidas, e afirma são as que ela gosta mais. É possível também identificar a diferença entre as emissoras, pois o padrão de telenovela muda de uma para outra, o que difere as narrativas e lugares que se passam, sendo muitas vezes não brasileiras. Juscilene afirma que gosta dessa novela mais cedo na qual ela respeita sua rotina.

Isso é construído através da linguagem e as narrativas são construídas para que o sentido seja compreendido, tudo acaba por acontecer a partir das referências sociais que se tem. Dessa forma a leitura é feita a partir do lugar que estão e Hall (2003) vai se chamar de leitura preferencial. A linguagem em sua produção pode acontecer na tentativa de hegemonizar a audiência, em uma leitura que já está implícita como deve ser lida, como afirma o autor, onde os significados depositados para a leitura acontecer, construindo também um imaginário ficcional nesse universo.

Martin- Barbero (2008, p. 252) apresenta que “[...] nos “anos do desenvolvimento” o *massivo* passa a designar apenas os meios de homogeneização e controle das massas. A massificação será detectável mesmo onde não houver massas[...]”. Assim é percebido como a política se faz presente nesse caminho e como os meios de comunicação “*mediam*” todo esse processo conscientização na formação de demandas populares ainda que as pessoas acessam essa produção massiva da mídia, enquanto consumo. Dessa forma essa linguagem de diálogo entra em contato com as preferências promovendo padrões e comportamentos, podendo até ser um canal de discussão entre espaços sociais.

Assim como é percebido no trecho acima, o que Isabela prefere e o que dialoga com ela, na qual ela afirma que o conteúdo das telenovelas não há relação com o que ela vive hoje, mesmo que um dia ela já tenha gostado muito. Maria afirma que gosta de várias, assim como Camila. Juscilene assiste a mais cedo, que essa encaixa com sua rotina. É visto que essa linguagem é feita e levada para o diálogo em muitos momentos, assim como Mariza que ao ver sobre o governador do Estado, e segue com insatisfação sobre o conteúdo, o que é perceptível a forma como a linguagem televisiva pode chegar nos telespectadores.

A programação estava passando o jornal local, em que era uma matéria sobre um candidato a governador, que teve sua candidatura indeferida pelo Tribunal Regional Eleitoral do Tocantins, na qual no jornal ele abriu os debates, em que Mariza comenta em um tom de indignação: “como que essa candidatura dele não está valendo e ele consegue seguir toda a agenda? Se ele ganha fica igual ao caso

do Marcelo Miranda! Nossa! Isso é um atraso para nosso povo". Diário de Campo, dia 7, 21/05/2018

A leitura depende de como o significado é interpelado, na construção de sentidos em suas linguagens. O que é diferenciado pois cada indivíduo tem as próprias experiências, as relações sociais, dos lugares que frequentam. Tendo em vista toda construção acerca dos significados e como são referenciadas o âmbito midiático, entendendo que a comunicação é marcada com processos sociais e políticos, sendo permeada por diferentes posicionamentos da pluralidade cultural que compõe nosso país. As colaboradoras seguem nessa associação, fazendo permeio da sua trajetória nos processos de mediação.

O processo de comunicação depende da linguagem e da perspectiva de recepção, considerando quem dialoga e como esse diálogo é feito, a mediação desse meio que faz com que o sentido seja construído. Os motivos são muitos para as preferências e a linguagem narrativa é um deles, mas que a rotina e as atividades que desempenham diariamente também impactam nas escolhas.

3.1. Da televisão à telenovela, o sentido construído.

A televisão começou a estabelecer um diálogo com a sociedade no início dos anos 50 e sua expansão começa nos anos 70, período em que consegue adentrar às casas se tornando um meio de comunicação acessível e de massa. Em uma linguagem facilitada para a classe trabalhadora essa produção, sobretudo, a telenovela que traz representações e os significados permeiam de acordo com quem está interpretando, abordando a circulação no cotidiano.

Ainda na década de 70, houveram outras discussões da pauta feminista, sobre a desigualdade de gênero, o que nela aborda a dicotomia de público e privado, e a divisão sexual de trabalhos. Por sua vez nessa mesma década estava iniciando a segunda onda do feminismo, em que eram reivindicados os direitos trabalhistas das mulheres, e evidencia as diferenças de classe e raça. O movimento feminista veio a pensar em uma classe trabalhadora composta por todos os trabalhos, Hooks (2015) aponta que a força de trabalho das mulheres negras era diferente, assim como são, enquanto umas lutavam pelo acesso ao trabalho que não o doméstico, haviam as que trabalhavam em péssimas condições, o que marcou a segunda onda do feminismo. Deixar isso em evidência neste trabalho nos faz refletir o papel da mídia, que historicamente trazia uma linguagem hegemônica e homogênea, sendo elas os

padrões sociais, e que por muitas vezes as mídias alternativas traziam essas discussões, sendo o rádio e jornais.

No início dos anos 70, o desenvolvimento mais importante concentrou-se em torno da emergência de várias subculturas que pareciam resistir a alguns aspectos da estrutura dominante de poder. E, a partir da segunda metade dessa mesma década, percebe-se a importância crescente dos meios de comunicação de massa, vistos não somente como entretenimento, mas como aparelhos ideológicos do Estado. Nessa época, os estudos das culturas populares pretendiam responder a indagações sobre a constituição de um sistema de valores e de um universo de sentido, *sobre o problema de sua autonomia e, também, como esses mesmos sistemas contribuem para a constituição de uma identidade coletiva e como se articulam as dimensões de resistência e subordinação das classes populares (grifo meu)* por exemplo, Clarke, Hall et al., 1975; Hall et al., 1978; McRobbie, 1989; Hebdige, 1988 e Willis, 1977. (ESCOSTEGUY, sd, p7)

Na discussão que problematiza o lugar assumido pelas mulheres, sendo na esfera privada e ao estar nesse lugar, acabaria liberando a esfera pública para os homens, os mesmos que decidiam. Dessa forma a partir de um sistema econômico havia a desvalorização do espaço doméstico, às tarefas domésticas e de cuidado, quando se torna intrínseco às mulheres esse espaço, é necessário perceber que o pessoal é político.

A discussão é que se o privado é destinado as mulheres, como no ambiente doméstico, familiar e íntimo, então podemos repensar que é pessoal. Essa é uma maneira de dialogar com as necessidades das mulheres para o âmbito político, em mostrar o que elas precisariam de políticas públicas. Como na construção dessa sociedade patriarcal, é necessário que se reafirme o papel do Estado como agente de mudança e responsável pela vida das mulheres, por historicamente entender que no ambiente íntimo e privado não cabia intervenção. Afirmar que “o pessoal é político” vai além de um slogan do movimento feminista, mas de repensar quem são essas mulheres que assume esse ambiente, senão as mulheres negras.

Dessa forma pensar nas necessidades das mulheres no pessoal é entender que essa discussão é intrinsecamente importante para a vida das mulheres. No conjunto de políticas públicas e atendimentos que é de urgência como uma creche pública, os direitos reprodutivos, um atendimento de saúde e violências em que a mulher não se sente culpada ou discriminada por sua classe ou cor, também aprovação de leis trabalhistas justas bem como reconhecer o trabalho com direitos previdenciários. Faz-nos entender que na trajetória das mulheres negras há uma subrepresentação no Estado, reconhecendo a política de ações afirmativas é assumir essa necessidade.

A ênfase na experiência levou a afirmação de que o pessoal e político o terceiro conceito básico do feminismo. A ideia de que problemas de mulher são meramente pessoais foi descartada quando o movimento feminista propôs-se a agir no sentido

de estabelecer soluções comuns. Política então seria qualquer relação de poder mesmo fora da esfera pública da ação direta do Estado ou da organização capitalista da sociedade. Daí a importância da noção de dominação masculina de acordo com a qual poder-se ia definir como instituição política qualquer atividade estruturada para perpetua lá como no caso do casamento e das famílias. (BAIROS, 1995, p. 460)

Ao invés de discutir o privado, colocaria a discussão para o pessoal como Bairos (1995, p. 462) sustenta que “[...]ainda a interpretam a primazia de uma dimensão sobre a outra, mas a compreensão de que o pessoal pode constituir se em ponto de partida para a conexão entre politização e transformação da consciência[...]”. O pessoal consiste na mulher ser vista para exercer sua liberdade, em políticas que reafirmação social, que as trazem para o quadro econômico e espaços de deliberação social. Essas práticas constroem as subjetividades das pessoas, as relações sociais, as trajetórias, o cotidiano, em uma interpelação de fatores que compõe a interação com a telenovela.

Reapresentada em abordagens sobre questões cotidianas aproximando a narrativa com as experiências sociais, são negociados com elementos externos que compõe o meio da produção, que constitui o processo de significação e sentido.

Camila é provocada por sua preferência, ela gosta da novela das sete, que ultimamente está com tempo mesmo para acompanhar as novelas e quando está em casa acompanha a das seis, sete e as do SBT que gosta das infantil, Carrossel, Poliana. Que até brinca com os meninos de trabalho conversando das novelas. É perguntado sobre a rotina e como encaixam os horários e as preferências. Juscilene responde que gosta da novela e assiste das sete, já toma banho e deita, ela não consegue ficar assistindo mais outra novela até tarde, que logo o sono bate o cansaço e deita logo cedo, já se acostumou, que quando é oito horas já está deitada.

Ezilda assiste as antigas e não assiste as de hoje em dia, afirma que nenhuma interessa. Gosta de época que passa a tarde e completa “a tarde eu não tenho tempo. Eu dia desses estava assistindo Laços de Família²⁹, a da Helena, que ela trocou os filhos e começou a amamentar o neném, e o marido não quis deixou ela se afastar, achei muito boa essa parte. Eu assisto no YouTube, na hora do meu almoço, no local de trabalho, como tem duas horas de almoço, então dá para assistir, por que só almoço e fico lá sozinha, e pego e vou assistir”.

Francisca afirma que não assiste novela, que faz tempo que assistia e foi esquecendo televisão. Que gosto muito de música, de rádio. Juscilene, sua filha, brinca que a única coisa que vê ela assistindo é o sorteio do Tocantins. E todas riem em uma piada que elas entendem.

Maria Félix afirma que gostava de assistir à novela das sete, mas parou de assistir, por que o marido gosta de assistir cidade alerta, ela firma “também é quando estou fazendo comida, vou banhar, olhar minha mãe, cuidar dela, quando dá assisto a das nove, mas é difícil, gosto mesmo é a das sete”. Diário de Campo, Roda de Conversa, dia 0, 16/05/2019

²⁹ Laços de Família, foi uma telenovela das nove da Rede Globo, que passou durante 05/06/2000 a 02/02/2001, com autoria de Manoel Carlos. Em uma história de um envolvimento da filha com o namorado da mãe de doença e superação de um câncer, na qual a mãe dá luz de uma filha para doar medula para a filha, e assim todo o desenrolar da trama. Disponível em < <https://novelasdobrasil.com/lacos-de-familia-resumo/>> Acesso em: 22/08/2019.

Esse momento que elas conseguem assistir é um momento que elas fazem algo que gostam, um momento de descanso ou que pode ficar tranquilas. Esse momento que acontece uma negociação entre a rotina de atividade e tarefas, que podem ser mais tranquilas. Carmelinda afirma que não assiste a telenovela, mas que a tarde quando tem tempo e termina de fazer tudo, ela consegue assistir, assim como Ezilda que quando está em casa não consegue pois tem os filhos e toda a função de casa para organizar, mas afirma veemente que no tempo livre do trabalho ela consegue fazer pausas para assistir o que gosta pela tela do celular.

As narrativas representadas são construídas a partir do território de ficcionalidade, Borelli (2001) discute entende a recepção a partir da construção de elementos da cultura, que traz um sistema de valores, os quais reafirmam as relações e constrói uma percepção de mundo, na qual é um dos elementos que constrói os sentidos. Trazer a representação nesse processo, e como as mulheres negras são vistas e revisitadas na produção ficcional.

Os conceitos de “gêneros ficcionais” (Borelli, 1996 e 1997) e “territórios de ficcionalidade” (Borelli, 2001 e Lopes, Borelli e Resende, 2001) têm sido concebidos como elementos de mediação nas relações que se estabelecem entre produtores produtos e receptores Os territórios de ficcionalidade são compreendidos não apenas como modelos literários, mas como matrizes, fatos culturais presentes em inúmeras manifestações da cultura popular de massa; são fluidos, dinâmicos, entrelaçam-se e encontram-se em permanente processo de redefinição e hibridização; ou seja, uma mesma narrativa pode conter traços de variadas matrizes: o melodrama, que se mistura à comicidade e esta, por sua vez, que dialoga com a narrativa fantástica, e assim sucessivamente. (BORELLI, 2001, p.35 ver em nota 11.)

Pensando nisso, Andrade (2007, p. 4) analisa que a telenovela “[...]difunde discursos a partir dos quais o sujeito negociará a definição de si mesmo e do “Outro”, estabelecendo uma hierarquia de valores e concepções muito dependente de influencias advindas da mídia[...]”. Pensando assim em uma agenda social midiática, Silva (2017) apresenta a construção e a importância da mulher negra na construção de notícias dos direitos conquistados, em construções de identidades raciais positivadas. No processo de recepção essa preferência é possível olhar para o outro e conseguir se ver nesse processo de negociação do sujeito. Ainda pensando nas mulheres negras e a interação na trama, é considerado que elas assumem a subalternidade em suas histórias como um padrão.

Assim como podemos perceber essas referências são fortes e associadas, Iza se identifica com alguns personagens da novela Verão 90, como Dandara, que estabelece uma proximidade por ser mulher negra com suas convicções afirmativas fortes, já o Candé na problemática que destrata o cunhado por associar ele, que é um homem negro, a pobreza. Nessa narrativa a personagem de Dandara casa com um cara milionário e é acusada de fazer

isso por dinheiro e Iza a defende. Iza não nomeia o racismo, mas ela sente e por vezes denuncia, comenta e evidencia um maior desconforto nesses casos. Dandara é uma personagem de uma mulher negra que luta por ascensão em um programa de dança, isso no decorrer dos anos 90, no auge da sensualização na televisão, quando ela reafirma em muitos momentos seus valores e princípios.

Assistíamos a novela das 7 “Verão 90”, eu e Iza, em que na cena acontece o Jeronimo (Jesuita Barbosa) está falido, Dandara (Dandara Mariana) casa com Quinzinho (Caio Paduam) e ele é muito ciumento. Iza sempre admira Dandara, que é uma personagem de uma mulher negra que apesar de gostar com um cara rico, ela não quer deixar o sonho dela e o trabalho por isso.

Com Iza assistindo a novela “Verão 90” passou uma cena em que Candé (Kayky Brito) menospreza o cunhado Diego (Sérgio Malheiros), que é um homem negro e que conseguiu estudar direito, na qual Candé o insulta por ser pobre. Assim Iza comenta “Ele (Candé) fala do “cunhadinho”(Diego). O cunhadinho era pobre, fez direito e é esperto. Candé não acha que pobre pode subir de vida, acha que pobre tem que ser pobre”. Diário de Campo, dia 5, 09/05/2019

É possível ela associar essa linguagem e a partir de si, se identificar com essas personagens que por sua vez são pessoas negras que se movem para sair da zona estigmatizada, mas um movimento de trabalho em nessa trajetória é marcada pelo racismo. Ainda nesse mesmo lugar do trabalho Dandara forma um casal com Ícaro Silva, que interpreta Ticiano, que apresenta o programa com ela. Na história Dandara tem um relacionamento inter-racial na novela, ela ser a mulher negra que representa e reafirma seus valores e princípios, negociando esse lugar.

Repensar e ver na televisão como que a partir dessa negociação de linguagem constrói-se os processos de controles políticos, na qual o racismo também é naturalizado como as representações, Andrade (2007) nos atenta a essa construção das pseudo-identidades do negro que há um recalçamento da negação da identidade, alimentando preconceitos e rejeições. E assim a linguagem é negociada, como Iza que a defende e por sua vez se identifica com aquela personagem, assim como repensa em alguns momentos sobre como ela repensa sobre a reencarnação, relembando o assunto da última novela.

Martín-Barbero (2008, p. 164) diz nos que “[...]antes de ser um meio de propaganda, o melodrama será o espelho de uma consciência coletiva[...]”. Esse gênero tem uma referência moralista que através do cotidiano e o sujeito, como viver trazendo intempéries de bondade e maldade no contexto. A educação moral também é um dos fatores que é trazido pela trama negociada e sinaliza o que é permitido de comportamento.

Na narrativa a temática sentimental se mistura com o racional atuando perspicazmente no pessoal. Ainda que ele entra no imaginário social e segundo a autora

Baltar (2007, p. 91) que explica em sua tese dois movimentos: o de ensinamento e o de domesticação, na qual o primeiro traz um sentido de pedagogização, o segundo “[...]das sensações e sentimentos na experiência da modernidade[...]”. Se tem essa busca no imaginário das mulheres que acompanham a telenovela, em que buscam no contexto que vivem o sentido que é retratado na trama, uma vez é pautada na matriz popular do excesso.

Martín-Barbero (2008, p. 306) suscita que “[...]daquele em que se faz visível a matriz cultural que alimenta o reconhecimento popular na cultura de massa[...]”. O autor ainda comenta nesse contexto o reconhecimento das culturas de massas consiste em desconhecer, uma vez que para a produção racionalista o (auto) reconhecimento não importa, ressaltando a importância do outro, da vida do outro e do que se pode ter construída da matriz cultural. Esse reconhecimento do outro impulsiona diretamente na formação subjetiva da pessoa, sendo ele uma direção “[...]para alimentar os desejos de circulação e consumo do sujeito moderno[...]”. (BALTAR, 2007, p. 92). É muito comum e colonialista essa troca de significados sobre o consumo, construindo uma importância da cultura vivenciada nessa interpelação constitui uma significação de sujeitos, trazendo uma materialidade dos conflitos no âmbito social.

Hall (2003, p. 235) evidencia sobre “popular” o termo em questão e a observação que a classe popular é a classe trabalhadora, acontece um exercício de poder diante as negociações midiáticas. Uma vez que as culturas de classe se entrecruzam se sobrepõe no campo de luta há uma relação deslocada diante da produção feita nesse “campo”. Assim, a cultura dominante desorganiza e reorganiza constantemente a cultura, não atuam como se as pessoas não soubessem de nada, mas negociam sentidos que haja o convencimento de significados diante do que lhes é “re(a)presentado”.

Esse trânsito de diferentes formas de assistir a telenovela, tanto como comentada até pela internet nos faz repensar nesse território de ficcionalidade, entender uma mobilidade da matriz cultural. É importante ressaltar que mesmo com a infinidade de programas que a internet oferece, ainda há preferência de assistir a telenovela, como *Ezilda*. Entender e perceber isso nos faz pensar que lugar a telenovela assume na vida e o que em entretenimento a faz assistir essa programação em seu momento de folga. Pensar a partir disso, é retratar que na cultura brasileira assistir a telenovela faz parte da trajetória das brasileiras, que perpassam por uma trajetória de tempo e de como a televisão é presente nessa rotina interna doméstica.

Rincón (2011) realinha sobre o audiovisual, que as preferências e referentes são múltiplos, e perpassa pela televisão, rádio e a internet.

Nós não estamos felizes com o prazer, gozar, histórias, estética, políticas e conteúdos da televisão. A televisão nos entedia. E isso deveria ser feito para entretenimento. Nós fugimos. Alguns para TV a cabo, outros para a Internet, para o Facebook, para o YouTube, para o Twitter, muitos para o celular, menos para os livros, outros vamos viajar para outras culturas. Nós todos fugimos porque canais e produtores abusam do seu poder de emissão e produzir entretenimento bobo, informações no serviço dos mestres do poder, ficções de baixo nível de atuação, formatos dramáticos de pobreza, informações para esquecimento ... *E a desculpa é que a televisão é um meio de comunicação conservador e medido por que para ganhar a massa chamada "rating" você não pode não ferir nem moral nem criativo nem narrativamente ao espectador.* Portanto, assistir televisão em geral e radiofusão é uma viagem ao passado e à moral entrincheirada de cada sociedade. E por isso, a televisão industrial massiva têm problemas profundos em suas maneiras de dizer, em seu conteúdo e suas políticas: nem entretém, nem seduz, nem pensa. Bem, faz negócios. A televisão aberta perdeu seu valor como entretenimento familiar. (RINCÓN, 2011, p.44, tradução nossa³⁰)

Movimentar esse ambiente virtual com suas preferências de telenovela, como Ezilda trata, é fundamental para entender a autonomia de preferências que a internet oferece, ela assiste das que gosta, sem ficar presa a uma programação, na qual ela nem pode usufruir, em que sua rotina não cabe para esse horário. Assim em um horário de intervalo do trabalho ela escolhe em sua preferência o que lhe é a gosto, sendo autônoma no horário, assim conciliando sua rotina de trabalho, fora e dentro de casa.

A partir desse lugar de autonomia, escolhas em uma direção negociada, nesse momento de lazer em que muitos não se pode ter escolhas de uma outra rotina. A trajetória das mulheres são marcadas por hierarquizações, deste modo é necessário falar sobre como se entretém com esse movimento da mídia com uma linguagem que por muitas vezes é informativa, há muitos que a telenovela avança trazendo questões pertinentes a agenda social, como em muitos o assédio, violência contra a mulher, entre outros, assim como acontece nas relações sociais.

³⁰ No estamos contentos con los goces, disfrutes, relatos, estéticas, políticas y contenidos de la televisión. Nos aburre la televisión. Y se supone que está hecha para el entretenimiento. Huimos. Unos al cable, otros a Internet, al Facebook, al Youtube, al Twitter, muchos al celular, los menos a los libros, otros nos vamos de viaje a otras culturas. Todos huimos porque los canales y productoras abusan de su poder emisor y producen entretenimiento tonto, información al servicio de los amos del poder, ficciones de bajo nivel actoral, formatos de pobreza dramática, información para el olvido... Y la disculpa es que la televisión es un medio de comunicación conservador y mesurado porque para ganar la masa llamada *rating* no se puede ofender ni moral ni creativa ni narrativamente al televidente. Por eso, ver televisión generalista y *broadcasting* es un viaje al pasado y a la moral arraigada de cada sociedad. Y por ello, la televisión industrial masiva tiene problemas profundos en sus modos de contar, en sus contenidos y en sus políticas: ni entretiene, ni seduce, ni piensa. Bueno, hace negocio. La televisión abierta ha perdido su valor como entretenimiento familiar. (RINCÓN, 2011, p.44)

O espaço social é marcado por desigualdades sendo a relação de poder como uma rede, uma prática que condiciona, normatiza e cria hierarquias. Por sua vez a desigualdade de gênero tem toda uma mudança na rotina, quando há apenas uma pessoa responsável para cuidar dos filhos, como no caso de Ezilda, ou no de Maria, que além da rotina de cuidados com a mãe, ela fornece a preferência televisiva ao marido. A divisão do trabalho traz essa hierarquia na qual o trabalho exercido pelas mulheres não é considerado economicamente ativo. Trazendo a discussão formativa de como vivem essas mulheres, principalmente as mulheres negras, que sofrem mais violências pelo racismo institucional na sociedade nas posições de opressão e privilégios que as deixam a margem. A discussão da interseccionalidade apresenta como campo de reconfiguração de identidades coletivas e individuais rompendo em muitas situações essa conformação desigual que são evidenciadas nas experiências, entendendo-as como protagonistas dessas identidades que são construídas diariamente.

Ao analisar as formações de gênero historicamente as mulheres ficaram as margens do processo econômico, social e político, mesmo inseridas e não reconhecidas no processo. Dessa forma o campo de luta que caracterizamos aqui são de mulheres que moram na periferia que assistem telenovelas e negociam os significados constituindo do lugar de onde elas estão. É possível observar na intersecção de raça e classe essas mulheres sendo elas moradoras da periferia, exercendo os trabalhos domésticos e externos, formais ou não, para a composição da renda em casa. Esse espaço periférico é traçado historicamente por pessoas negras que compartilham essas intersecções e compõe esses espaços com uma organização própria as experiências próximas formando uma rede de apoio e solidariedade uma com as outras através das outras e juntas nas especificidades.

Entendendo as classes sociais na interseccionalidade é pensar em como que a elite e a burguesia conseguem estabelecer um processo dialógico com as demais classes que consomem os produtos televisivos, ainda que façam os sentidos no seio de suas experiências de vida. A televisão é ainda um consumo familiar (re)significado nas classes populares de diversas formas, como o bairro e quem os rodeia, dependendo da proximidade que constitui um convívio. No contexto privado acontece a atuação de significados e referências do território ficcional, a familiaridade da linguagem e na construção de sentido, uma vez que a narrativa se aproxima da vivência das mulheres em suas experiências de diferentes formas e envolve-as na trama.

Suas representações são construídos a partir do contexto televisivo e é ressignificado diante das diferentes vivências a partir das mulheres que assistem a telenovela considerando suas trajetórias de vida, suas experiências e como organizam esse processo de assistir à televisão. Para as moradoras da periferia os sentidos são construídos e assimilado nas representações das telenovelas do contexto social que estão inseridas a partir de um contexto geral de compartilhamento de experiências comuns entre os sujeitos periféricos. O processo incentiva um olhar a atividade humana comportamental da identidade coletiva considerando o contexto individual e a subjetividade.

Por isso, em vez de fazer a pesquisa partir da análise das *lógicas* de produção e recepção, para *depois* procurar suas relações de imbricação ou enfrentamento, propomos a partir das *mediações*, isto é, dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão. (MARTÍN- BARBERO, 2008, p. 294.)

O processo televisivo é constituído por fases desde a produção até a recepção, na qual esse processo é amplo, complexo, ideológico, que abrange economia política e subjetividades. Na primeira fase estabelece uma narrativa de como e quem vai consumir, dependendo da faixa de horário, na qual o processo começou na TC Excelsior foi depois adaptado e sedimentado pela Rede Globo. É reproduzido em uma articulação de sentidos com as propagandas e podemos discutir as diferenças de classe, sobretudo se pensarmos em comportamentos que podem ser construídos diante daquelas imagens associadas considerando o poder de compra. Esses comportamentos são assimilados através da narrativa que fazem sentido ao consumir tais produtos e alude a uma construção da consciência homogeneizadora, uma vez que massificada a informação passando pela situação econômica de produtos, há uma população que não tem acesso.

A relação com a televisão, consumo e compra, quando em Mariza sua televisão era de tubo e tinham uma imagem amarelada, mas que não era empecilho para que assistisse. Iza comenta quando comprou a primeira televisão, e a relação com as filhas e a vizinhança, e a relação de interferências com a televisão, com humor e disposição para assistir.

Mariza foi falando “olha Ana, a TV daqui está assim...” e apontou para a TV com uma imagem amarelada e alguns riscos na tela. Diário de Campo, dia 1, 09/04/2019

Então a televisão perde o áudio e Iza levanta e começa a mexer nela, sempre com bom humor, ela vai mexendo colocando a antena em vários lugares e ri falando – gente, essa TV digital está boazinha. [...]Iza conta sobre a primeira televisão que ela comprou de marca CCE nos móveis usados, e foi motivada por que as filhas queriam assistir – e tu sabe que criança é terrível né? – e as vizinhas batiam a porta na cara das meninas quando elas iam para a casa das vizinhas, não deixando

elas assistirem, foi quando ela comprou, e quando as meninas as vizinhas vinha assistir, uma das filhas não deixava também fechando a porta na cara das vizinhas. Diário de Campo, dia 1, 01/04/2019

As classes populares mesmo que consumindo os padrões de comportamentos que são modelados pela grande mídia em seu modo de agir e bem como todos os itens de consumo resistem em suas formas de dialogar com o que é consumido. Certeau (2009) considera que a indústria cultural tem as estratégias para que o consumidor compre aquilo que ele quer, mas o consumidor tem as táticas que as estratégias não conseguem pegar. Almeida (2002, p. 187) apresenta uma associação midiática de propagandas e telenovelas que reforçam a associação com o trabalho doméstico, refere-se também aos produtos comercializados, trata o ambiente doméstico feminilizado. A autora ainda argumenta que: “[...]tais construções afetam as relações familiares, com a associação entre necessidades do lar e afeto feminino ou maternal[...]”.

Interessa observar é se, na verdade, existem mesmo telenovelas, personagens ou territórios de ficcionalidade voltados especificamente a homens ou mulheres; ou se, de outra forma, o que se pode detectar é a existência de um certo nível de universalidade ficcional, capaz de permitir que histórias sejam aceitas por um público receptor indistintamente masculino e feminino. (BORELLI, s.d., p.9)

A mídia não produz o consumo puramente simbólico, mas promove comportamentos que são cristalizados e padronizados em uma construção hegemônica social, porque há uma produção de narrativas e sentido através da representação. Hall (2003, p. 293) nos fala que a hegemonia é negociada em momentos históricos específicos em um caráter multidimensional, uma conquista do consentimento popular e não é mais uma classe dominante que negocia esse consentimento, mas um bloco histórico onde “[...]estarão as classes subalternas e dominadas[...]”, de modo que “[...]cada formação hegemônica terá, portanto, sua própria configuração e composição social[...]”. Assim como há a homogeneização dos sujeitos, colocando os saberes populares como não válido, validando apenas os saberes ditos científicos e catedráticos. Isso nos remete aos saberes desenvolvido pelas mulheres, que muitas vezes cuidavam de si e de seus filhos com um aprendizado passado por gerações.

Está por se estudar, sem os preconceitos que misturam machismo com racionalismo, o papel que as mulheres têm desempenhado na transmissão da memória popular, sua obstinada recusa durante séculos da religião e da cultura oficial. [...] A aprendizagem da nova sociabilidade começa pela substituição da nociva influência dos pais – principalmente da mãe – na conservação e transmissão das superstições. E passa sobretudo pela mudança nos modos de transmissão do saber. [...] E daqui, mais ainda que dos julgamentos e torturas das bruxas, será de onde começará a difundir-se das classes populares a desvalorização e o menosprezo

de sua cultura, que depois passará a significar unicamente o atrasado e o *vulgar*.
(MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 139)

A resistência pela cultura existe feita pelas mulheres e suas sabedorias com o contato de conversa de experiências com outras mulheres faz com que perpetue o conhecimento. A subjetividade periférica atua em conjunto como uma rede de saberes e solidariedade permanecendo uma forma oral de transmissão de saber, uma vez que dentro dessa rede esses saberes têm valor se amparando entre si. Convergindo com a circulação de informações sobre a telenovela, por exemplo, sendo possível que seja uma demarcação das mulheres nesse processo, em que autores como Barbero apresenta a oralidade da telenovela, em muitos mais comentada que assistida.

Os sentidos dos saberes são articulados diante dos contextos inseridos, construindo os conhecimentos que por sua vez negociam os sentidos trazidos pela televisão. A televisão foi construída para um consumo massivo, em uma linguagem que fosse entendida pela classe trabalhadora a fim de que estabeleça um estado de “falsa consciência” (HALL, 2008, p. 237), da forma que esse diálogo seja mediado dentro de seus contextos e realidade. A periferia é constituída pela classe trabalhadora e há a construção de uma imagem que não representa isso trazendo preconceitos ainda raciais e de classe na constituição da periferia, sobretudo é a partir do trabalho, ou de sua ausência, que essa representação se fixa.

A rapidez das informações, permite o acesso a várias coisas ao mesmo tempo, sendo isso uma característica da modernidade, em um movimento globalizado nesse processo influi no consumo e nos comportamentos. Os sentidos preferenciais são articulados diante de uma apresentação de práticas comuns, ou seja, do compartilhamento interseccional. Esses sentidos se constroem a partir da rede de mulheres e familiarmente compartilham com amigas, vizinhas, sogras, criando uma relação consciente de que essa rede é importante e necessária. Essas leituras acontecem diante das preferências de códigos nos textos que se tem ou teve contato para os sentidos e de acordo com Hall (2003), o texto é um fator delimitador da decodificação.

Diante disso considerando as atividades culturais destinadas à periferia, a televisão assola grande quantidade de tempo consumida pelas famílias e compartilhadas em várias casas. Repensando nesse processo de assistir a telenovela é visto um momento de realização de outras tarefas também, fazendo assim a ser escutadas como as radionovelas como prática da oralidade, pela utilização do celular a nível de informação rápida e comunicativa. Mariza realiza esse movimento fazendo jogos da loteria e acompanha jogos de futebol, por

consequente participa de bolão. Iza por sua vez afirma que é agradável uma companhia e passa rápido devido a interação com a outra pessoa.

No fim da novela Iza comenta que quando assiste com companhia passa mais rápido. Diário de Campo, dia 6, 17/05/2019.

A novela começa e Mariza pega alguns jogos da loteria para fazer. Eu comento que uma tia minha fazia muitos jogos e ela pega um caderno azul e diz: “eu estudo também, olha aqui (abre o caderno com muitos números em que ela faz toda as anotações e possibilidades), eu jogo os que sai mais vezes, mas acho que isso está dando certo não! Ultimamente eu ganhava pra tirar pelo menos o do jogo, ultimamente nem isso. ” Eu me aproximei dela, deitando na cama, e ela foi me mostrando como que a última ganhadora, que sozinha, arrecadou dois milhões de reais, Mariza comenta “esse jogo dela foi feio, não sei como ela conseguiu, olha aqui, essa primeira e a segunda fileira não saiu nada, foi sair da terceira pra frente, e foi quase completa todos! ”

Mariza deixa o celular e continua a olhar o jogo, olha a novela e me pergunta se eu sei sobre o julgamento de Marcelo Miranda, o governador do estado está sendo cassado. Respondo que não, e logo pesquiso na internet e leio a matéria para ela e ela se contenta. Ela se volta para o jogo da loteria, comenta: “ amanhã sexta feira 13, vamos ver se tenho sorte! Ai ai Ana!” Risos. Continua fazendo contas e mais contas para marcar o jogo. Finaliza a novela e junto com a novela o jogo. Diário de Campo, dia 2, 12/04/2019.

Francinete comenta que em novela, por mais pobre que seja, os personagens e as famílias tem a mesa completa e bonita, com frutas e ainda que todo mundo come na mesa, independente se pobre ou rico. Diário de Campo, dia 4, 04/05/2018.

A confirmação da classe social é um fator explícito na diferença retratada na telenovela, que aborda em um episódio de forma diferente da ficção e não ficção. Podemos observar como a mediação faz com que o significado de uma mesa posta é distante da experiência e mesmo que queiram aproximar, havendo uma consciência da classe à qual pertencem. Ainda Mariza que joga fielmente toda a semana, como vimos em um trecho anterior do diário de campo.

A interpelação feita por elas, desde o contexto vivido para o consumido, é ampla em diferentes leituras. É necessário perceber que os diálogos permeiam na televisão e conduz em muitos casos a oralidade socialmente e na agenda social da mídia, principalmente para o papel de gênero, poderia trazer mais elementos para uma autonomia reflexiva dos sujeitos. De alguma forma a telenovela ainda reafirmam estereótipos, mas que no modelo artístico a liberta de uma linguagem homogeneizadora e traz algumas dessas agendas, que poderia ser mais aprofundada.

Há um desmerecimento ficcional sobre a mudança de classe, no caso a ascensão do pobre. Em contextos diferentes é notável que a colaboradora administra a renda da casa com uma autonomia financeira maior, dependendo de como a responsabilidade dela dentro dos papéis sociais que desempenha, como a única responsável por essa administração financeira.

A constituição é na perspectiva das experiências de vida com o que é representado, sendo a leitura elas fazem na linguagem das telenovelas.

Hall (2003) sustenta como leitura preferencial, a linguagem pensada é uma tentativa de hegemonizar a audiência, buscando uma forma textual em que a leitura já está implícita. Traz significados para leituras como se fosse um “sonho de poder”, em que “[...]o elemento da leitura preferencial se situa no ponto onde o poder atravessa o discurso, está dentro e fora da mensagem[...]” (HALL, 2003, p. 345), ainda que sempre há como ler/decodificar além do que se é esperado.

Essa leitura depende de como esse significado é interpelado, como acontece a construção de sentido, uma vez que depende da linguagem e como é assimilada tornando-se informação e consolidando mentalmente, o que depende de como a representação é entendida, uma vez que segundo Hall:

A representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo às pessoas. [...] Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre membros de uma cultura. (2016, p. 31)

A mediação é onde acontece e se configura a materialidade social e expressividade cultural da televisão é a articulação do meio com a cultura e com as atrizes dos processos, pensando nos espaços sociais que são assumidos. Dessa forma a linguagem se articula nessa configuração da materialidade social e nos sentidos de quem consome cotidianamente, em um processo de construção do sentido através das trajetórias pessoais e coletivas daquele espaço com um processo de significação, que se reapresenta e ressignifica a partir da relação com as fronteiras do que é acessado.

Os retratos de telenovelas em muitas são as de mulheres fortes e independentes, mas que trazem toda uma carga de responsabilidade familiar em suas entranhas, como algo inerente a responsabilidade feminina. Quando percebem elementos que não possuem, ou que não concordam, essa linguagem se negocia de uma outra forma, opondo-se as experiências de suas vidas cotidianas. Essa negociação perpassa pelas trajetórias aderindo as subjetividades, formando os sentidos da construção do sujeito.

3.2 Cuidam-se: elas por elas

O sujeito é composto por elementos subjetivos formados através de experiências, práticas, aprendizados, convivência e os valores constituídos pela sociedade em múltiplas

identidades. A construção dessas identidades, as mulheres aprendem culturalmente valores que as deixam em posições desiguais e as diferenciam dependendo da classe e raça, que aumentam no espectro social marcando nossa cultura patriarcal e racista, quando se distancia do padrão dominante assumido que é homem, branco e hétero, assim gera a desigualdade.

As experiências sociais das mulheres têm pontos em comum e de divergência, em questões sociais de classe, sexualidade, raça, entre outros. Uma sociedade patriarcal configura uma cultura machista ainda que as mulheres se organizem de modo a partir de suas experiências e o compartilhamento desse lugar. A divisão do trabalho na prática social, sendo patriarcal e racista contribui para acumulação do capital e as mulheres negras estão em cargos baixos, com menores salários, exercendo o trabalho de cuidados, ou seja, em posição de subalternidade. Os estudos feministas nos traz uma atuação direta para a manutenção do funcionamento social de um trabalho estruturante.

Os trabalhos de cuidados são construídos conceitualmente em algumas preocupações como o cuidado de si, de pessoas dependentes e do ambiente isso gera um envolvimento íntimo emocional, psicológico e objetivo como a higienização e alimentação. Nessa perspectiva o trabalho que envolve emocionalmente tanto quem cuida como quem é cuidado submerge as dimensões ideológicas de afetos e emoções.

Contudo o entendimento ideológico patriarcal da organização social trata que esse trabalho é naturalizado a partir de nossa essência biológica construindo nossas funcionalidades culturais enquanto mulher, o que afirma paradoxalmente o campo da masculinidade com a racionalidade e a brutalidade, como elucida Marcondes (2017). A autora afirma que há um envolvimento ético sobre esse trabalho, que faz com que se entenda a autonomia ideal de um indivíduo, no entanto isso é sobre a democratização do cuidado e a interdependência. Em uma naturalização do trabalho e a permanência das relações de poder, o trabalho fortalece uma relação hierárquica.

Dessa forma esse trabalho de cuidados para Novaes (2015) transpõe o privado, mas que requer uma análise mais profunda em que esse privado incide diretamente no público articulando-os. Tronto (1997, p. 201) considera que “A necessidade de repensar formas apropriadas de cuidar também suscita a questão mais ampla sobre a configuração das instituições políticas e sociais em nossa sociedade”, partindo que as mulheres permeiam entre esses espaços, entendendo como funcionam a melhoria da política próximas de bairro e nas escolas em ligações diretas do cotidiano. Os discursos são construídos a partir de como são

essas experiências nas relações familiares e sociais, articulando o trabalho com o requerimento dos cuidados.

As relações são de todo o que mais buscam esse cuidado, (re)apropriando os discursos e que se tenha a compreensão na construção de uma outra forma de olhar é necessária e demorada, que o trabalho doméstico é institucionalizado através de regras, saberes, discursos e ideologias. Marcondes (2017, p. 8) afirma que “[...]todavia, entendemos necessário demarcar as suas particularidades em relação a outras formas de trabalho e serviços de provisão de bem-estar, inclusive para valorizar a importância do vínculo emocional que se estabelece no cuidado[...]”.

Mariza é quem organiza a sua família, que é composta por sua filha Kamylla, que por ter um namorado, ele não participa diretamente da rotina de casa. Mariza afirma gostar de política institucional afirmando ter sido candidata a vereadora e ainda é membro atuante da associação de bairro. Nesse momento ela está desempregada, em que justifica estar acompanhando toda programação da rede globo, assistindo à tarde e noite. A rotina de Mariza envolve levar e buscar Kamylla na escola, organizar as pautas da associação de bairro, ela se preocupa diretamente com os problemas próximos como o desemprego, e afirma que é um descaso com as pessoas que dependem de contratos empregatícios que podem ser demitidos na hora que eles entendem, observando que ela requer um direito de trabalho formal para sobrevivência. Mariza é formada em pedagogia, e tem especialização, e valoriza exercer sua profissão, o que nem sempre foi possível durante sua trajetória profissional.

Francinete, como gosta de ser chamada, é casada, tem um filho mais velho e duas filhas. Em suas atividades diárias, ela costuma ter a responsabilidade de todos os afazeres domésticos, ainda que faz umas vendas de doces e panelas. Ela constrói uma rede de cooperação com as vizinhas em que está para ajudar elas na alimentação, cuidado com filhos e conversas, me relatando diversos casos de como ajudou essas mulheres, desde a amamentação do próprio leite a conversas sobre suicídio, se fazendo um apoio para as que rodeiam ela como as que moram fora da cidade, prevendo uma convergência de ajuda, uma rede entrelaçada com ela. Francinete estuda biologia e tem o incentivo do marido para terminar, trazem com muito afinco a importância da educação, ainda é ela quem ensina as filhas as tarefas.

Iza por sua vez, mãe de duas filhas e um filho, que o encontrou depois, trabalhou por tempos nos serviços gerais do hospital, sendo marcada por uma rede de apoio, em que as

vizinhas ajudavam. As experiências marcadas por uma rede de cuidados na trajetória no processo de estar exercendo essas práticas. Assim o contexto oferece os elementos mediadores, e a partir disso são construídos os significados, fazendo parte de suas subjetividades e identidades.

Assim esses elementos que atravessam a vida dessas mulheres formam as suas identidades, em que os preceitos de gênero não dão conta de suas singularidades como retrata Sacramento e Neiva (2011, p. 84) que acrescentam ainda que “[...]nesse processo, as mulheres da periferia respondem às demandas locais pelo viés disjuntivo da alteridade, a partir de fissuras e deslizamentos identitários próprios e injunções diferenciadas[...]”. A regionalização em movimento segue sendo não estacionária, em que as representações periféricas acompanham esse fluxo, em que essas identidades vão sendo significadas, tendo sentido dentro desse universo. Pensando em como a telenovela propõe as reflexões para quem as consome, que a novela é ficção e que em novela tudo acontece, em outros momentos elas refletem o que é representado, como envolve a estrutura das pessoas.

Então pergunto se Gael agora ficou bom e Mariza explica que na novela mostrou que ele fez isso com Clara por que a mãe, Sofia, o espancava quando criança. Assim como ele achava que era o amor, fez tratamento com psicólogo em que conseguiu lembrar de toda a infância em que não lembrava. Ai foi entendendo o porquê da violência. (Diário de campo, dia 3, 26/04/2018)

Assim Francinete comenta sobre as personagens: “as muié dessa novela tudo querem casar, uns homens bonitos, olha lá esse (uma cena com dois rapazes) e assim né, a gente pensa que só quer o melhor para nossas filhas, e então já pensamos que elas casem com homens ricos, por que isso é o melhor”. (Diário de campo, dia 3, 26/04/2018)

A partir de uma discussão ficcional o pensamento referente a suas experiências de vida é certo, em que Mariza explica o comportamento violento do personagem a partir de um entendimento e experiência profissional. Francinete a reafirmar sobre a importância do casamento, é perceptível que essa relação vem de uma trajetória familiar, entre irmãs e o que era possível e relatado na sua vivência. A cultura se manifesta dentro das relações que essas mulheres estabelecem, uma vez que a novela é um produto cultural que tem um amplo acesso, essas colaboradoras assistem por prática cotidiana as telenovelas, sendo negociada com suas subjetividades.

Enquanto possibilidade a televisão pode propor os refúgios diários, em que há uma territorialidade midiática sendo processada por elas, em que elas significam o que assistem a partir de suas vivências. Nesse encontro o processo de recepção e a referência do território

ficcional, os sentidos construídos em uma narrativa através de um condicionamento social as fazem nas experiências cotidianas. Como elas assimilam tais representações e como estão imbricadas no comportamento e situações.

A estrutura social é pensada na imagem televisiva branca, onde os homens e mulheres negras assumem lugares que são colocadas, diante do sistema patriarcal e racista, que passa pela classe, uma vez que é entendido que as mulheres que tem um quadro econômico precário assumem a base da pirâmide e não há uma qualidade de vida dentro do contexto social. Contando com esse consumo cultural, é importante que elas ressignifiquem o que está nas telenovelas de uma forma que coincide com suas identidades, fazendo com que relacione sua vida com o que acontece ali e a telenovela.

Crenshaw (2012, p. 10) explica que “[...] a interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos[...]” a importância de se falar dos movimentos de mulheres, do movimento negro é uma argumentação das especificidades, assim, trazer as diferenças que geram as desigualdades. Esses grupos sobrepostos, traz em suma uma importância de falar o que não está enquadrado na hegemonia, mas no plural e na diferença. A autora ainda traz que a representação de imagem que passa faz com que as violências, aproximando os comportamentos sociais situando a expectativa comportamental tradicional.

Andrade (2007) argumenta que a mídia constrói identidades virtuais a partir não só da negação e recalçamento da identidade negra, mas que vem alimentado com rejeição e preconceito. Ainda nos discursos ideológico é possível entender que há uma necessidade de difundir a falsa democracia racial, o que nos traz uma dificuldade discursiva para esse debate. Essa dificuldade de debater o racismo na esfera pública faz com que as identidades negras sejam pouco reconhecidas e respeitadas, marcando a população negra. A mídia poderia ser um elemento de transformação, mas que apenas reafirma os estereótipos e reafirmando a construção do imaginário para a realidade, fazendo uma distorção da realidade, em vezes reafirma o preconceito e outras trazem reflexões importantes.

Sacramento e Neiva (2011, p. 86) apresentam que “[...]esse aspecto, dentro da contribuição que as “mulheres da periferia” dão ao “Planeta Favela”, gera múltiplos significados, rupturas e recombinações na forma de se conceber arte, cultura e literatura[...]”. Com as interseccionalidades elas compõem em suas identidades de raça, classe, étnicas, sexuais e regionais fazem o sentido e significam as representações a partir de suas vivências.

O entendimento de si com outras experiências com que haja uma aproximação de outras mulheres, com o diálogo, fortalecimento e uma confiança na relação.

O cotidiano das mulheres diz muito sobre a vivência delas, em que traz a forma de organização enquanto sujeitos sociais e suas práticas sociais, das quais tem uma relação próxima com as mulheres que estão no entorno. Cotidianamente formam redes de apoio em que são ligadas para o entendimento da necessidade umas das outras, assim ampliando essa rede de cuidados. Essa ligação constituem as subjetividades dessas mulheres, esse contato pode sensibilizar para uma consciência coletiva entre elas, pensando juntas e dialogando.

Assim, podemos trazer a construção dessa rede por essas mulheres com o contato com outras experiências, como no caso de Mariza ela remete a uma cena violenta um caso de sua vizinhança, partindo de sua vivência com essa relação.

Mariza comenta “é a base de tudo, de como se torna o ser humano. Por isso que existem as pessoas más, e que ninguém sabe como foi a infância dessa pessoa, só vê o que se tornaram e o que são. Como por exemplo quando a gente mudou para cá, quase não tinha vizinhos aqui, tinha eu, a Edilene (vizinha da casa na esquerda) e a vizinha aqui (lado direito), essa vizinha aqui tem um filho, e ele ficava o dia todo em casa, cuidando das coisas, desde 7 anos de idade. A mãe ia trabalhar e voltava para fazer o almoço, e voltava para o trabalho. E então ele foi crescendo, e queria brincar na rua, e quando ela pegava ele na rua, batia muito nele, espancava, e ele fazia as coisas direitinho em casa e tudo. A mãe botou um namorado, e eles brigavam direto e era maior gritaria e correria, ela pedia a faca para ele e tudo, era maior rebuliço. Ai o Airton, pai da Kamylla, dizia sempre que ela não ia aguentar isso por muito tempo, e foi dito e certo. Quando ele conseguiu uma idade mais avançada, como adolescente, ele foi indo para rua, e foi indo, acabou virando assaltante, hoje tá preso, e quando vê assim, ninguém sabe o porquê disso ne?! Ninguém consegue ver o que essa pessoa que é má já passou na vida. Tem outro também que teve uma infância bem difícil, que matou um pai de família, e está preso também, mas ninguém consegue ver o que já passou, só sabe chamar de bandido e pronto”. (Diário de campo, dia 3, 26/04/2018)

A prática social é composta por experiências e as subjetividades, dessa forma perceber em como Mariza entende esse processo educativo, ainda sobre o ciclo da violência, explícita na mediação televisiva, quando a partir de uma cena ela consegue transpor para sua vivência. Essa aproximação que acontece é o significado da negociação de linguagem, quando ela apresenta um outro viés, sendo empática com a situação, entendendo a violência. Contudo as redes de apoio podem ser um momento para que essa troca aconteça, quando conseguem trocar informações, além de repensar sobre o que se pensa, mas ir além disso, trazendo assim uma característica marcante da subjetividade periférica.

Outra característica marcante, é sobre a valoração do trabalho e como perpassa por esse território, na qual o discurso para esses sujeitos é de mudança de vida, que a

pauperização é pertencente a realidade desses sujeitos, é trazido um discurso para um progresso social e individual. Uma vez que o trabalho traz apenas uma fonte de sobrevivência para esses sujeitos, o que diferencia muito sobre a atividade doméstica, que não tem esse entendimento de trabalho devido à valorização econômica e que o discurso do progresso social e individual não faz parte.

Podendo então entender como elas fazem isso de uma forma consciente a partir da vivência dos ciclos violentos e de precariedade que é presente esse espaço urbano, somando as subjetividades periféricas que passam por tantos outros elementos.

Mas há outros elementos envolvidos. Em decorrência da sua boa condição socioeconômica, algumas mulheres conseguem contratar a mão-de-obra de outras mulheres para assumirem esses serviços de cuidados. As contratadas, em geral, são mulheres economicamente marginalizadas, que, por essa razão, são também socialmente marginalizadas, situadas na base da pirâmide socioeconômica. Essas mulheres acabam trabalhando de 18 a 20 horas por dia, cuidando primeiramente de suas famílias e, depois, das famílias e necessidades das patroas. É isso que eu chamo de subordinação estrutural, a confluência entre gênero, classe, globalização e raça. (CRENSHAW, 2012, p. 14)

A subordinação estrutural, trazida pela autora, é possível ser vista na trajetória de vida das mulheres negras, em que são colocadas a um ambiente doméstico, tendo em vista que elas são as mantenedoras desses serviços, de modo recorrente. Ficando ainda mais evidente quando as mulheres brancas começaram a conquistar empregos externos, fazendo duplas jornadas, as mulheres negras assumiram esse papel de cuidado nas suas casas e também para as mulheres brancas, sendo historicamente esse o trabalho desenvolvido por elas. O trabalho visto como autônomo quando pensamos nos direitos e nas legalidades, o que demorou a chegar para as mulheres negras, como aponta Faria e Teixeira (2018) discute que essas mulheres negras precisam de mobilidade no emprego, diante à falta de creches para deixar filhos acabam deixando suas famílias para cuidar de outras famílias, sendo em muitas vezes quem assumem esse cuidado são entre elas avós, tias e filhas, repetindo essa estrutura violenta que o Estado se esquivava. Essa estrutura nos mostra a diferenciação de classe e raça, dentro da desigualdade de gênero, em que há dificuldades das mulheres conquistarem os cargos públicos, e isso diz sobre a realidade das mulheres negras.

Assim sendo, a luta pelo orgulho e pela autoestima do negro deslizou para o orgulho *periférico*. Ou seja, a luta primeira foi a de afirmar a autoestima do negro naquele contexto da década de 1990. Essa afirmação acabou se ampliando e ajudando a consolidar o orgulho *periférico*, dos quais o orgulho negro é um dos principais elementos constitutivos. (D'ANDREA, 2013, p.149)

As mulheres diante dessa rede assumem vários papéis dentro dessas relações sociais, que se organizam e se organizam diversas vezes, orquestrando com o cotidiano. Novaes (2001, p.64) afirma que “[...] de tal forma, aprendendo o cotidiano dos bairros como um campo de vivência e de conquista de experiências, afirmamos que as mulheres atuam politicamente enquanto constroem sua experiência[...]”. Essa diversidade elas transitam como agentes transformadoras da realidade social partilhada, uma vez que a experiência constrói a história de vida, a experiência no ambiente urbano periférico a partir dos meios elas constroem suas identidades, a partir do que permeiam e vivenciam. Na perspectiva das subjetividades periféricas, as mulheres colaboradoras, em suas rotinas para sustentar o subterfúgio que é assistir as telenovelas, sendo por sua vez um momento de fuga, em que elas se envolvem na trama, sonham e repensam as estruturas deixando-as seguras da ficcionalidade.

Pensando na conformação urbana e como é organizado em suas formas de lazer, a televisão assume alguns papéis, em que regionalmente os ambientes periféricos não têm grandes centros de diversão. Ainda que os ambientes de lazer pensando na estrutura periferia – centro, não são inteiramente acessíveis, dentro que é dispendioso pela localidade e ainda como é organizado para que a diversão de fato aconteça, em muitas vezes necessário depender de uma renda que não se tem essa possibilidade.

Então na lógica público/privado/pessoal, a televisão compõe esse ambiente pessoal que muitas vezes as fazem companhias durante os afazeres, sendo assistidas ou escutadas, estando na rotina a televisão conquanto a telenovela. Podemos repensar nessa forma de lazer, em que o divertimento envolve a escolha, ter opções, quando não podemos afirmar sobre a realidade delas.

A ideia de ressignificação como um subterfúgio para trazer a territorialidade midiática que essas mulheres vivenciam, pensando em como a linguagem é construída por elas. Pensando nesse processo de consumo se referenciando enquanto padrão de vontades e querer. O que diverge da realidade que se vive, de como são retratadas e representadas na televisão, sendo fictício as grades de referências de representação.

Mariza comenta que: “mas como é novela que pode tudo, ela vai poder né? Ai ela vai lá, vão ver que ela já sarou, por que o tempo também é o de novela, e vai acabar doando, quer ver tu espera! ”. (Diário de campo, dia 2, 12/04/2018)
Francinete sobre como são apresentadas as pessoas nas novelas: “acordam bonitos e bem vestidos, com cabelo arrumado e sem bafo nem nada, acordam prontos. ” Ainda comentou que nessa novela só tem homem bonito e lindo. E vai apontando para eles, falando: “nossa! Não sei quem é mais bonito! ” Risos. (Diário de campo, dia 5, 09/05/2018)

Mariza palpita “ela não vai falar, e ele vai saber só daqui muito tempo, por que novela né tu sabe!” (Diário de campo, dia 6, 16/05/2018)

Em uma cena que Catarina (Bruna Marquezine) faz mais uma armação, Mariza comenta: “essa daí só faz isso, chega dá é raiva! Ela manipula todo mundo da novela!” (Diário de campo, dia 7, 21/05/2018)

Na qual podemos ressaltar que a produção provoca reflexões, e aproximação (e/ou distanciamento) do que é retratado, esse distanciamento é percebido como o padrão de beleza, e as possibilidades de se resolver os problemas, afirmando que novela é tudo mais fácil. Assim podemos trazer que a vida cotidiana é distante desse padrão televisivo, diferentemente de como são representados na televisão. Ou aproximando, na questão de identidade e de se perceber parte do meio, como o retrato das mulheres negras em defesa de suas identidades, desde a afirmação do caráter até a reflexão sobre os cabelos crespos. Dessa forma, a televisão tem um caráter de identificação no que podemos repensar sobre trazer um bem-estar que foge da realidade, e que esse motivo de assistirem as telenovelas.

As representações são diversas e diante de elementos conseguem ter uma multidimensionalidade diante dos diferentes espaços sociais, sobre a construção das identidades as mulheres a subjetividade periférica:

Como realidade multidimensional, o espaço social é muito difícil de ser captado teoricamente, em sua totalidade. É no concreto que ele flui, se imiscuindo e sendo imiscuído, dialeticamente. Dessa maneira, em meio a conflitos e às difíceis condições de sobrevivência, emerge a solidariedade como forma alternativa de luta social, que não é reivindicativa nem revolucionária, mas é profundamente criativa. Aparece como um padrão de sobrevivência baseado em trocas sociais essenciais para a vida coletiva, fugindo daqueles padrões (burgueses) ideologicamente disseminados, responsáveis pelas posturas individualistas e competitivas, marcadas pelo enclausuramento das pessoas ao escudo privado da família e da casa, isoladas portanto da vida pública e de uma sociabilidade menos restrita. No cotidiano dos bairros as mulheres encontram um campo de vivência e de conquistas de experiências. Seu envolvimento político baseia-se em trocas recíprocas, comunhão de valores e sentimentos, numa forma de ação voltada muito mais para as relações horizontais e não verticalmente hierarquizadas. Como uma terceira via de ação política, a solidariedade emerge como uma forma alternativa de luta social, nascida da sociabilidade intensa, sendo capaz de instaurar uma nova ordem de valores, construídos pela sociedade civil, moradora das periferias urbanas. (NOVAES, 2001, p. 66)

As relações sociais desses espaços emergem uma série de questões que perpassam em constrói a subjetividade periférica. Sendo o trabalho doméstico uma dessas presenças, ainda os trabalhos externos que são subalternos, sendo eles em muitos de cuidado. Pensar na saída da subalternidade periférica, é trazer as potencialidades desses grupos, é pensar na educação de uma forma estruturadora, para que o crescimento e a mediação no processo televisivo tenha referenciais fortes e sociais, com a singularidade de suas vivências e experiências, negociando esses significados a partir deles, como já o fazem. Nesse processo

ressaltar que muito não depende apenas dessa convivência, mas de políticas públicas que equitativamente proporcione essas oportunidades.

As redes de sociabilidade das mulheres fazem com que elas se amparem, de uma forma cuidadosa e recíproca, se organizam em redes desde de apoio com os filhos, alimentação e psicológico. Hoff (2017) afirma que apesar dos condicionantes geradas pela falta de política pública, as mulheres exercem intensamente suas capacidades de criação e manutenção das redes de amizades, e outras relações, devido a esse papel de cuidados que mantém os vínculos e afetos familiares. Assim fazem um amparo social trabalhando a autonomia entre elas, dentro do cotidiano e das possibilidades.

Francinete estava com o celular na mão, me mostrou a foto de uma amiga que tinha feito uma cirurgia de vesícula, lembrando que tinha deixado um litro de leite na casa dela, quando cheguei, e foi me contando a história que ela era a única amiga que havia ajudado, em seu relato: "Ela me ligou quase meia noite do hospital, disse que ligou para os irmão dela e 'tava'(sic) todo mundo com o celular desligado, caindo na caixa. Então, ela me ligou. (Diário de campo, dia 1, 11/04/2018)

A rede de cuidados em relações de sociabilidade social, Francinete entende que é a pessoa que se preocupa e se responsabiliza por essa amiga-vizinha, com ajuda básica. Essa rede se estabelece a partir dos contatos que acontece essa relação de assistência, pessoal e compartilhamento dos problemas e de como os enfrentam. A solidariedade e empatia, em casos de sororis³¹ e dororidade³² umas com as outras nas relações

O espaço que a telenovela se relaciona com a vivência dessas mulheres, na perspectiva das identidades, das representações e de construção das rotinas. A partir do cotidiano e das práticas sociais, a realidade é construída com ajuda do imaginário compondo com os meios culturais assim como a telenovela. As subjetividades construídas e percursos preferidos dessa investigação, o processo televisivo reverbera na construção das múltiplas identidades das mulheres, sobretudo como as significações são adotadas a partir das experiências de vida, que incluem e influem nas relações de onde moram e como se organizam socialmente.

A partir dessas transmissões é possível observar dentro dos processos de recepção como é feito essa negociação nos planos das telenovelas, como elas observam e comentam as representações.

³¹ Referido a sororidade, o termo de cuidados entre as mulheres, que historicamente as mulheres negras sempre o praticaram.

³² Termo cunhado por Vilma Piedade, na discussão da tríade feminismo, mulheres negras e ser brasileira. Esse termo repensa em como as mulheres negras entendem as dores uma das outras que são marcadas pelo racismo.

3.3 Recepção e processos televisivos

Entendendo a recepção na perspectiva das análises dos Estudos Culturais é possível a partir das práticas sociais do cotidiano, visualizar uma construção de referências e dimensões, sendo essas informações nas práticas diárias compondo todo esse universo cultural em uma perspectiva de constituição diária e o processo subjetivo da consciência. A análise da telenovela a partir do processo de recepção acontece desde 1960, com o enfoque nas transformações sociais e faz entender como o processo midiático das telenovelas são recepcionadas e significadas nas experiências dos sujeitos receptores.

Em paralelo de como e por que assistem a maioria é motivada pela descontração, que não se livram dos sentimentos de tristeza em muitas tramas. A carga moral também é notável nessas afirmações, em que se identifica um pensamento fixo sobre os valores morais, em que há um discurso comparativo com o passado. Salientam que as novelas de antigamente eram mais saudáveis e valorizam os atores antigos, elevando a qualidade da telenovela.

Isabela é provocada sobre o tempo, sobre a formatação de mudança que ela afirma e pergunta o que ela acha que mudou na novela que não a atrai mais. Isabela responde que antigamente as novelas mexiam com os sentimentos, e hoje em dia só tem maldade, só coisa ruim. Maria Félix comenta que hoje é mais real as histórias. E Isabela comenta que a novela das sete, Verão 90, em que os irmãos brigam e ficou impressionada, até comentou com o marido se alguém tem coragem de fazer isso com o próprio irmão, para ela aquilo é irreal, por que apesar de ter briga com irmãos, não acredita que uma pessoa pode ser tão ruim a ponto de fazer aquilo com o irmão³³, em que hoje são coisas que não a agradam mais e por isso não assiste mais. Em outra provocação pergunta a Isabela se desinteressou por achar que a novela não retrata mais histórias reais e ela responde que acha que o que mudou foi o jeito de fazer novela, que até os personagens mudou, em que a novela ficou muito artificial. Camila comenta que a novela às vezes a novela traz tristeza ao invés de trazer alegria, dentro de suas histórias. Isabela concorda que não é mais um momento de descontração e diz que se estressa assistindo novela e afirma que os profissionais também mudaram, que não é como os de antigamente. Maria Félix pergunta a novela que vai começar agora, A Dona do Pedaço³⁴, e que os atores são antigos, tem O Rei do Gado nela, só atores antigos. Camila lembra dos atores de Malhação, Cabeção, e que antes quando dava cinco horas, não tinha quem a tirasse da frente da televisão. Isabela concorda e disse que era tão bom e que a mãe até proibia ela de assistir malhação, quando era mais nova, e que hoje em dia são uns meninos tão novos, namorando, uma coisa tão escancarada e a gente sabe que acontece, mas que não precisa escancarar, mas não é que não haja a identificação, mas que as vezes não quer acreditar na realidade retratada ali, mesmo sabendo, que não precisa escancarar. Diário de Campo, Roda de Conversa, dia 0, 16/05/2019.

Dessa forma podemos observar a diferença de idade e de condições. Camila afirma que representava um momento que era a programação mais quista por ela, marcando uma

³³ Os irmãos são João e Jesuíno, e na trama Jesuíno faz com que João seja preso.

³⁴ Novela que iniciou na data de 20/05/2019, poucos dias depois dessa conversa.

rotina no cotidiano, em contrapartida de Isabela que só assistia quando conseguia. Uma vez que Maria tem uma opinião sobre as telenovelas, em que ela gosta e assiste, o que faz ela gostar e hoje “achar” mais real. Ela ainda valoriza os atores antigos, isso faz com que ela goste e se fixe aquela novela, quando pode é claro, isso ela deixa bem evidente sempre. Isabela por sua vez é mais nova e acha que hoje a novela mudou o sentido, que há uma representação escancarada da maldade, dessa forma é percebido que em sua infância a mãe quem decidia o que ela poderia assistir, enquanto Maria em sua infância ia para a casa dos vizinhos assistirem, e afirma que quando os vizinhos não queriam mais a presença de visitas e crianças, seguiam um ritual:

Maria Félix lembra que antigamente não tinha televisão, e iam para casa do vizinho assistir, e as crianças ficavam tudo na frente da televisão. E demorava um pouco, os vizinhos mandava a gente tudo embora, e eu ainda hoje lembro disso. Isabela lembra que na fazenda que era assim, que no final da novela os vizinhos iam para porta se espreguiçar, diziam que estava com sono, só para ver se o povo ia embora. Diário de Campo, Roda de Conversa, dia 0, 16/05/2019

Isso evidencia a importância que exerce a classe, quando não é possível esse acesso, mesmo depois da democratização, Iza observou esse mesmo ritual para com as suas filhas. A construção desse momento da televisão é marcada pela reunião e não apenas familiar, mas dos vizinhos, que faziam o uso compartilhado construindo assim esse referente subjetivo da trajetória dessas pessoas. A importância do lugar que elas assumem é necessário para que possamos entender como a linguagem é significada, entre os comportamentos para as colaboradoras que em suas trajetórias.

Mariza não quis fazer o magistério na época do ensino médio, que era o colegial, fez administração. Ela seguiu trabalhando de contrato, falavam para ela na escola que ela tinha que estudar para aquilo, mas ela resistia porque não queria fazer e tinha medo de não passar na prova. Quando ela estava na rua e pegou um panfleto de uma faculdade chamando para fazer a inscrição para uma prova, ela então fez a inscrição. No dia da prova, todos foram para uma casa tomar umas, e ela ficou agoniada sem saber o que falar, porque tinha vergonha se não passasse, e nem para o marido tinha falado. Disse que ia no centro resolver umas coisas quando o marido perguntou o que era, ela disse que era uma prova e que não ia contar para ele, por que tinha medo de não passar. Foi fez a prova e deu certo, passou e começou a estudar e ela afirma que o marido ficou mais animado que ela e falava que teria uma mulher professora, ia até largar o emprego. Acabou nem vendo porque ele morreu antes, ela conta: “foi muito pesado para mim, Ailton morreu e dois meses e meio depois minha mãe morreu, não foi fácil terminar, fiquei um ano a mais, e mesmo assim a tutora me ligava, e eu fazia como eu queria, ia no dia que queria, foi difícil.” Diário de Campo, dia 0, 20/03/2018.

Iza comenta que depois que separou do marido ela demorou para sair de casa, que também tinha medo e as meninas, as filhas, incentivavam ela a sair, ela sentia as pernas tremer para sair, aí evitava, fazia o caminho da casa pro trabalho, do trabalho para casa. Depois foi se livrando disso, que sentia que ficar dentro de casa direto não é bom, cria tédio, foi aos poucos saindo, quando pensou que não

já não queria mais voltar para casa. Ficava dias na rua.[...] Iza afirma que é cinquentona, linda, gostosa e inteirona (sic), que vai chegar aos 75 toda panicat³⁵. Afirma que tem que se cuidar, que passa protetor todo dia e que gostaria de deixar o cabelo ficar natural, por que ela se entende como mulher negra, acha lindo cabelos crespos e enrolados, mas que o dela já havia um tempo de alisamento e que entrar na transição seria um processo complicado para ela. Diário de Campo, dia 3, 18/05/2019

De diferentes experiências e trajetórias, as fazem sentir e perceber uma diferença em referências de como se enxergam e como entendem o casamento. Elas a partir de suas experiências e negociação com essa linguagem apresentam de autonomia e conhecimento, como é observável em cenas de romance um significado que as fazem refletir sobre essa romantização retratada, que por vezes isso não basta.

Assistindo com Iza uma cena do segundo bloco inicia Isabel querendo trocar as balas de uma cena em que eles fazem uma novela dentro da novela³⁶, assim palavras de Iza que por sua vez reafirma essa posição maldosa dela na novela. Mariane (Kéfera Bhuchman) pede Marcelo (Nikolas Antunes) em casamento ela afirma que cometeu um erro, e Iza ri que esse erro é se apaixonar. Diário de Campo, dia 1, 01/04/2019.

No núcleo de Mercedes (Fernanda Montenegro), introduz uma cena que ela e a neta, Cléo (Giovana Cordeiro), sentem uma conexão com outro plano, e Josafá (Lima Duarte) fica questionando o porquê Mercedes tem que dar atenção ao espíritos, Mariza ri e comenta: “está com ciuinhos(sic), tá querendo xodozinho.” Rimos. Diário de Campo, dia 3, 26/04/2018.

Quando Francinete saiu do banho a novela já havia começado, então o primeiro bloco foi Julieta Bittencourt (Gabriela Duarte), estava beijando Aurélio (Marcelo Faria), então ela comenta: “ah ela quer ser durona, mas nem adianta, apaixonada véa. Povo morre de orgulho e não abre o coração, ne?” Diário de Campo, dia 4, 04/05/2019

A leitura é feita a partir de referências próximas que se tem, dessa forma, a realidade vivida as fazem negociar essa linguagem, partindo de suas próprias experiências. Essa linguagem negociada trazem uma autonomia no pensar, em que demarca esse processo ficcional do não-ficcional, isso nos remete a repensar em como esse momento é construtivo, pensando que elas consomem com uma significação particular, de quem são e como vivem. Há uma outra referência desse processo que parte de uma negociação, pensando em como vive e a partir de sua trajetória positiva.

Com Francinete em uma cena da novela “Orgulho e Paixão”, Ofélia (Vera Holtz) discutia com suas cinco filhas sobre casamento, com quem elas iriam casar e quando isso aconteceria. Assim Francinete comenta sobre as personagens: “as muié (sic) dessa novela tudo querem casar, uns homens bonitos, olha lá esse (uma cena com dois rapazes) e assim né, a gente pensa que só quer o melhor para nossas

³⁵ Referência de um programa televisivo de humor, no qual mulheres eram assistentes de palco.

³⁶ A história da novela das seis “Espelhos da Vida”, passou do período 25/09/2018 à 01/04/2019.

filhas, e então já pensamos que elas casem com homens ricos, por que isso é o melhor”, assim seguiu contando as histórias de suas irmãs que tiveram oportunidades de casar com homens ricos e não conseguiram aproveitar, por que não gostavam deles. Diário de Campo, dia 3, 26/04/2018

Com Francinete, passa uma cena que Jane (Pâmela Tomé) tenta convencer Camilo (Mauricio Destri) de que pode recomeçar uma vida nova, e de como eles podem ser independentes, sem precisar ir para casa de ninguém, ele não aceita. Logo ela encontra Elizabeta (Nathalia Dill) em que afirma que não é culpa dela. Francinete comenta cena falando que ele não queria ser pobre e já ela aceita essa condição, ainda morar na casa de outras pessoas, como Camilo quer, é muito ruim. Diário de Campo, dia 5, 09/05/2018

O patriarcado firma a posição do homem no centro e isso relativiza dentro das experiências vividas, em estamos inseridas nesse processo coletivo social. Com isso Francinete entende, e reposiciono que é a partir de sua própria experiência, como algo positivo esse processo, como algo que fosse destinado a nós enquanto futuro. É repensável sobre a necessidade de independência, e que dentro de uma colocação, essa é uma opção. Quando em outro momento ela entende que estudar faz parte desse processo de independência, e autonomia, principalmente financeira. Como ela apresenta em uma outra cena, a condição de se casar e de construir a vida.

No bloco 4 da novela “Verão 90”, Quinzinho (Caio Paduan) gosta de Dandara (Dandara Mariana), e na cena que eles se agarram e ele atrás dela, Iza afirma que ela só quer trabalhar e ganhar o dinheiro, que ela afirma que nenhum homem irá empatar a carreira dela. Que ela leva a sério o trabalho, Vanessa (Camila Queiroz) quer que Larissa (Marina Moschen) tenha um relacionamento com Quinzinho, em uma cena em que Vanessa fala seriamente com Larissa que ela não pode deixar ela fazer essa besteira quando Larissa afirma que não pode casar sendo apaixonada por outra pessoa. Iza afirma que Vanessa quer isso por que Quinzinho é milionário. Diário de Campo, dia 2, 09/04/2019

Contudo é percebido a representação da mulher negra que é sensualizada enquanto corpo e em negociação de linguagem com essa cena, Iza reage na defesa, valorizando-a, elucidando a importância do trabalho e da carreira para aquela personagem. Diante do contexto social em que estão inseridas, a partir dos valores próprios e de como assimilam as informações que são ali colocadas, a televisão faz parte da rotina diária. Em um espaço de acompanhamento a televisão incorpora um diálogo, envolvendo comportamentos e uma consciência que está sob negociação, a partir do sentido que é construído diante das diferentes realidades nas quais vivem no processo de recepção.

Assim como é percebido sobre os personagens vilãs e vilões e suas atitudes que permeiam pela telenovela, destoando do que entendem a necessidade da telenovela. Portanto quem recebe entende que isso não é um bom comportamento social.

Mariza comenta: “essa daí só faz isso, chega dá é raiva! Ela manipula todo mundo da novela!” Em uma cena que Catarina (Bruna Marquezine) faz mais uma

armação. Na cena Amália (Marina Ruy Barbosa) encoraja o rei Afonso (Rômulo Estrela) a nomear Selena (Marina Moschen) como chefe da guarda real, Mariza comenta: “isso dá sentido aos boatos que a Catarina inventou sobre ela né? De que ela é bruxa”. Assim termina Amália defendendo uma mulher que está sendo acusada de bruxaria, falando que bruxas não existem, e finalizando a cena chega o inquisidor Dom Bartolomeu (Stênio Garcia) afirmando a existência das bruxas. Mariza comenta: “eita! Que agora ela vai ser presa mesmo!” Diário de Campo, dia 7, 21/05/2018

Com Iza, inicia uma cena em que Janaína (Dira Paes) e Jerônimo (Jesuíta Barbosa) em que ele tenta uma reconciliação com ela, falando que gosta dela e entregando um alvará de funcionamento do restaurante que ela está organizando, Iza afirma que ele agora está tentando se passar por bonzinho, que ele armou para o irmão ir preso, e por isso ela não acredita mais nele. Assim Rosifram adianta a cena e comenta que Janaína não aceita o alvará do restaurante que Jeronimo foi entregar para ela. Iza acrescenta que “ele fez muita coisa, ele é o diabo!” Diário de Campo, dia 2, 09/04/2019

É perceptível como acontece a associação entre os comportamentos que aparecem na telenovela, transpondo para as experiências que elas passam, pensando nas pessoas próximas e como esse comportamento não acrescenta socialmente. Ainda há uma comparação com o que, no imaginário social, é ruim, como o diabo, e com a experiência de doença, que é um momento ruim, mas que mesmo nesse estado os comportamentos não mudam, como se não houvesse aprendizagem, isso é considerado.

A representação trazida referência a experiência comum da violência e pode ser observada uma realidade compartilhada e assistida. Uma vez questionada esse posicionamento sendo em qualquer relação amizade e familiar, a violência, seja ela psicológica ou de gênero, é mediada diante de possibilidades reais que são trazidas. E nesse processo de vivência, é perceptível o que se espera de pessoas que fazem maldade e tanto que é um comportamento reprovado. Em muitos casos são os que envolvem dinheiro, sendo esse um grande vilão, o que é possível considerar a capacidade ética das pessoas em relação ao dinheiro.

Com Mariza assistíamos a da novela “Do Outro Lado do Paraíso” e no primeiro bloco passou a Sofia (Marieta Severo) com o AVC, e o mandando o cara matar Caetana e Mariza comenta: “tem gente ruim nesse mundo, né? Que manda fazer essas coisas mesmo”. Diário de Campo, dia 5, 07/05/2018

Com Francinete assistindo a cena, Uirapuru (Bruno Gissoni) leva Lídia (Bruna Griphão) para esconderem em um prostíbulo. Lá ele fala para ela que são primas dele, que é para ela ficar tranquila. Francinete comenta que tem a possibilidade de ele prostituir ela. Diário de Campo, dia 5, 09/05/2018

Com Iza na cena do primeiro bloco, Jeronimo (Jesuíta Barbosa) aparece com Vanessa (Camila Queiroz) falando que está devendo em jogo, e estava se dinheiro pois havia sido roubado. Iza comenta “O cara agora vai se dar mal, porque já fez muita maldade.” Diário de Campo, dia 4, 03/05/2019

Camila comenta da novela das sete “Verão 90”: “o Jeronimo (Jesuíta Barbosa) querendo ser bom, para a mãe (Janaina/Dira Paes) dele acreditar, ela está acreditando nele e vai terminar brigando com o namorado, que não quer esse contato com o filho dela” e completa “estou acompanhando”. Diário de Campo, Roda de Conversa, dia 0, 16/05/2019

O acompanhar da telenovela desperta ainda mais curiosidade e a certeza do que se passa na trama. Dessa forma associar em como os personagens devem se comportar é uma linguagem preferencial, na qual se observa os comportamentos, e retratar o que pode ou não ser possível que aconteça. A partir da representação de comportamentos nas telenovelas, é percebido uma reprodução deles, uma vez que é trazido os padrões de roupas e de como é que deveria se comportar.

Com Francinete assistindo a novela, e como a novela se passa no início do século XX, no interior de São Paulo, no fictício vale do café. Os personagens em geral usam roupas longas, que cobrem todo o corpo. E observando isso Morena comenta que: “hoje em dia a gente fala que fulana ou sicrana está elegante, mas antigamente que as mulheres eram bem elegantes. Andavam todas vestidas, até as prostitutas andavam bem vestidas. Agora nos postinhos de saúde os médicos não atendem as mulheres que tiver mau vestidas, as muié(sic) vai para o postinho com umas roupas... tu já viu? Um dia fui na UPA com Abidias e apareceu uma mulher negra, assim, mais morena que eu, com uma tatuagem na perna do joelho até a coxa, com uma blusa daquelas que amarram na frente, bem apertada, gorda ela era. Diário de Campo, dia 4, 04/05/2018

Assim é possível perceber como esse padrão de comportamento é repassado e mediado para a não-ficcionalidade. É visto que a comparação com as roupas e os comportamentos, ligados a um certo período, sendo uma linguagem preferencial, como aponta Hall (2003). Essa linguagem em processo de recepção, é um padrão, podendo observar que a comparação de roupas e de fenótipo cromatográfica da pele também é considerado. Na qual ela entende que isso diferencia em muito os olhares e os comportamentos, em que é marcada pelo racismo.

Isabela comenta que antigamente teve muita novela boa. Maria Félix diz que a “Verão 90” é boa que passa muita coisa, conta muita história boa, e os atores são bons. Camila comenta que acha bonitinho o jeito que a menina se veste, a do João (Manu/Isabelle Drummond), eu acho engraçadinho, eu gosto de acompanhar ela. Maria Félix diz que ela é a Emília. Camila diz que por nome é ruim, Isabela diz que não sabe nome de personagem, só da vida real; A Emília do Sitio do Pica Pau amarelo, que não faz muito tempo, ai e faz né? Quando teve o atentado das torres gêmeas lembro que estava assistindo o sítio do pica pau amarelo, era criancinha, estava na quarta série. Juscilene afirma que gostava de teletubes, e que até fugia da escola para assistir televisão, era o jeito, por que não gostava. Diário de Campo, dia 0, 16/05/2019

A televisão participa da vida e crescimento, marcando as trajetórias, em crescimento, em memória e referências, o que ainda tem uma ideia cronológica de sua infância, adolescência e fase adulta. É percebido que as telenovelas são assistidas devido a um

movimento cultural construído na sociedade brasileira, em que se faz presente diante de gerações, sendo referenciados os atores e atrizes, acompanhando e fazendo parte dessa vida na telinha. Além da formação de comportamentos e padrões, a televisão, mais propriamente aqui a telenovela, marca trajetórias e experiências, que muito gira em torno dessa programação.

Essas experiências são elementos que perpassam a dessas pessoas como a formação individual e coletiva de assimilação a uma realidade construída para uma vivida, assim esses elementos formam o processo de mediação. Essas realidades e os processos políticos constituem nessa relação de construção dos processos econômicos e sociais, dentro da articulação de significação que se faz a partir da construção do sujeito, sendo os significados que são assimilados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho vem de encontro com uma discussão sobre o ambiente doméstico e a rotina, apresentando o cotidiano como o principal mediador sendo ele o momento de assistir a telenovela, considerando o que é feito antes, durante e depois desse ápice. De modo a demonstrar o que simboliza para as mulheres essa ocasião, o que pode acontecer em casa, falando das novelas que passam pela primeira vez, ou as que se repetem, que podem ser (re)assistidas na rua ou no trabalho. Podemos dizer ainda que a telenovela, com sua narrativa do cotidiano, é comentada ao mesmo tempo que vista, nessa lógica de leitura a conversa é onde circula as informações, acontece as discussões acerca das preferências e sobre as próprias histórias.

Pensar em contar a história dessas mulheres através do diálogo entre suas histórias de vida e a telenovela se revelou desafiador, visto que precisávamos compreender como esse momento de assistir televisão marcam os seus cotidianos e constrói significados para elas, em muitos rememorei minha trajetória, pensando em como a televisão fez parte da minha vida e como é possível identificar essa e outras marcas na vida dessas mulheres. Suas memórias, histórias, reflexões e aprendizados são partes fundamentais em um todo complexo e diante de considerações que são representadas marcando fases e produzindo memórias.

As memórias que ficam e fixam em fases convergem com as experiências de vida e as convivências, que por vezes até as provocam, sendo um ponto de intersecção. As possibilidades da relação com o externo para o interno, está presente familiarmente no seio do ambiente doméstico, assim como pontua para as relações comunitárias.

A partir da compreensão de que o privado é pessoal, foi possível apontar como esse momento demarca além do que as representações levam as casas e vidas das receptoras. Que em muitos casos assistir a telenovelas é um momento de lazer que é interseccionado com questões de classe, de raça e de escolhas, que muitas vezes não há opções para esse lazer propriamente dito, o que destoa do imaginário social sobre o consumo televisivo. Esse processo diz muito sobre como a sociedade se organiza e como as oportunidades são distribuídas. O que ainda está para acontecer na televisão, pois essas discussões poderiam ser mais aprofundadas, mas diante da indústria cultural, a ideia de comercialização se faz e prevalece, consequência de uma sociedade que visa mais o capital econômico que o cultural.

Visando a observação e a discussão com centralidade feminista, sendo as mulheres protagonistas do trabalho, como se organizam entre si economicamente e que a partir dessa

organização é notado as prioridades do lazer, do futebol à importância social da igreja, tendo em vista que é um refúgio entrar nesse mundo da telinha e fixar esse momento como descanso da realidade. E vai além disso, por que a partir da construção de sentidos e significados podem ser rompidos ou reforçados. Perceber que há importância na valorização de si, nas questões de estudos e isso no avanço intelectual, é extremamente significativo.

O consumo é realizado a partir de pontos culturais, que são construídos consigo como sujeita, a construção da subjetividade e da coletividade. Do conforto do lar à tela do celular, esse consumo é feito e produzido em muitos retratos de sonhos e vontades, de comportamentos e reflexões, que perpassam e produzem através de linguagens negociadas, preferenciais e de oposição, que acontecem entre essas mulheres. Diante dessas linguagens a vivência traz muito sobre como é interpretado de associações que passam nas novelas, diante de o que é possível e o que destoa da realidade que vivem. As representações sobre as pessoas que aparecem na televisão são predominantemente hegemônicas, o que reafirma um padrão estético que dificulta essa internalização da consciência racial, que nos remete a falsa democracia racial brasileira, dentre outros assuntos.

Assim, nosso intuito foi apontar a partir do consumo televisivo feito por mulheres, desde a construção das suas identidades e subjetividades, como a cultura, mas não só ela, é extremamente importante para compreendermos suas relações a partir do consumo, entendendo que as relações sociais constroem comportamentos. Assim as mediações das vivências e experiências dessas mulheres as fazem enxergar o outro e a si enquanto parte da sociedade, bem como os percalços enfrentados por ser mulher e a partir disso gerando uma sociabilidade que promove uma rede entre elas.

A discussão permeia por vários pontos, dentro dos vieses acadêmicos para os práticos do cotidiano, na qual era essa a ideia central, trazer a vivência de mulheres para a discussão acadêmica. Tendo visto que falar desse ponto não é confortável diante da série de privilégios que nos encontramos ao transitar pelo ambiente acadêmico, no entanto as leituras e a metodologia nos fizeram perceber o quanto é necessário aprofundar sobre a discussão de raça e de gênero, trazendo as questões feministas, em que usamos o plural pois são muitas questões a tratar sobre as mulheres.

A escolhas de leituras para esse trabalho foi construída a partir de discussões que traz como perspectiva as mulheres em lutas e dificuldades, para as que discutem/discutiam essas questões - raciais, gênero e classe, tanto das mulheres como da sociedade. E trazer para a

perspectiva da telenovela não foi fácil, devido ao abismo da academia para a realidade em nossa sociedade brasileira, uma vez que a telenovela é marginalizada, no entanto são acessadas pela coletividade social, portanto queríamos analisar quem as acessa. Dessa forma, ao trazer a centralidade mulheres e trabalhar na perspectiva de vivências, faz com que apresentemos mais outras autoras que discutem isso em um olhar sensível, que consegue adentrar na singularidade dessas discussões feministas, vendo a realidade e enxergando essas mulheres.

Das discussões apresentadas durante o trabalho, a necessidade de entender que a novela traz uma forma provocativa do pensar com que essas mulheres submergem em pensamentos e criam formas de pensar a partir do que vivem e do que assistem, na forma de entender como que há uma transformação de enxergar o mundo, quando se percebe no trabalho, na vontade de estudar, ou almeja algo que na representação consegue proporcionar uma forma de olhar. Se entende que poderia ser trabalhada mais profundamente nos enredos das telenovelas, mas que incluem a representatividade na televisão, consegue através disso permear entre o senso crítico e as diversas formas de criar que as sujeitas têm.

Importância da discussão social presente nas novelas proporcionam que discutam o discutido politicamente, como as questões de identidade de gênero de violência, o que faz com que as mulheres que assistam novelas possibilitem outro olhar sobre essas subjetividades, ainda mais, se enxergam dentro desses processos sociais.

Contudo, sabemos que não esgotamos as formas de discussão deste trabalho, o qual é um processo de descoberta a cada leitura e conteúdo explorado. Como estudar as mulheres negras traçando classe e cotidiano, o que me fez entender o meu lugar de que não basta falar apenas das mulheres negras, isso elas já o fazem. Mas falar do lugar privilegiado branco, da importância da discussão e dos apontamentos de como somos uma sociedade racializada, e que dentro de nossos privilégios além de reconhecer é discutir como podemos diminuir diariamente essa distância sócio-racial.

REFERÊNCIAS

- ALDEMAN, Miriam. Feminismo, pós-colonialismo e novas narrativas sociológicas. **In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS.** Caxambu, Minas Gerais. 2004
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. Melodrama comercial – reflexões sobre a feminilização da telenovela. **Cadernos Pagu**, número 19, p. 171 - 194, 2002.
- ALMEIDA, Heloisa Buarque de. **Telenovela, Consumo e Gênero**: “muitas mais coisas”. Bauru, São Paulo. Editora Edusc. 2002.
- ANDRADE, Danúbia. Relações raciais na telenovela “Duas Caras”: Evilásio e Júlia: um romance inter-racial. **Revista Rumores**. Edição 6, vol. 1, set-dez, 2009.
- ANDRADE, Danúbia. Representação da identidade negra na telenovela brasileira Uma construção negativa? **Intercom, XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2007. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0667-1.pdf>> Acesso em
- BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, volume 21(2), p. 659-688, maio/agosto, 2013.
- BAIROS, Luzia. NOSSOS FEMINISMOS REVISITADOS. **Estudos Feministas**. Número 2, ano 3, p. 458-463, jul-dez, 1995.
- BALTAR, Mariana; **Realidade Lacrimosa**: Diálogos entre o universo do documentário e a imaginação melodramática. 278 f. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade Federal Fluminense, 2007
- BONETTI, Alinne de Lima. Etnografia, Gênero e Poder: Antropologia Feminista em Ação. **Mediações**. Londrina, v.14, n.2, p. 105-122. Jul/Dez 2009.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. **Novela é coisa de mulher?** Sem data. Disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/9ec6f0f5a423f4a7de3eb5a4af70937e.pdf>> Acesso em 20/07/2018.
- _____. **TELENOVELAS BRASILEIRAS** balanços e perspectiva. **São Paulo em Perspectiva**. Número 3, vol 15, p. 29-36, 2001
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. Número 17, volume 49, p. 117-132, set, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 16 edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 316 p. Tradução de: L'invention du quotidien 1^a. Arts de faire.
- CRENSHAW, Kimbelé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. 2012. Disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> Acesso em :01/10/2018.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação de sujeitos periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo.** 295 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade de São Paulo, 2013.

_____. Periferia, substantivo feminino. **Revista Geni.** Junho, 2016 Disponível em <<http://revistageni.org/06/periferia-substantivo-feminino/>> Acesso em 15/08/2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **As identidades de gênero nos estudos brasileiros de recepção.** Comunicação e gênero [recurso eletrônico] : a aventura da pesquisa / Ana Carolina D. Escosteguy (Org.) – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008. 173 p.

_____. **Os Estudos Culturais.** s.d. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf> Acesso em 02/08/2018.

_____. Estudos Culturais latino-americano e Jesús Martín-Barbero: Mais afinidades do que disputas. **Matrizes,** São Paulo, v.12, n.1, jan/abr, 2018.

FARIA, Nalu; TEXEIRA, Marilane Oliveira. **Empoderamento econômico das mulheres no Brasil:** pela valorização do trabalho doméstico e do cuidado. Editora OXFAM Brasil. São Paulo, junho 2018.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. Movimentos Feministas. Tradução Vivian Aranha Saboia In: HIRATA, Helena [et al.]. **Dicionário Crítico do Feminismo.** São Paulo. Editora UNESP. 2009, p. 144-149. Tradução de Dictionnaire critique du féminisme, 2e. éd. augum.

GONZALEZ, Lélia. O movimento negro na última década. In: Gonzalez, Lélia e Hasenbalg, Carlos. **Lugar do negro.** Editora Marco Zero, Rio de Janeiro. 1982, p.9-43.

_____. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje.** ANPOCS, p. 223-244, Rio de Janeiro, 1984.

GREGORIO GIL, Carmen. Tensiones conceptuales en la relación entre género y migraciones. Reflexiones desde la etnografía y la crítica feminista. **Papers.** Número 97, vol 3, p. 569-590, mar, 2012.

_____. Traspasando las fronteras dentro-fuera: Reflexiones desde una etnografía feminista. **Revista de Antropología Iberoamericana (AIBR).** Número 3, vol 9. p. 297-322, sept – dec, 2014.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Acesso de negros às universidades públicas. **Cadernos de Pesquisa.** Número 118, p. 247 - 268, março, 2003.

_____. RACISMO E ANTI-RACISMO NO BRASIL. **Novos Estudos.** CEBRAP. Número 43, p. 26-44, nov, 1995.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. **In: Geografia: conceitos e temas.** Castro, Iná Elias; Gomes, Paulos Cesar da Costa; Corrêa, Roberto Lobato (org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000. p 165 - 205.

- _____. Região, Diversidade Territorial e Globalização. **GEOgraphia**, ano 1, n.1, 1999.
- _____. Território e Multiterritorialidade: Um Debate. **GEOgraphia**, ano IX, n.17, 2007.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Louro Lopes. 11ª ed. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.
- _____. **Cultura e representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro, Ed PUC-Rio, Apicuri, 2016. 260p.
- _____. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HAMBURGUER, Esther. **O Brasil Antenado**: A sociedade da novela. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.
- HASENBALG, Carlos. Raça, Classe e Mobilidade. In: Gonzalez, Lélia e Hasenbalg, Carlos. **Lugar do negro**. Editora Marco Zero, Rio de Janeiro. 1982b, p. 67-103.
- HOFF, Tuize Rovere. Mulher, segregação urbana e redes de sociabilidade: Uma alternativa de (re)ação feminina? In: VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: **Territórios, Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios**. Santa Catarina, Rio Grande do Sul, set, 2017.
- HOOKS, Bell. Mulheres Negras: Moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**. Brasília, número 16, p. 193-210, jan-abr, 2015.
- LAMOUREUX, Diane. Público/privado. Tradução de Naira Pinheiro. In: HIRATA, Helena [et al.]. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo. Editora UNESP. 2009, p. 208-213. Tradução de Dictionnaire critique du féminisme, 2e. éd. algum
- LOPES, Maria Imaculata Vassallo; BORELLI, Silvia Helena Simões; RESENDE, Vera da Rocha. **Vivendo com a telenovela**: me diações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo. Editora Summus, 2002. 392p.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Mediação e Recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Revista Matrizes**, São Paulo, v.8, n.1, jan/jun, p.65-80, 2014.
- _____. **TELENOVELA BRASILEIRA: UMA NARRATIVA SOBRE NAÇÃO. Comunicação & Educação**. Volume 26, p.17 -34. São Paulo, jan/abr, 2003.
- _____. **PESQUISAS DE RECEPÇÃO E EDUCAÇÃO PARA OS MEIOS. Comunicação & Educação**. V 6, páginas 41-46, São Paulo, mai/ago, 1996.
- MARCONDES, Mariana Mazzini. Cuidados: práticas sociais e ideologias. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress: **Transformações, conexões e deslocamentos**. Anais Eletrônicos. Florianópolis, Santa Catarina, 2017.

- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 5ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. 360p.
- MATOS, Maurício; O que fazemos com a subalternidade. In: OLIVEIRA, Marinyze Prates; MATOS, Maurício Matos dos Santos Pereira. **Subalternidade em perspectiva**: limites, ausências e devires. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 39-58
- MORAIS, Itamar Araújo. **Araguaína (TO)**: enquanto cidade média no contexto regional. 130f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade de Brasília, 2014.
- NOVAES, Elizabete David. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. **História e Cultura**, Franca, v.4, n.3, p 50-66, dez, 2015.
- _____. Experiência Feminina: Política, Sociabilidade e Solidariedade na periferia. **Cadernos CERU**, série 2, n.12,p.53-67, 2001
- PRYNSTON, Angela. Teorizando o Terceiro Mundo: estudos culturais, pós-colonialismo, subalternidade. In: OLIVEIRA, Marinyze Prates; MATOS, Maurício Matos dos Santos Pereira; CARRASCOSA, Denise. **Cartografias da subalternidade**: diálogos do eixo sul-sul. Salvador: EDUFBA, 2014. p. 99-118.
- RATTS, Alecsandro José Prudencio; Gênero, raça e espaço: trajetória de mulheres negras. **In: XXVII Encontro da ANPOCS**. Caxambu, Minas Gerais. 2003.
- RICÓN, Omar. Nuevas narrativas televisivas: relajar, entretener, contar, cidadanizar, experimentar. **Revista Científica de Educomunicación**. Comunicar, v. XVIII, nº36, p. 43-50, jan/abr, 2011.
- SACRAMENTO, Sandra Maria Pereira; NEIVA, Luciano Santos. **Mulheres na periferia**: feminismo e transgressão em *Guerreira* de Alessandra Buzo. **IPOTESI**, Juiz de Fora, v.15, n.2 – especial, p.81-92, jul/dez, 2011.
- SANTOS, Gleys Ially Ramos. **Mulheres em Movimento [manuscrito]**: os limites do espaço e do gênero em face do movimento de mulheres trabalhadoras rurais no Tocantins. 230 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal do Goiás. 2013.
- SILVA, de Joselina. O pensamento das mulheres negras expresso nos jornais do movimento negro dos anos oitenta. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11& 13th Women's Worlds Congress: **Transformações, conexões e deslocamentos**. Anais Eletrônicos. Florianópolis, Santa Catarina, 2017. Disponível em <http://www.en.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1498856348_ARQUIVO_Finallissimotextofazendogenero2017.pdf> Acesso em 18/08/2019
- SOUZA, Jessé. **A construção da subcidadania**: para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2003, 207p.
- SOUZA, Lorena Francisco; RATTS, Alecsandro J.P. Raça e gênero sob uma perspectiva geográfica: espaço e representação. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, Goiás, v.28, n.1, p.143-156, jan./jun, 2008.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**. Número 20, Edição Especial, p. 70-77, 2008

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2010, 133p. Tradução Can the Subaltern Speak?

TRONTO, Joan. Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso?. In: JAGGAR, Alison; BORDO, Susan. **Gênero, Corpo, Conhecimento**. Tradução de Britta Lemos de Freitas. Editora Record: Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro, 1997.

TURRA NETO, Nécio. **Enterrado, mas ainda vivo!**: identidade punk e território em Londrina. 2001. 226f. Dissertação (Mestrado em Geografia no Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2001.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.15, n.44, out, 2000, p.5-34.

VELHO, Gilberto; VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. **Artefato: Jornal de Cultura**. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, jan, 1978.

APÊNDICE - RESUMO DAS NOVELAS ACOMPANHADAS

A novela da Rede Globo “Do Outro Lado do Paraíso” foi uma novela das nove, que teve início 23 de outubro de 2017 e finalizou em 12 de maio de 2018. Escrita por Walcyr Carrasco. Em um enredo que se passa no Tocantins, a trama desenvolve através de roubos de esmeraldas. Dividida em duas fases com dez anos de diferença, apresenta discussões acerca de grilagem, riquezas naturais e outros como apresenta o autor em uma entrevista: “Sobre essa estrutura, surgiram os temas modernos, como violência à mulher e abuso sexual. Mas sempre dentro de uma estrutura ágil, rápida, como exige o folhetim.” Disponível em <https://gshow.globo.com/novelas/o-outro-lado-do-paraíso/noticia/walcyr-carrasco-avalia-sucesso-de-o-outro-lado-do-paraíso-melodrama-tradicional-sem-vergonha-de-ser.ghtml> Acesso em: 16/08/2019.

Segundo Sol, uma telenovela da Rede Globo, passada no horário das nove horas, iniciou em 14 de maio de 2018 e término em 9 de novembro de 2018. Ela se passava na cidade de Salvador, Bahia, e polemizou pela falta de atores negros escalados. Dessa forma, seguiu com a história de Beto Falcão, um cantor de axé que vê sua carreira decolar novamente após ser dado como morto, e então precisa deixar sua cidade. Ao chegar em Boiporã, vive uma história de amor com Luiza, até que sua ex, Karola, interrompe o romance. Escrita por João Emanuel Carneiro. Disponível em <https://gshow.globo.com/busca/?q=sinopse+segundo+sol> Acesso em: 16/08/2019.

“Orgulho e Paixão” uma novela das Rede Globo, exibida no horário das seis, que iniciou em 20 de março de 2018 e finalizou 24 de setembro do mesmo ano. Segundo uma nota da emissora resume a trama “Em uma sociedade onde o casamento é visto como o único futuro possível para uma mulher de boa família, Elisabeta é uma jovem libertária e cheia de sonhos que tem uma ousadia natural em sua personalidade e enfrenta os conflitos sociais e de conduta. Ela resiste se envolver com Darcy, enquanto sua mãe, Ofélia, tenta casar todas as filhas: Jane, Cecília, Lídia e Mariana”. A telenovela é inspirada em romances de Jane Austen e escrita por Marcos Bernstein. Disponível em <https://gshow.globo.com/busca/?q=sinopse+orgulho+e+paix%C3%A3o&page=1> Acesso em: 16/08/2019.

A telenovela “Espelhos da Vida” uma novela das seis da Rede Globo, iniciou em 25 de setembro de 2018 e encerrou em 1 de abril de 2019. Segundo a emissora “Escrita por Elizabeth Jhin, história de amor, mistério e vidas passadas tem Vitória Strada, João Vicente

de Castro, Alinne Moraes, Rafael Cardoso e mais no elenco”. Disponível em <<https://gshow.globo.com/busca/?q=sinopse+espelhos+da+vida&page=1>> Acesso em: 16/08/2019.

A novela das sete, exibida de 29 de janeiro de 2019 à 26 de julho de 2019. Escrita por Izabel de Oliveira e Paula Amaral, traz a história de “de João, Manuzita e Jerônimo que fizeram sucesso com o grupo Patotinha nos anos 80. Eles se reencontram nos anos 90 já crescidos e com muitos sentimentos mal resolvidos.” Disponível em <<https://gshow.globo.com/busca/?q=sinopse+ver%C3%A3o+90&page=1>> Acesso em: 16/08/2019.